

NÚMERO 5 | OUTUBRO 2020

revistapandava.pt

पान्दवर्ष

व इवोद्वेतराव वेव नवोव



A Filosofia da Índia e os Oito Tipos de Riquezas

Shankaracharya, uma Lição de Pedagogia Eterna

Como é que se adapta um Épico? O Mahábhárata no Kalyug de Benegal

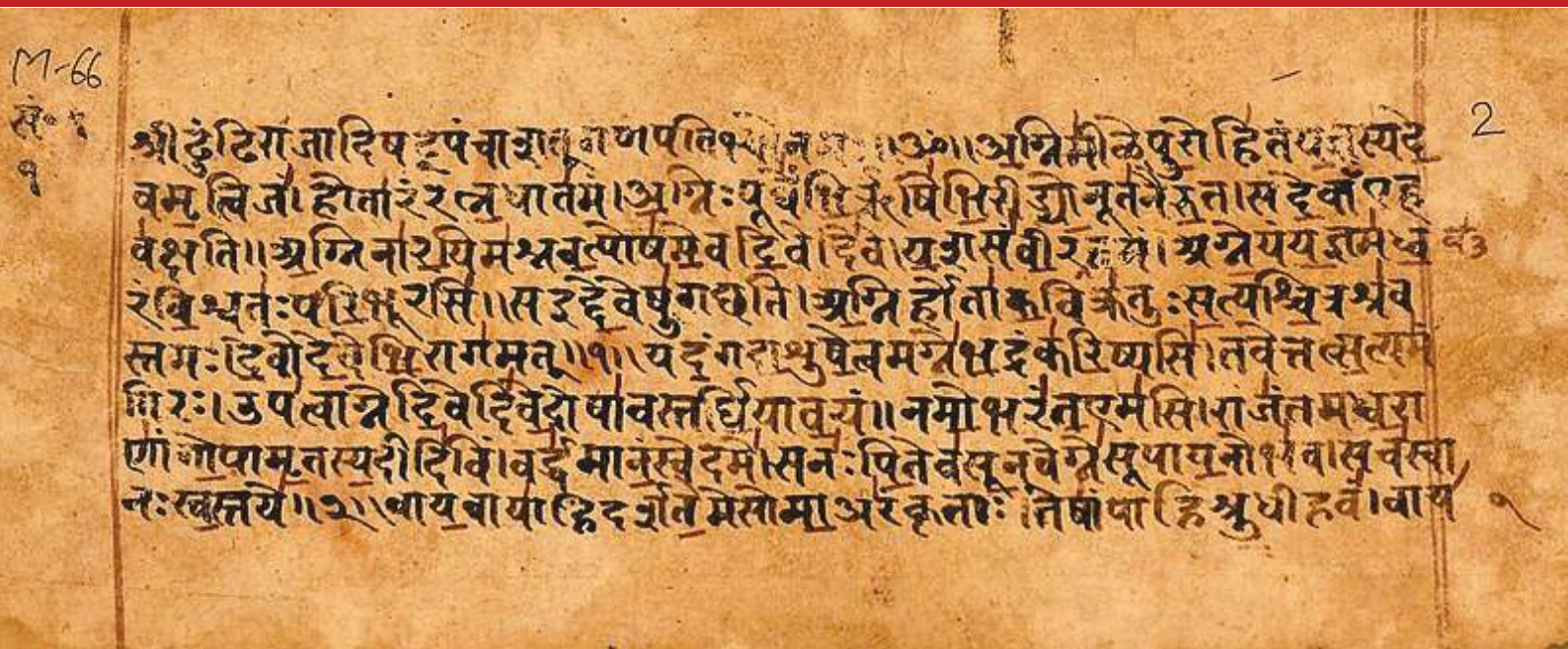
Reencarnação e Concepções Budistas. Terei Sido Cleópatra?

Star Wars e o Ramayana: Relação Simbólica

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

CONTEÚDOS

- 3 Uma Interpretação Psico-Espiritual dos Deuses Védicos**
Por José Carlos Fernández
Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal
- 11 Shankaracharya, Uma Lição de Pedagogia Eterna**
Por Hélio de Orvalho
- 19 Como é que se adapta um Épico? O Mahábhárata no Kalyug de Benegal**
Por Ricardo Martins
- 28 Os Doze Signos do Zodíaco**
Por T. Subba Row
- 36 As Cinco Leis Cósmicas ou Inevitabilidades do Budismo**
Por José Carlos Fernández
Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal
- 42 Reencarnação e Concepções Budistas – Terei sido Cleópatra?**
Por Juan Martín
- 45 Yudhishtira e o Lago Dharma**
- 52 Sutta Pitaka: Soluções Espirituais que ainda estão vigentes**
- 60 Beethoven e os Upanishads**
Por José Carlos Fernández
Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal
- 64 Gandhi, o Homem que não quis Reinar**
Por Francisco Capacete
- 68 Bahvricha Upanishad**
Traduzido da versão inglesa do
Dr. A. G. Krishna Warrior
- 71 O Cordão Bramânico**
Por A. Sarman
- 73 Discurso sobre o Reino**
- 76 Star Wars e Ramayana: Relação Simbólica**
Por Cleto Saldanha
- 83 A Filosofia da Índia e os Oito Tipos de Riquezas**
Por José Carlos Fernández
Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal



Escritura dos Vedas. Creative Commons

Uma Interpretação Psico-Espiritual dos Deuses Védicos

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

“O pensamento onde os deuses se reúnem in secretum, nada sabemos dele.”

Veda Rig 10.12.8

Afirmámos algumas vezes que os Vedas, a “Bíblia mais antiga da Humanidade”, é uma fonte inesgotável de poesia, filosofia e misticismo. Cada um dos seus mantras é uma jóia de significados iridescentes, agrupando-se, apenas no Rig Veda, em 1028 Hinos que são, também, em grande parte a base dos seus cantos (Sama Veda) e rituais (Yajur Veda). A Escola Mimamsa (uma das Seis Darzanas) faz uma interpretação ritualística de todos estes livros sagrados, e deve haver até mesmo interpretações esotéricas que são transmitidas da boca ao ouvido e englobam mistérios astrológicos, alquímicos, teogónicos, de

cosmogénese e de antropogénese, como é o caso dos grandes Livros Sagrados, desde o Génesis bíblico ao Popol Vuh Maia.

Sri Aurobindo (1872-1950), um dos cam-piões defensores da independência da Índia, um místico, yogi e poeta, com uma obra colossal, dedicou vários dos seus estudos à tradução e interpretação de muitos destes hinos (por exemplo, os dedicados ao deus do Fogo, Agni), especialmente nos seus “Vedic and Philological Studies, Hymns to the Mystic Fire”, e em “The Secrets of the Veda”. Ken Wilber, dirá dele, que é o maior sábio filósofo da Índia moderna, que a sua influência foi sentida ao longo da segunda metade do século XX e ainda tem muito para contribuir.

A sua interpretação dos Vedas e dos seus deuses não é naturalista, onde estes últimos representam forças e elementos da natureza, como a aurora (Ushas), a tempestade (Indra), etc., nem tão pouco ritualista, onde todo o ensino é simplesmente como e porquê fazer certas cerimónias cujo conteúdo é mágico e auspicioso para os deuses nos concederem os diferentes tipos de riquezas (crianças, vacas, felicidade, saúde, conhecimento, etc.). Para Sri Aurobindo todos os deuses são forças espirituais para prosseguir no caminho para a Luz, poderes da alma da natureza que como deuses podem nascer no coração humano e de lá irradiar na sua ascensão e para o mundo. Os mantras são formas mágicas de aceder a estes poderes com base nas vivências do seu significado, uma vez que o ser humano é de natureza mental, daí a eficácia dos símbolos, como sons e imagens mentais. Esta é, afinal, o que podemos chamar de uma interpretação psicoespiritual dos mesmos.

O Dr. R.L. Kashyap, no seu livro “O Essencial do Rig Veda”, recolhe e sintetiza esta versão do Sri Aurobindo. Disse que os hinos “falam profusamente da ascensão espiritual sistemática da pessoa para o mundo da perfeição completa, subindo passo a passo em direção a ela. Os mantras revelam o papel desempenhado pelos vários deuses que ajudam ao longo do caminho, abrindo portas fechadas para explorar novos horizontes e destruindo com as suas luminosas armas ocultas os obstáculos que impedem a ascensão.” Destaca um hino no qual ele disse que para aquele que não sente na sua alma a presença destes poderes luminosos, de que lhe servirão estes textos sagrados?



Estátua de Sri Aurobindo, Paris. Public Domain

“Os Rik (alojam-se) no supremo éter indestrutível, aí onde todos os deuses se instalam. Alguém que não conhece Eso (Tat) que fará com o Rik?”

Rig Veda 1.164,39

E acrescenta que, segundo Sri Aurobindo: “Rik é o mantra da consciência Divina, este traz consigo mesmo a sua luz da revelação; o Yajus é o mantra do poder Divino, traz consigo a sua vontade ou capacidade de operação; Saman é o mantra da felicidade divina (ananda), e traz consigo a realização equânime do prazer espiritual da existência.” Ou seja, equivalente a um Primeiro Logos, no sentido neo-platónico (Ser-Vontade), Terceiro (Inteligência-Ação eficaz) e Segundo (Amor-Sabedoria e Energia-Vida).

É interessante como alguns dos *rishis*, poetas divinos autores dos hinos, que deviam ser autênticos Mestres de Sabedoria ou Iniciados, são mulheres, algo mais difícil ou mesmo proibido nas *Leis de Manu* (pelo menos na versão adulterada que nos chegou) em que à mulher é proibido o acesso a este Conhecimento. São 25 mulheres entre os 400 autores destes hinos, e os seus nomes e hinos, entre outros, serão contemplados num próximo artigo.

Também cita este místico e poeta quando explica o poder do mantra dos hinos védicos:

“No sistema dos antigos iniciados, que tem sobrevivido parcialmente nas escolas de Yoga indianas, a Palavra é um poder, a Palavra manifesta e cria. Porque toda a manifestação e criação é expressão, tudo existe previamente no suporte secreto do Infinito, *guhagitam*, e tem somente que manifestar-se aqui na sua forma aparente através da consciência activa. Certas escolas de pensamento védico até assumem que os mundos foram criados pela deusa da Palavra e que o som é a primeira vibração etérea que precedeu à formação e posterior materialização. No Veda há passagens onde se tratam os ritmos poéticos dos mantras sagrados como símbolos dos ritmos nos quais se projecta o movimento universal das coisas.”

A partir desta explicação espiritual, Agni, o deus do Fogo físico e também do digestivo, e até mesmo do estelar, evoca a Vontade Divina. É o poder universal da luz e do calor, e o poder da vontade quando está unida à sabedoria. O primeiro mantra dos Vedas é ao deus Agni e dele é dito “Ele traz aqui os deuses”. É a Chama que arde na obscuridade, e é por ele que se invoca: “A ti, Agni, dia a dia, noite e dia, através do pensamento, levados pela obediência, de ti nos aproximamos.”



Indra. Public Domain

Indra, que é o relâmpago, o ar, a tempestade significa o Senhor da Mente Divina, é quem faz, como o Zeus na Grécia, que os desígnios do *Fatum* se cumpram, é quem abre os caminhos na mente humana, lutando contra os monstros que a assombram e matam. Pois Ele é o “deus da luminosa inteligência”, o “destruidor das muralhas” que impedem a passagem da luz e da acção divina.



Sarasvati. Domínio Público

Sarasvati é um rio, uma corrente e o fluir de águas celestiais, como Hapi no Egito Antigo. Mas também é a Deusa da Inspiração, dessa música celestial que leva o homem ao reino dos Deuses.



Vayu. Domínio Público

Vayu é o deus do vento. Mas nesta interpretação transforma-se no Senhor das energias da vida, que rege o Prana em que se expressam as paixões, os sentimentos, emoções e habilidades.

Por isso ele disse:

“Que Vayu sobre nos nossos corações um bálsamo, o qual é curador e traz felicidade. Que prolongue as nossas vidas”

Rig Veda 10.186.1

Os **Ashvins**, que são os médicos dos Deuses, e noutra chave Mercúrio e Vénus, tornam-se os Senhores da Felicidade, que permitem que o corpo humano fique livre da doença e, assim, possa aceitar o Prana divino. Como diz o Rig Veda, “fazem ver ao cego e caminhar ao coxo”, e “com mel - místico - alegram os movimentos e os seus caminhos”. Como disse o autor de “A Essência dos Vedas”, eles “trazem consigo o prazer dos planos super-conscientes da Verdade e buscam aqui o Soma, o deleite da vida que goza o homem consciente de si na terra. Onde quer que eles vão, eles se comprometem neste duplo movimento de buscar o mel do Soma e derramar o mel da Divina felicidade. Com este mel de prazer eles adoçam todas as actividades do homem, atenuam e alegram o seu trabalho de ascensão. O seu mel nunca se esgota; o seu pote está sempre cheio.”

Mitra, que é o Deus da Justiça, da Luz solar, dos Contratos e da amizade entre os homens, e entre estes e os deuses, converte-se no Senhor do Amor e da Harmonia.

Varuna, Deus do Oceano e da Noite de Pralaya, guarda o coração de diamante do Cosmos que dorme, Deus dos Juramentos, converte-se no Deus da Pureza e do Infinito, que elimina da consciência todos os tipos de restrições no pensamento e na acção.

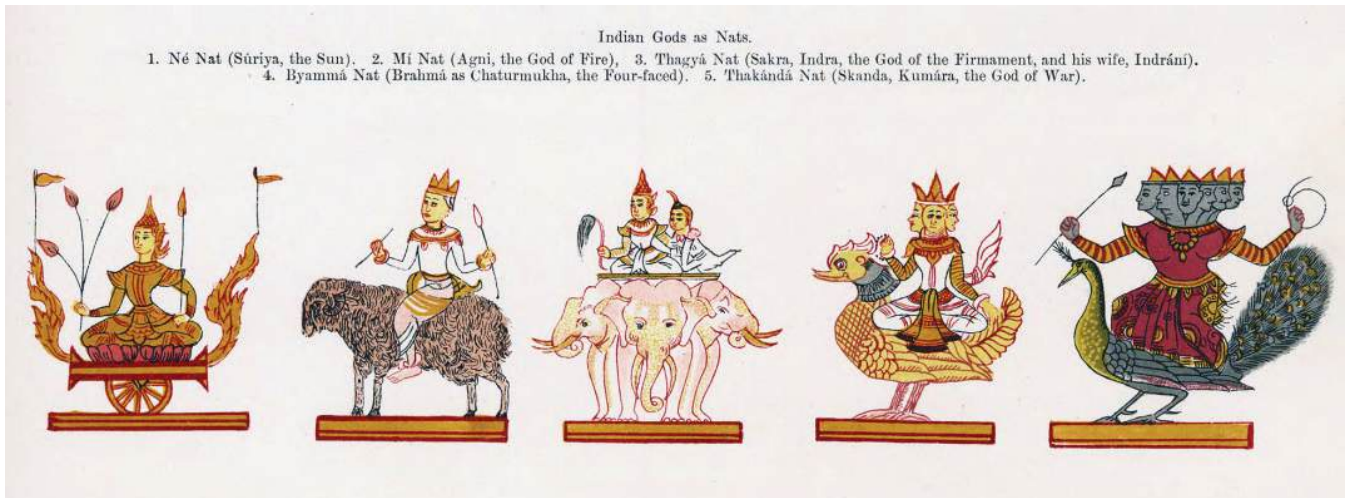
Segundo explica o autor de “A Essência dos Vedas”:

“Uma vez que os trabalhos da mente são constantemente interrompidos pelos elementos viciados de desejo, a preferência e o julgamento incorrecto, há uma falta de coerência e harmonia entre um e outro movimento mental; há uma pesada limitação imposta pela natureza dos sentidos através dos quais a mente se alimenta a si mesma. Há também influências no mundo que estão em oposição ao pleno desenvolvimento da mente em direcção à Verdade. Para superar tudo isso é invocada a ajuda de Varuna, “O Senhor da Pureza e da Vastidão”, que quebra as barreiras que limitam o ser e elimina as impurezas que se agarram a ele, e também a de Mitra que opera na pureza gerada por Varuna para estabelecer as harmonias e as alegrias das relações felizes, construindo um discernimento espontâneo entre o correcto e o incorrecto.

Sarama, que é a cadela de Indra, com a qual este Deus encontra e liberta as vacas Go (raios de luz, correntes de sabedoria) que haviam sido feitas prisioneiras pelos Panis, seres da Névoa, numa caverna. Nesta chave representa a intuição, a guia da luz na escuridão, que permite à mente encontrar o caminho e libertar a alma-sabedoria prisioneira.



Varuna. Public Domain



Surya (Thuriya), Agni, Thagyamin (Indra) com a sua esposa Indrani, Byamma (Brahma) e Skanda numa representação Birmanesa. Public Domain

Surya, com braços, mãos e cabelos de ouro, é o Deus Sol, chamado “O Senhor dos Raios de Luz” e o Karma Sakhsi, a testemunha das actividades dos homens, converte-se na suprema Deidade da Luz e da Força, o Sol interior radiante sobre a alma humana. “É a Luz e a Verdade mais elevada de todas.” Desperta na alma humana e destrói as forças da ignorância. “Ele ascende junto com as suas sete energias ou cavalos brilhantes em direcção ao oceano último da existência altíssima. Ele nos conduz à Verdade e à Imortalidade que estão além do mal e das trevas.”¹

“Contemplando a Luz altíssima para além da escuridão chegamos ao local da Divindade, ao Deus Sol, à Luz mais elevada de todas.”

Rig Veda 1.50.10

Savitri, seria, mais do que o Sol, é a sua irradiação, o seu dinamismo, o seu divino esplendor. Daí que o escritor Saiana diga que este é o nome do Sol antes do amanhecer. Mas depois vai se transformar na forma feminina Savitrí, com uma ou com seis faces sentada num lótus, ou simplesmente sobre as águas, levando uma concha e um disco “que simbolizam a manifestação do universo pela palavra - som original”²; noutra imagem leva uma maça e uma

espada, as forças para lutar contra os demónios; e noutra, numa mão leva a tigela com o licor do prazer “madhu” ou o segredo da manifestação (ananda), e com a outra abençoa os fiéis”. Dá origem ao mantra mais importante dos Vedas, atribuído ao rishi Vishvámitra, e que recebe o nome pela dimensão dos seus versos, com 24 sílabas:

oḥ bhūr bhuvaḥ svaḥ
tat savitur vareya
bhargo devasya dhīmahi
dhiyo yo na’pracoday’t

Que se traduz como: “OM, Terra, Céu, Paraíso / Esse Deus do Sol adorável / Na sua luz de Deus medito / Meditando naquele ardemos de entusiasmo”

O grande sanscritista e ideólogo fundador da Arya Samaj, Dayananda Sarasvati traduz assim:

Oh Deus! Tu és o Dador da Vida, aquele que remove a punição e a tristeza, aquele que concede felicidade. Oh Criador do Universo, possamos receber a tua suprema luz destrutora do pecado; guia a nossa mente na recta direcção.

¹ As duas últimas citações, do livro “A Essência dos Vedas”

² idem



Vishnu. Public Domain

Vishnu, que nos Vedas dificilmente aparece, é a Luz Divina-Logos que percorre em três passos o Universo, abrindo o espaço para a corrente da Vida, das almas que evoluem com Ele. Sri Aurobindo disse que “Vishnu estabelece o limite dos mundos interiores mediante a sua própria medida, dentro dos quais as acções da nossa alma tomam o seu lugar. É por Ele e com Ele que nos elevamos ao mais

Alto onde encontramos esperando por nós o Amigo, a Amada e a Beatífica Divindade”³



Rudra, Grutas de Elefanta, Ilha de Elefanta, Bombaim, Índia.
 Creative Commons

Rudra é o deus que uiva e luta para libertar a alma das suas limitações, e que se converterá em Shiva no hinduísmo. Nos Vedas ele é o deus do vento, da tempestade e da caça, e é chamado num hino do Rig “o mais poderoso dos poderosos” e até é identificado com Agni. Diz-se que encarna “o selvagem e o perigo imprevisível”. É um deus armado com arco e flechas da morte (e, portanto, de liberdade), “flechas que se estendem entre o céu e a terra”. É “extremamente aterrador” e “feroz como uma fera formidável” é o deus médico e “senhor das plantas curativas”.

Na interpretação psico-espiritual de Sri Aurobindo, Rudra é “o que conduz pela força esta criação para cima”. E ele, “humilha todos aqueles que arrogantemente obstruem o seu curso e mata

³ *idem*

adversários perversos; e embora seja terrível, Ele também é benéfico e compassivo com os aflitos.”

Soma, que é a Lua e o elixir místico que alimenta a alma, e para alguns uma bebida alucinogénia para promover o êxtase, significa nesta chave o “Prazer do Trabalho”, segundo Sri Aurobindo. Soma é o prazer da existência, a felicidade que se desprende da ação consciente e livre de desejos e medos. É o *ananda* ou felicidade como diz no Taittiriya Upanishad “aonde tudo nasce, tudo é sustentado, e para onde tudo caminha”. Disse o autor deste livro que “Soma é o contentamento proporcionado em qualquer trabalho que seja feito conscientemente” e que “Onde quer que a palavra

soma apareça no Rig Veda é acompanhada pelo epíteto Suta (o esforço de libertação). Quando fazemos todo trabalho conscientemente, estamos rodeados por este prazer. O significado pleno da existência só é realizado quando esta intrínseca *ananda* é produzida e completamente desenvolvida envolvendo a vida.”

Desta maneira, os Vedas, além de serem fragmentos sem vida de um passado remoto, e gerador de todo o tipo de superstições, convertem-se em ferramentas da vida interior e de compreensão, em armas mágicas, do conhecimento, para enfrentar as dificuldades que nos impedem de avançar em direção à felicidade e à Luz espiritual.



Shankaracharya. Creative Commons

Shankaracharya, Uma Lição de Pedagogia Eterna

Por Hélio de Orvalho

Shankaracharya foi um grande mestre indiano que deixou uma profunda marca nas tradições filosóficas da Índia.¹ Apresentamos aqui algumas reflexões sobre o método por ele proposto para que um mestre possa despertar o seu discípulo, baseados num excerto desse grande instrutor da filosofia Advaita Vedanta, intitulado “Um método para despertar o discípulo”:

“O professor é aquele que tem o dom de fornecer argumentos a favor e contra, de compreender as questões e de lembrá-las, que possui tranquilidade, autocontrole, compaixão e um desejo de ajudar os outros, que é versado nas escrituras e desapegado dos prazeres tidos ou por ter, que renunciou aos frutos de todos os tipos de ações, que é um conhecedor de Brahman e estabelecido Nele, que nunca transgride as regras de conduta, e que é desprovido de limitações como ostentação, orgulho, engano, artimanha, impostura, inveja, falsidade, egotismo e apego. Ele tem o único objetivo de ajudar os outros e um desejo de partilhar somente o conhecimento de Brahman.”²

1. O professor é aquele que tem o dom

Todos trazemos uma mensagem escrita na nossa alma. O caminho da vida deve ser escolhido de tal forma que a mensagem da alma possa ser entregue ao mundo, quer seja na forma do ensino, da arte, da ciência, do trabalho, ou qualquer outra das dignas obras humanas.

Há que reconhecer que nem todos podem ser ou tornar-se professores igualmente bons. O dom natural para ser professor, ou uma vocação de transmissão, é algo que nem todos têm. O dom pode crescer em quem já o tem em semente, mas não pode surgir em quem não o tenha em potência.

Não só para a arte de ensinar, mas também para todas as outras artes, a vocação está entranhada na natureza da nossa alma e precisamos encontrá-la e alimentá-la, seja ela qual for, para nos tornarmos autênticos e genuínos na realização da nossa missão no mundo.

2. Fornecer argumentos a favor e contra

O professor deve guiar o discípulo até à compreensão de verdades cada vez mais próximas da Verdade. O percurso faz-se através da devoção do discípulo pelo seu mestre, o que implica confiança e boa fé no que lhe é transmitido, encaminhando a sua investigação na direção apontada.

No entanto, como complemento à devoção, é necessária a investigação para que o discípulo desperte uma compreensão mais profunda que aquela possível somente através da crença na palavra do mestre. A investigação é uma caminhada através dos labirintos da mente e dos ensinamentos, é uma batalha contra as dúvidas, uma tensão perante dilemas, uma ousadia perante as sombras. É um percurso que, interiormente, se deve fazer a sós consigo mesmo.

Para auxiliar o discípulo a exercitar-se no labor da reflexão profunda, o mestre deve apresentar os exemplos a favor e contra cada questão ou ensinamento, evitando proteger demasiado o discípulo da confusão, confiando no seu discernimento e permitindo-o ocupar-se das ideias através de todos os pontos de vista possíveis. Afastar o discípulo dos argumentos contrários ao ensinamento é deixá-lo desarmado perante as controvérsias que encontrará no caminho, ou, o que é pior, é encobrir a insegurança do mestre quanto à mensagem que está a transmitir.

¹ Sugerimos a leitura do nosso outro artigo com o título de “O mistério de Buddha e Adi Shankara”.

² Traduzido do livro [A Thousand Teachings](#) (I. I. 6.), de Sri Shankaracharya.

3. Compreender as questões e lembrá-las

O professor não tem a missão de transmitir ensinamentos, mas sim de despertar o discípulo. A transmissão é um meio para o despertar, não a finalidade. Transmitir demasiados conhecimentos, como no fogo que se apaga com lenha a mais, reflete uma falta de atenção em relação ao discípulo.

O discípulo emana sinais que podem ser interpretados com vista a adaptar o ensinamento ao que ele necessita em cada momento. Não necessitam ser perguntas nitidamente elaboradas, nem sequer palavras expressadas em conversa. Podem ser posturas, movimentos, expressões, hesitações.

Compreender as questões não significa saber a que tópico se referem, para depois ser debitada toda a verdade acerca desse tema. De entre tudo aquilo que o mestre sabe, deve ser selecionado apenas aquele ensinamento útil em cada momento. Compreender as questões significa perceber onde está a raiz da confusão, a origem da dúvida, a imagem distorcida, para ser possível responder removendo a causa da não-compreensão e devolver uma nova organização às ideias do discípulo.

Na resposta, não deve ser perdida de vista a causa da questão, sob pena de fazer derivar o assunto e causar ainda mais confusão do que a originalmente identificada.

4. Possui tranquilidade e autocontrole

O professor deve manter a sua consciência elevada em todo o momento, especialmente em presença do discípulo durante a transmissão. Consciência elevada significa colocá-la acima dos seus próprios problemas pessoais, dos seus receios, de tudo aquilo que pode perturbar e, portanto, ofuscar a claridade dos seus raciocínios, a propriedade dos seus exemplos e a ajustada captação do que está a ser percebido pelo discípulo.

A tranquilidade pode ser perdida também pelo desacordo dos ouvintes, pela discórdia entre discípulos, por comportamentos desadequados, por interrupções inoportunas ou por manifestações de tolice. Mantendo o seu autocontrolo e nunca perdendo a iniciativa serena e delicada, o mestre deve ajustar com discernimento a trajetória dos ensinamentos, não guiado pelo medo ou pela vontade de imposição, mas guiado pela luz que vê o caminho através de um bosque de sombras.

Quando o mestre perde a serenidade da sua mente e se deixa afetar pelas suas emoções, transparece inevitavelmente a sua falta de concentração, a sua voz começa a tremer, surge a insegurança e perde assim o fio que devia guiar o discípulo através do labirinto, arriscando-se a atar e desatar nós desse fio que em, vez de guiar, aprisionará o ouvinte.

5. Compaixão e desejo de ajudar os outros

Para ensinar, o professor não deve apenas preparar a sua mente, mas também o seu coração. É uma elevação do sentimento o que torna possível uma conexão mais profunda entre mestre e discípulo: o mestre através compaixão, o discípulo através da devoção. Cria-se assim um laço de ouro por onde se derrama a luz da sabedoria.

Os conhecimentos presentes na mente devem estar impregnados de amor e compaixão, o que orientará a transmissão à ajuda do discípulo, acolhendo as suas falhas, não para as aceitar, mas para as iluminar de modo a que possam ser trabalhadas com as ferramentas transmitidas pelo mestre.

É este um estado de alerta, de vigilância, de sensibilidade em relação à vida interior do discípulo, capaz de perceber cada movimento da sua alma para que com ternas mãos invisíveis se possam curar as feridas dos seus erros e dos desvios, alentando-o a prosseguir através do longo e penoso caminho do disciplinado. Com um mestre, perto ou longe, um discípulo nunca está só.

6. Versado nas escrituras

Aquilo que é ensinado deve ir acompanhado de uma convicção interior. Sem estar convencido da sua mensagem, sem ter estudado e refletido profundamente sobre aquilo que se transmite, os exemplos tornar-se-ão ociosos, as palavras carentes de fundamento, e o ensino não terá a força suficiente para convencer nem inspirar o discípulo durante muito tempo.

Não pode haver dogma, mas deve estar seguro da doutrina. Dogma é uma crença cega, inquestionável, que não tem porque ser profundamente compreendida, apenas aceita. Doutrina é aquilo que se ensina, é a mensagem, o corpo do ensinamento, no qual se acredita depois de uma reflexão aprofundada. Para atingir um tipo de crença que não seja cega, mas apoiada numa firme coerência lógica

e racionalidade, uma crença filosófica, segura, por ser guiada pela intuição e sustentada pela maturação de cada uma das ideias, o professor deve adquirir o hábito de estudar continuamente, de ler, re-ler, comparar, resumir e preparar com esmero cada uma das aulas que vier a dar, ainda que já as tenha dado vezes sem conta.

O estudo mais importante deve dizer respeito à árvore da doutrina. Investigar as raízes antigas nos grandes mestres que lançaram os alicerces do sistema; ter presente o tronco das ideias fundamentais que constituem o ensinamento, separando o essencial do superficial; tomar consciência das ramificações e conseqüências práticas da aprendizagem; conhecer os frutos das obras que resultam de todos os que viveram e vivem a mesma doutrina.



Adi Shankara (~510 a.C. – 478 a.C.) com os seus discípulos. [Wikipedia](#)

7. Desapegado dos prazeres tidos ou por ter

O apego ao prazer arrasta o discernimento e condiciona a vontade. A imaginação criativa que gera imagens claras modeladas em torno da verdade, transforma-se pelo apego ao prazer em fantasias confortáveis que representam os desejos e nos desviam o olhar da estrela da verdade.

Os prazeres já tidos, se nos mantemos apegados a eles, criam na memória um critério artificial para a recordação, trazendo-nos preferencialmente o que nos poderia fazer sentir de novo o prazer, mas não necessariamente a recordação mais lúcida e adequada ao momento presente. O apego aos prazeres por ter, ou seja, os prazeres futuros ainda não experienciados, comanda os nossos planos e expectativas, dirigindo a mente para argumentações que nos irão aproximar desse objetivo.

Ser desapegado dos prazeres não é equivalente a não ter prazeres. Mas há que ter em conta que prazeroso não é sinónimo de bom. Pela encosta do prazer deslizam as piores atitudes humanas em direção ao abismo, quando não mantém uma certa moderação. O prazer, nem tão pouco a ausência dele, não é critério absoluto para a bondade de qualquer experiência. O dever, e não o prazer, devem ser o constante guia na determinação do ensinamento a transmitir.

8. Renunciou aos frutos de todos os tipos de ações

Ensinar, como todas as outras ações, gera os seus frutos ou resultados. Alguns desses resultados serão bons, outros não tão bons. O resultado almejado pelo mestre através das suas ações, das suas palavras e do seu exemplo, é que o discípulo desperte, que aprenda a conhecer-se melhor, que avance na compreensão das leis da natureza, que se fortaleça interiormente para vencer todos os obstáculos e superar todas as provas no caminho do discipulado. Nenhum desses frutos pertence ao mestre, mas ao discípulo.

Quando o discípulo avança, não deve o mestre considerar como tendo obtido um fruto para si, pois o resultado não lhe pertence. Quer o discípulo reconheça quer não, ainda que o discípulo caia na ingratidão, esse resultado em nada tirará valor às ações do mestre, se estas tiverem sido justas. O vínculo mestre-discípulo, ainda que se torne inamovível, está alicerçado na mais pura liberdade, única capaz de gerar a mais justa e genuína obediência.

Especialmente no acto da transmissão, o resultado não depende apenas do ensinamento do mestre, mas também da recepção do discípulo. Por mais que o mestre seja exemplo, por mais que as palavras sejam inspiradas, por mais que as ações sejam justas, o discípulo fará a sua assimilação e progresso apenas na medida do seu próprio esforço e discernimento. Depende do mestre esmerar-se naquilo que é o seu papel, o de transmitir, e não apegar-se a uma expectativa de determinado resultado que depende em grande medida do trabalho do discípulo.

9. Que é um conhecedor de Brahman e estabelecido Nele

Para a maioria de nós há uma diferença entre o conhecedor, o conhecimento e aquilo que é conhecido. Costumamos considerar a realidade como algo externo a nós, acerca da qual obtemos conhecimento. Consideramos, também, que não somos o conhecimento que temos. Somos sempre o mesmo, com pouco ou com muito conhecimento.

Mas para aquele que é um conhecedor de Brahman, se é um conhecimento verdadeiro e profundo, para aquele que está estabelecido Nele, desaparece a diferença mencionada. A realidade, o conhecimento e o conhecedor tornam-se um só. Brahman é a divindade Una que está presente em todos os seres, a qual se tornou consciente no verdadeiro mestre.

Brahman é a única realidade a ser conhecida, tudo o resto não passando de ilusões mais ou menos fugazes. Brahman é o único conhecimento

verdadeiro, por ser em si mesmo a Verdade. Brahman é, por tudo isso, o único Conhecedor absoluto, cuja luz se infunde na alma do mestre iluminado e lhe permite guiar o discípulo, trazendo-o até si.

Shankaracharya, tal como é citado por H.P. Blavatsky, diz-nos que “O conhecimento do Espírito absoluto, como a refulgência do sol, ou como o calor do fogo, é nada mais que a Essência absoluta em si mesma.”³

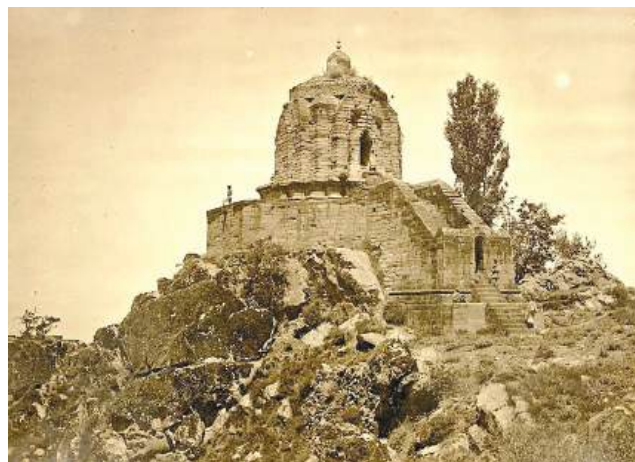
10. Nunca transgride as regras de conduta

A mais segura e inspiradora forma de transmissão entre mestre e discípulo é o exemplo. O exemplo da própria vida é a obra mais importante a ser construída com o tempo que temos disponível. Gera uma linguagem direta, clara, humana, pois é a própria linguagem da vida.

Os olhos do discípulo, qual onisciência sempre atenta, vêm e aprendem de forma mais profunda os exemplos do que ouvem e assimilam as palavras do mestre. Contudo, ainda que nenhuma consciência permanecesse acesa no universo para observar os seus actos, nem nesse momento o verdadeiro mestre moveria um só átomo da sua conduta. A conduta do sábio não é determinada pela observação externa, mas apenas pelos ditames da sua consciência unida à sabedoria espiritual.

As regras de conduta, como as margens de um rio, são os canais através da qual deve fluir a corrente da existência. Demarcam os limites que não podem ser transpostos, não só em ação, mas também em pensamento.

As regras de conduta não são, como se poderia pensar, um condicionamento exterior à nossa liberdade. A água da vida, na ação humana, é direcionada desde o seu interior, desde a íntima raiz da liberdade, para o sentido correto. Sem uma sábia e consciente vontade por detrás de cada gesto, a corrente da existência acabaria por se desviar do seu rumo.



Templo Shankaracharya, também conhecido como Templo Jyeshtheshwara, numa fotografia de 1868. Provavelmente foi um templo budista convertido por Shankaracharya ao culto de Shiva. [Wikipedia](#)

11. Desprovido de ostentação e orgulho

Há um motivo para que o mestre seja o mestre e o discípulo seja o discípulo. A própria ordem do mundo depende dessa mesma lei, que é a Lei da Iluminação. Esta lei significa que aquilo que é luminoso se propaga em todas as direções, penetrando na obscuridade para a iluminar. Mas a obscuridade não tem o mesmo poder, pois não consegue propagar-se para um espaço iluminado. O lugar da luz é o de estar acima da escuridão.

Do mesmo modo, a sabedoria do mestre deve propagar-se em direção à alma do discípulo, iluminando a sua ignorância e transformando-a em discernimento, compreensão e conhecimento. Se o mestre não tem essa luz, se não sustenta nas suas virtudes o fundamento dos seus conhecimentos, se perde a humildade de coração que é alma mesma da sabedoria, então deixa de ser mestre. Se o discípulo não tem ou não admite essa ignorância, se não é recetivo aos ensinamentos do mestre, então deixa de ser discípulo.

Mas no momento em que, no lugar de querer despertar, se utilizam os conhecimentos para demonstrar superioridade, ou se mostram os próprios poderes para ser admirado, o seu brilho pode atrair o olhar, as suas ideias podem dar certo impulso à consciência, as palavras e os poderes

³ H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, Vol. I, p. 29. 1888.

podem fascinar a fantasia do discípulo, mas não o farão despertar. Se o mestre ostenta o que sabe, se apenas se preocupa em mostrar o quanto sabe, o quanto é melhor que todos os outros, o seu orgulho acabará por levá-lo ao cume das montanhas mais altas, as artificiais montanhas do seu ego, para lá ficar sozinho e de cujas sufocantes alturas a única saída será precipitar-se de novo nos profundos vales da sombra e da humilhação.

12. Engano e artimanha

A devoção do discípulo é uma abertura de coração, um amor pelos seus mestres que o torna receptivo aos ensinamentos e profundamente grato por tudo o que aprende.

Essa abertura de coração transforma-se num tipo de sensibilidade que, do mesmo modo que abre as portas à assimilação da sabedoria, também o expõe a uma vulnerabilidade acrescida, que apenas se mantém na mesma medida da sua confiança no mestre.

Quando o mestre recorre ao engano propositado, quando utiliza artimanhas para enredar nos seus próprios obscuros interesses, quando os seus raciocínios deixam de ser rectos e honestos, o discípulo sente uma ferida abrir-se no seu coração, quebrando o elo que o liga ao mestre ou, o que é pior, rompendo o fio dourado que puxa a sua alma em direção à sabedoria.

Sem uma vida que seja a expressão da verdade que o mestre traga dentro de si, o influxo da vida espiritual encontrará um obstáculo que não mais permitirá um despertar do discípulo.

13. Impostura e falsidade

Muitos falsos mestres prometem aquilo que não podem cumprir. O mestre não pode prometer um caminho para o discípulo que seja ao mesmo tempo fácil e válido. Os caminhos fáceis são aqueles nos quais não é necessário qualquer esforço. E, sem esforço, os únicos caminhos possíveis são aqueles em que estamos parados – e, portanto, não são

qualquer caminho – ou aqueles que nos fazem escorrer por uma encosta – e estes, portanto, só nos podem levar ao abismo. Os caminhos fáceis (falamos de caminhos espirituais) são, então, caminhos falsos, uma impostura.

Para avançar de forma real e verdadeira, tem que haver um movimento ascendente, sustentado nas próprias forças do discípulo, no exercício das suas energias, nas suas melhores capacidades, da sua mais elevada consciência. Não é possível progredir sem vencer, numa luta interior, todas as potências da inércia, da preguiça, da ambição e do egoísmo. Só assim as suas forças, a sua energia, as capacidades e a sua consciência poderão crescer e desenvolver-se.

O mestre deve ser exemplo de tudo o que ensina, o primeiro no esforço necessário, o primeiro na iniciativa, o primeiro no risco, o primeiro na aventura de avançar no caminho em direção ao alto e ao fundo de si próprio.

14. Inveja

A qualidades dos outros deveriam ser para nós motivo de alegria. No entanto, por nos fazermos recordar o quanto somos imperfeitos, o quanto nos falta obter, o quanto desejamos conquistar, surge um sentimento de hostilidade em relação à pessoa que expressa tais qualidades.

Numa família espiritual como pode ser uma escola filosófica, na qual coabitam vários professores e vários discípulos, podem surgir invejas de uns em relação aos outros. Talvez o discípulo do outro manifeste as qualidades que o nosso não tem; talvez o outro instrutor consiga resultados que não conseguimos; ou talvez, até, um discípulo demonstre um progresso que o próprio mestre não consiga acompanhar.

A inveja cresce no solo da separatividade. Se tomarmos consciência que estamos ligados, se sentirmos no coração que fazemos parte da mesma unidade, reconheceremos que o bem do outro é o nosso próprio bem, tal como é o bem de todos.

Nada há de bom que aconteça a um ser humano que não seja benéfico para toda a humanidade.

Devemos ficar felizes se o discípulo de outro instrutor demonstre qualidades excepcionais, pois desse modo o nosso discípulo pode colher uma inspiração extra do seu companheiro de caminho.

Devemos alegrar-nos que outros consigam aquilo que não conseguimos. Devemos transformar essa constatação em alento para continuar, pois desse modo fica demonstrado que é possível tal conquista.

Devemos agradecer a boa ventura de ver um discípulo superar o seu mestre, pois tal é o propósito da evolução humana, em que cada geração supera a anterior numa ascendência conjunta em direção ao cume sagrado da Concórdia.

15. Egotismo e apego

Há uma ideia inata gravada no espírito humano: somos responsáveis pelos nossos actos. No entanto, devemos interpretar essa responsabilidade com prudência e discernimento, dando o real valor ao “eu” que está a agir.

Quando surge o fracasso, no mestre ou no discípulo, se apenas procuramos a sua causa em factores externos, acabamos por acreditar que o universo conspirou contra nós, que tivemos azar, ou que alguém incompetente se cruzou no nosso caminho. Quando surge o triunfo, em nós ou no discípulo, se apenas nos consideramos como única causa do sucesso, acabamos por acreditar na nossa exacerbada superioridade, sobrevalorizando a nossa inteligência e o nosso esforço. Ambas as visões nos afastam da verdade.

O nosso “eu” é apenas o resultado do cruzamento de várias forças da natureza num único ponto. Essas forças apenas em parte são conhecidas por nós, havendo muitos factores inconscientes e automáticos a operar através de nós. De acordo com a ação desse eu, a Lei vai operar na produção

dos seus efeitos. Assim, todo o encadeamento de causas do universo está regido pela Lei universal.

A Lei é a causa primeira e última de todo o fracasso e de todo o triunfo. Por outro lado, em ambos os casos, pode faltar-nos o discernimento necessário para saber o que é um triunfo real ou um fracasso real, pois muitas vezes o sucesso é o degrau anterior à queda, e o fracasso o trampolim para o triunfo.

Se a nossa ação tem como consequência o que chamamos fracasso, somos responsáveis pelo nosso afastamento da Lei e pela aprendizagem que se torna possível através da dor. Se não geramos aprendizagem do fracasso – a marca mais genuína da responsabilidade – obtemos um fracasso ainda maior. Mas se aprendemos do fracasso, transformamo-lo em factor de progresso.

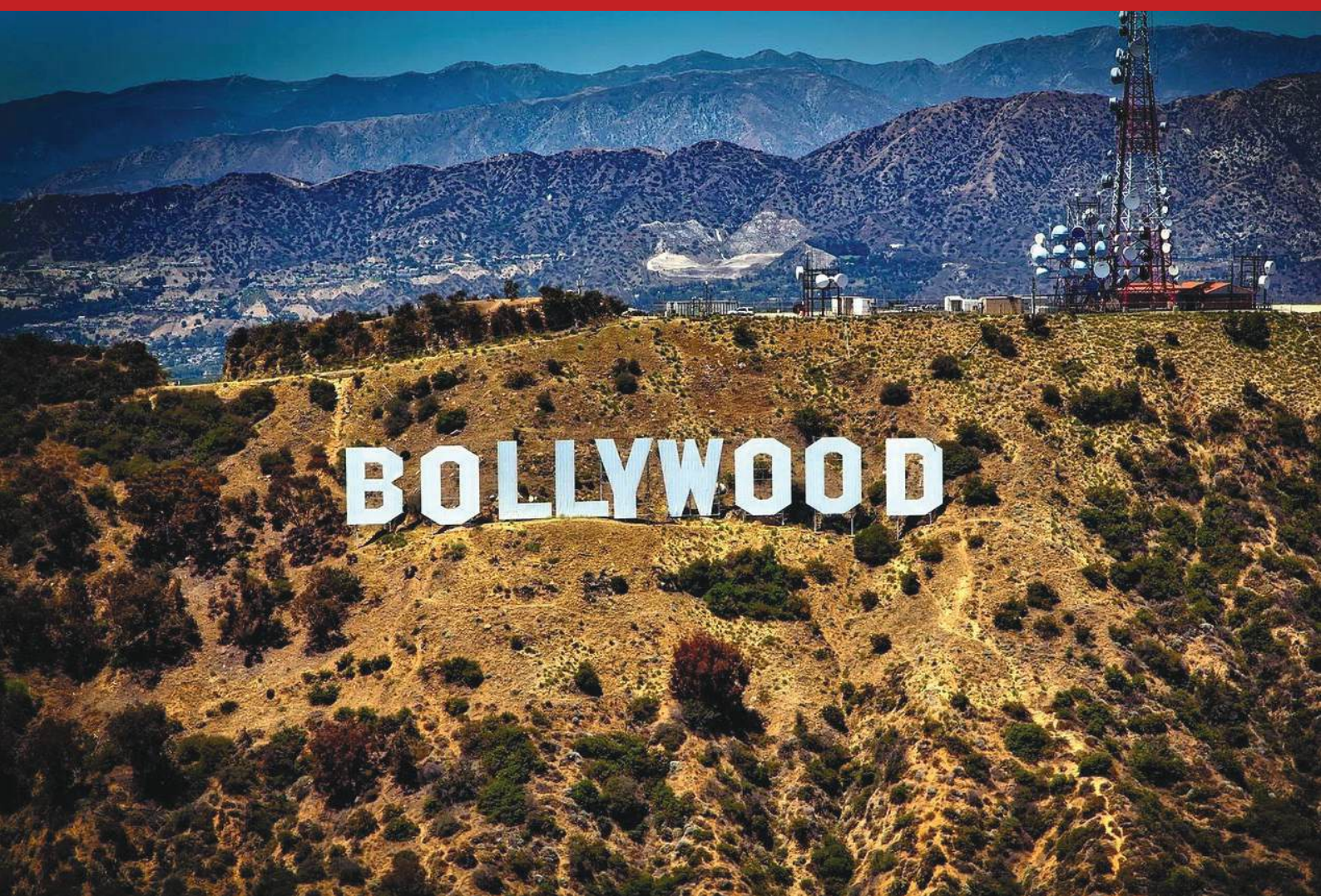
O verdadeiro triunfo está na compreensão profunda da nossa responsabilidade e na completa adesão da nossa Vontade à Lei, entrando em perfeita harmonia com ela, deixando nas suas mãos todos os resultados. Essa é a nossa maior responsabilidade, que cresce na medida em que reconhecemos que não somos nós a agir neste universo, mas é sim o universo que está a agir através de nós para colaborarmos na grande obra da Harmonia Universal.

16. Deseja partilhar somente o conhecimento de Brahman

A Lei é o caminho para Brahman.

A verdadeira sabedoria é o conteúdo da Lei, é a luz que pode guiar os nossos pensamentos em direção à consciência de Brahman, o Absoluto, e guiar os nossos actos à construção do reino de Deus na Terra.

Há um único caminho, uma única meta, um único conhecimento, uma única verdade, uma única realidade. O caminho, a vida, a luz, são um só: a UNIDADE, cuja consciência o mestre desejar partilhar com o seu discípulo, pois em Brahman, mestre e discípulo tornam-se um só.



Bollywood. Pixabay

**Como é que se adapta um
Épico?**

***O Mahábhárata no Kalyug de
Benegal***

Por Ricardo Martins

A literatura clássica no cinema popular Indiano

O interesse pelo cinema popular Indiano, importa dizê-lo, há muito que ultrapassou as fronteiras da Ásia do Sul e até as da diáspora Indiana. Já não se limita a ser um cinema de interesse étnico, que diga respeito a um grupo ou massa específicos apenas, mas sim um que começou a agigantar as suas raízes no Ocidente, fazendo-nos esquecer a sua ramagem Orientalista, que vinha até então a extasiar os simpatizantes Ocidentais ao longo das últimas décadas. E tudo isto, também o podemos confirmar, sem se deixar imolar pelas labaredas astutas de Hollywood, ainda que as fite como quem conhece o fogo e as imite como quem não se quer queimar. De facto, uma das principais diferenças entre o cinema de Bollywood e aquele de Hollywood é precisamente esta capacidade com que o primeiro se alimenta, uma e outra vez, da sua literatura, e a facilidade com que o segundo a vai considerando indigesta e abstrusa. Para além disto, até o mundo académico, que prefere ser reaccionário na dissertação, já começou a prestar atenção que baste ao cinema popular Indiano, quer nos seus aspectos teóricos e generalistas, quer nas suas implicações sócio-políticas, que não têm sido poucas e para as quais se requer um espírito crítico e alguma coragem. E tudo isto, não apenas pelo aflato da musa da originalidade barata, como nos vai ocorrendo, mas por aquele da verdadeira, aquele que nos leva a beber da fonte, *i.e.*, pela forma com que o argumento cinematográfico soube filtrar dos clássicos literários, épicos e teatrais, a essência melodramática, sócio-política e filosófica que recorda e recria aquilo que só é novo porque é eterno. Salvo raros desvios, esta fidelidade é uma evidência das primeiras às últimas produções. E de entre os vários casamentos que se foram autori-

zando entre aquelas artes liberais e esta sétima, a verdadeira hierogamia deu-se entre o cinema e a literatura épica, ou seja, com o *Mahábhárata* e o *Rámáyana*. Aliás, um dos primeiros filmes Indianos, o *Raja Harishchandra* (1913), que se baseou num episódio do *Mahábhárata*, inaugurou, sem retorno, a tendência dos filmes derivados dos épicos. E ainda que tenhamos mais pretendentes deste género nos primeiros filmes, e menos nos últimos, não devemos contrair a impressão de que a influência épica constitui uma espécie de antiguidade ou irrelevância para o cinema subsequente. Prova-nos o contrário a desmedida popularidade das séries televisivas do *Ramayan*, de R. Sagar, e do *Mahabharat*, de B.R. Chopra, transmitidas entre 1987 e 1991. Por outro lado, também não estamos perante uma velharia que se quer preservada ou simplesmente transplantada, muito pelo contrário, é que estas adaptações animam-se também de conteúdo alheio ao Antigo, redobrando o interesse do público na leitura dos clássicos e permitindo aos seus guiões disparar as mais interditas respostas e a mais afiada crítica aos velhos costumes, não àqueles que, lamentavelmente, se vão perdendo, mas sim àqueles, não menos lamentavelmente, de que nos vamos envergonhando de ter ganho, sobretudo naquilo que diz respeito à circunstância das minorias e do feminino. Isto é verdade também noutros géneros menos Antigos, como nos filmes históricos baseados no teatro ou no romance, como o deslumbrante *Mughal-e-Azam* (1960), baseado no *Anarkali* (1922) de Ali Taj, ou ainda no sufocante *Devdas* (1955), baseado no romance homónimo de Chattopadhyay, de 1917, ambos circundantes ao trágico destino das cortesãs. A única diferença é que nestes casos tardios, o sucesso das adaptações cinematográficas eclipsou totalmente as suas origens literárias – coisa imponderável e impossível de ocorrer com os épicos.



Ramayan. Creative Commons

Ainda assim, algumas coisas têm de ser ditas e revistas quanto a este género. É que, como a literatura e o cinema têm tendência a ser vistos como antitéticos, o valor destas adaptações pode ser amplamente menosprezado e aquilo que poderíamos colher do seu estudo converter-se numa oportunidade tristemente desperdiçada. A verdade é que o estudo comparado do épico e do cinema nos permite, por um lado, ver renascer obras literárias esquecidas e, por outro, dar um alcance público a obras que, ainda que impossíveis de esquecer, estão reféns de uma certa intelectualidade. Porque, se a literatura tem tendência ao elitismo, o cinema, pelo contrário, é quase sempre elitizante, não nos alheia da obra, mas convoca-nos aos detalhes próximos da mesma. Neste sentido, deveremos guardar reservas quanto ao mito de que o público que acorre ao cinema é geralmente menos sofisticado do que aquele que acorre à literatura, prevendo-se nas salas de cinema um público sem capacidade cognitiva ou sem acesso aos clássicos, e nestes filmes meros impulsos dirigidos às massas. Se podemos aprender algo com outra arte, a religiosa, é precisamente o contrário, é que a iliteracia não impede a

compreensão do complexo. Basta que o seu criador tenha boa vontade e, já agora, a necessária eficácia. E isto é especialmente verdadeiro no que diz respeito à cultura Indiana, uma vez que a literatura épica, ainda que nas suas versões vernáculas e comentários, é do conhecimento das massas e não um privilégio dos eruditos. Na realidade, de forma alguma podemos comparar o conhecimento que os Indianos têm dos seus épicos com o conhecimento, ou desconhecimento, que nós, povos do Mediterrâneo, temos dos nossos. O facto do cinema Indiano abundar em referências directas e indirectas aos seus épicos constitui um indicador preciso da relação entre a audiência e a sua literatura. E o facto do público Ocidental não estar ciente desta realidade, vai-lhe conferindo uma clara impotência de penetrar na verdadeira beleza do cinema popular Indiano. Assim sendo, faz-se necessária uma interacção e um diálogo entre ambas as artes, que se revelarão complementares, desvalorizando-se a típica concepção de que o filme traiu o livro, pois não estamos perante aqueles *comparanda* que ditam um vencedor e um vencido, tão típicos da bica da tardinha, mas perante aqueles

de que gostamos na Nova Acrópole, que dão força e um novo amanhecer a ambos, que destroem o cepticismo, o Orientalismo e o chavão, mas que a tudo conferem o seu horizonte e pico merecidos. Nisto que analisamos, trata-se quase sempre de uma recontextualização daquilo que mora no tempo, e ainda que não seja, de um ponto de vista cultural e político, inocente, é capaz de outorgar a bendita atemporalidade àqueles tópicos que o nosso próprio tempo faz considerar perdidos na poeira de alguma era da mitologia. Mas, poeiras e alergias, políticas à parte, quando nos dedicamos a comparar a fonte com a sua adaptação, podemos compreender o quão majestosamente foram escolhidos os tópicos e as narrativas, como se reflectem no presente, como é que o filme foi capaz de se aliar ou alhear do comentário épico, o que é que varre para debaixo do tapete, por ser inconveniente ou indecente, e a que questões sociais procura responder decentemente – sobretudo àquelas mais delicadas e que vão dizendo respeito ao tratamento do feminino –, como é que preenche as lacunas do texto e da narrativa, como é que lida com a descontinuidade, como é que transforma o lido em percebido e como é que lida com a sua própria agenda sócio-política, histórica e económica, como é que define o novo como eterno, como é que torna o teórico em prático. Por outro lado, considerando-se as adaptações que durante séculos se fizeram dos épicos ao teatro e à dança, podemos supor, se bem que erradamente, que Bollywood não faz nada de verdadeiramente inovador para além da sua mensagem ideológica inerente. Mas faz. É que o cinema popular Indiano, ainda que não o analisemos aqui na íntegra, soube sublevar a importância, não só da sua literatura épica, mas também a do teatro sanscítico, a das canções devocionais da Índia Medieval e a da literatura Indo-Islâmica, onde não comunga apenas o Indiano, o Indómano e o Indófilo, mas todos nós, com tão distintas manias e filias, diga-se de passagem. Em termos mais localizados, o cinema popular soube igualmente robustecer-se de tópicos da literatura colonial, das reformas religiosas e políticas, do nacionalismo Indiano e das grandes

problemáticas sociais. Portanto, sendo inegável a importância cultural dos dois épicos Indianos, bem como da sua presença na sociedade contemporânea, nas artes e, especialmente, no cinema, podemos conferir-lhe um carácter enciclopédico onde os argumentos vão, invariavelmente, beber. É famosa a citação do *Mahābhārata*, essa enciclopédia da humanidade, quando nos diz que «não se encontra nenhuma história na terra que não esteja aqui representada» (1.1.240), e é por este motivo que todo o filme Indiano pode ser identificado com algum passo do mesmo, sem que se diminua, mas, pelo contrário, se engrandeça nesta origem. É, por isto, comum encontrarmos, no cinema popular, alusões a episódios e ainda a nomes de personagens, desde os filmes de cariz mitológico, que dominaram a primeira década da produção cinematográfica Indiana, decaindo a partir dos anos 1920, até aos seus sucedâneos filmes históricos e dramas sociais. Com a chegada do som ao cinema em 1931, o cinema diversificou-se e o género mitológico tornou-se mais ou menos ausente durante o período pós-independência, o que contrasta com o que acontecia ao nível literário, por exemplo, onde ocorria precisamente o contrário. No entanto, isto não impediu que o filme mitológico continuasse a gerar êxitos de bilheteira “tardios”, como o *Jai Santoshi Maa*, de 1975, sobre a «deusa». De facto, a década de 1980 deu ao mundo dois filmes notáveis, totalmente baseados na narrativa central do *Mahābhārata*, o *Kalyug* («Idade da Discórdia») de Benegal (aliás, o mesmo Benegal que realizou um assombroso filme sobre a Goa portuguesa dos anos 1960: o seu *Trikal: Past, Present and Future*, de 1985) e o *Hum Paanch* («Nós os Cinco») de Bapu. Estes filmes constituem uma total transformação no género, onde as personagens foram representadas por actores famosos, a banda musical magistralmente elaborada por grandes compositores e cantores amplamente reconhecidos, e a apresentação visual tornada contemporânea, i.e., articulando-se a narrativa original com o ambiente rural e cidadão da Índia do final séc. XX, outorgando, uma vez mais, aos épicos o seu carácter atópico e atemporal.



India. Bollywood Film

O paradigma do Kalyug de Benegal

Os primeiros filmes de Benegal, *Ankur* (1974), *Nishant* (1975) e *Manthan* (1976), todos eles dedicados ao tópico da opressão e da revolta do campesinato, são exemplos daquilo que viria a ser chamado de “novo cinema” Indiano, pelo facto de aqui se representarem com realismo as questões sociais sob uma interpretação política mais de esquerda do que de direita, bem como por se dirigirem mais à classe média. O *Kalyug*, concretamente, lidou igualmente com os tópicos da opressão do campesinato e do capitalismo industrial, numa crítica directa ao famoso *Mother India* de 1957, que procurou celebrar determinada Índia rural e industrial no auge da independência, que deixara, entretanto, de ser necessária. Revolucionária, esta experiência procurou combater a preferência

das massas pelos melodramas comerciais que apaziguavam as diferenças e as inevitabilidades sociais, noutro tipo de abordagem unificadora e pan-Indiana, que recorreu ao conceito do *kaliyuga*, uma era degradante que teve o seu início após a batalha narrada no *Mahábhárata* (por volta de 3102 a.C.), e que se estende por um período de tempo imponderável, permitindo-se a analisar a miserável condição humana na actualidade por comparação com os problemas épicos que levaram à guerra, como a falsidade individual, a desarmonia familiar, a violência da comunidade, a corrupção dos governantes, etc. Ainda que o enredo seja diferente, a alusão a nomes de personagens épicas é gritante, como *Bhisham* e *Kishan Chand*, para *Bhishma* e *Krishna*, respectivamente, combinados com epítetos recuperados dos épicos, outorgando

uma força moral imbatível à narrativa, como os amplamente nacionalistas e unificadores Bharatraj para nos fazer recordar do drama de Arjuna, o grande herói nacional, irmão de Balraj (Bhima) e Dharamraj (Yudhishtira), ou Supriya para o caso de Draupadi, a heroína épica que teve a liberdade de escolher o seu marido, em vez de ser a escolhida, mas que aqui, digamos, estando casada com Yudhishtira, ama secretamente Arjuna, ou mesmo Savitri, que evoca também a figura de Kunti, símbolo da esposa casta, mas sexualmente comprometida pelo seu passado. As mais interessantes personagens são, no entanto, as de Karan Singh (Shashi Kapoor) e Supriya (Rekha), que representam Karna e Draupadi, respectivamente. Supriya é casada com Dharamraj, no entanto, já havia namorado com Karan e, durante o casamento, é apaixonada por Bharatraj, representando, por um lado, a relação pouco ortodoxa de Draupadi com os cinco Pandavas (e, quiçá, uma certa preferência por Arjuna, uma vez que foi ele o eleito no *svayamvara*, a escolha pessoal da noiva, de Draupadi) e, por outro, os avanços indecentes de Karna sobre Draupadi no *Mahábhárata*. Representa, com algum sofrimento à mistura, a coragem feminina posta à vista numa sociedade patriarcal. Karan, por sua vez, é aqui a personagem que mais inspira o amor da audiência. Aliás, os três momentos mais dramáticos do filme centram-se em Karan, com as mais directas referências ao *Mahábhárata*: quando Kunti informa Karna de que ele é seu filho; quando Karna é morto por Arjuna enquanto tenta arranjar a roda do seu carro de guerra; e quando Kunti revela aos Pandavas que Karna é seu irmão. Aqui, Karan é um órfão criado por Bhisham (chamado, contudo, Singh, ou «leão», numa clara referência à casta guerreira), que se encontra na encruzilhada de duas famílias, os filhos de Puranchand, que o desprezam, e os de Khubchand, os seus únicos amigos. Puranchand, ou o Pandu épico, foi um marido impotente que deixou viúva a sua esposa, e Khubchand uma personagem ausente aprisionada numa cadeira de rodas, já não à sua cegueira, como no caso do rei Dhritarashtra. Ambos representam a herança pouco promissora de passado impotente e dependente de terceiros, como aquele da presença Inglesa.



Batalha de Lanka, Ramayana, Sahibdin, Udaipur, 1649-53.
 Public Domain

Mas não são menos interessantes as outras personagens do filme. Dharamraj é apaixonado por cavalos de corrida, tal como Yudhishtira o era por jogos de dados. Balraj é sexualmente faminto e impetuoso, a ponto de a sua esposa o comparar a um urso, gosta de andar sem camisa para exibir os pêlos do peito e é recorrentemente representado a comer e a beber, tal como Bhima, o insaciável «ventre de lobo». Bharatraj, de forma notável, vive num constante dilema, tem dificuldade em controlar as suas emoções explosivas e encontra-se a meio termo entre os seus irmãos, ainda que seja retratado como um viciado em trabalho, demasiado apegado aos antigos modos Ingleses, que algum Krishna o poderia fazer abandonar. Este novo Arjuna bebe vinho francês, vai a discotecas e ouve música ocidental. Logo no início do filme casa-se com a bela Subhadra, filha de Kishen Chand, o que irrita sobremaneira Supriya, que já era casada com Dharamraj, mas que, claramente, preferia ter-se casado com Bharatraj. Esta é uma referência directa ao que ocorre no final da guerra de Kurukshetra, onde Draupadi critica Yudhishtira por não ter um *danda* firme, i.e., um «bastão» régio inamovível, ao passo que Arjuna, que até o havia “perdido” no 4º livro do *Mahabharata* (aquando do seu eunuquismo passageiro), se afirmou em heroísmo e virilidade. No final do drama, Bharatraj cai à cama, e já não no assento do carro de guerra em Kurukshetra, mas, desta vez, quem o socorre não é Krishna, mas sim, a secretamente apaixonada Supriya, ou Draupadi, que lhe oferece o colo (e uma comovente

lealdade feminina) numa cena matrimonialmente controversa, para que ele repouse a sua cabeça confusa. O facto da esposa de Bharatraj ficar do outro lado da porta, enquanto o seu marido está deitado na cama, no colo de outra mulher, é ainda mais perturbador e sugestivo. Ao contrário do que ocorre com o cinema popular indiano das décadas de 1950 e 1960, onde esta comovente lealdade feminina – belíssima e intensamente retratada, há que reconhecê-lo – é exclusivamente reservada ao papel da esposa casta e legítima, na personagem de Supriya esta lealdade passa a ser uma escolha. Supriya é quem escolhe, não dependendo quase nada dos elementos masculinos. Aliás, o início do *Kalyug* é marcado pela conclusão do doutoramento de Supriya, pela crítica aos elementos masculinos, aos casamentos e aos negócios da família, sem que ninguém a repreenda por isso, representando-se assim o que deve de ser a mulher Indiana moderna. Não deixa no entanto de ser importunada por elementos masculinos, já que a determinada altura, Supriya é igualmente violentada na sua intimidade, aquando de uma inspecção das finanças, onde lhe entram no quarto e se põem a avaliar a sua *lingerie*, recordando-nos da cena do *sari* no *Mahabharata*, quando arrastam pelos cabelos Draupadi para a assembleia enquanto esta está no seu período menstrual. Aqui, Supriya não pede ajuda a Krishna, nem sequer ao seu marido, mas critica Arjuna, i.e., Bharatraj, por permitir tal coisa, enquanto este faz ouvidos de mercador.



Savitri e Satyavan. Public Domain

Outra personagem feminina marcante é a de Savitri, ou Kunti, que pelo facto do seu marido ser impotente, acabou por render-se aos encantos um tanto ou quanto assustadores de um tal de Svami Premananda («paixão sem fim»), um sacerdote que acaba por ser o pai biológico destes três “Pandavas” e de “Karna”, numa referência directa à figura de Vyasa, que gera, no *Mahábhárata*, Pandu e Dhritarashtra. Aqui, no entanto, Premananda é profundamente odiado por Savitri, uma vez que o primeiro dos seus filhos, Karan Singh, ou Karna, parece ser o resultado de uma violação ou, pelo menos, de uma relação menos consentida, enquanto ela ainda não tinha idade para se casar e vivia na casa de seu pai, o que nos pode levar a um sem-número de leituras quanto à violência sobre o feminino na sociedade indiana e aos desvios de certas seitas religiosas. Do lado dos filhos de Khubchand, ou Kauravas, vai havendo uma certa comparação com a política autocrática de Indira Gandhi e uma crítica subtil a máximas egoístas e desiguais como a da «prosperidade na produtividade». Estes novos Kauravas combatem os seus primos de várias formas, uma delas é a corrupta influência em sindicatos e em greves violentas, onde a polícia, também ela violenta e corrupta, passa também a constituir um inimigo, algo irrelevante, destes Pandavas industriais – outra crítica social, e esta bem perspicaz, uma vez que aliar a polícia aos Kauravas tem muito que se lhe diga quanto a uma determinada ideia daquilo que deve ser o futuro indiano. O facto dos filhos de Khubchand agirem como uma máfia, aliando-se a personagens pouco inspiradoras, também não nos deve passar ao lado. De entre as mortes que vão ocorrendo, algumas são bem sugestivas. Sandeep sofre de uma doença de coração, em vez da ira (outra doença do coração) do arqui-inimigo nacional Duhshasana, e acaba por morrer à mãos de um irritado Balraj, tal como no conflito entre Bhima e Duhshasana. Karan morre durante o pôr do sol, tal como Karna quando Indra faz ocultar-se no céu Surya, depois de uma das rodas do seu carro de guerra ter ficado atolada. Aqui, também morre às mãos de Bharatraj, mas enquanto mudava um pneu furado do seu carro. O facto de ter morrido depois de ter maltratado uma pedinte durante um festival, o que revela uma certa impiedade indesculpável, e após ter

sabido que era, na realidade, irmão dos filhos de Puranchand, é magistral em termos comparativos. Mais ainda porque o ódio que Bharatraj sentia por Karan, pelo facto deste ter namorado Supriya, ficando nós a saber que afinal este novo Arjuna também sentia um desejo extraconjugal por esta Draupadi reencarnada, vai transformar-se no seu desalento e fazê-lo cair à cama, evocando todo o drama que acarreta um conflito familiar. Dhanraj, ou Duryodhana, aproveita toda a oportunidade para chamar de “bastardos” aos seus primos, para envergonhar a mãe destes, Savitri, pondo às claras a sua relação extraconjugal com Premananda, e arquitetando os mais desprezíveis dolos. Dhanraj acaba por suicidar-se em casa depois da morte de Karan, seguindo mais o comentário de Bhasa do que o *Mahabharata* em si.



Uma ilustração manuscrita (c. 18?) Da Batalha de Kurukshetra, travada entre os Kauravas e os Pandavas, registrada no Épico do Mahabharata. *Public Domain*

O *Kalyug* trata precisamente a rivalidade entre duas famílias, ou duas corporações, que na Índia estão geralmente nas mãos de famílias poderosas, e, especialmente, a progressão e decadência dos seus descendentes, tal como aquela dos Pandavas e dos Kauravas no *Mahābhārata*. Aqui, o reino pelo qual as famílias combatem são contractos públicos que ambas tentam obter e roubar por meio de truques pouco éticos ou associando-se a personagens duvidosas, procurando-se evocar o clima comercial que se viveu na Índia desde a década de 1970, onde as armas celestes são a indústria Ocidental, e a

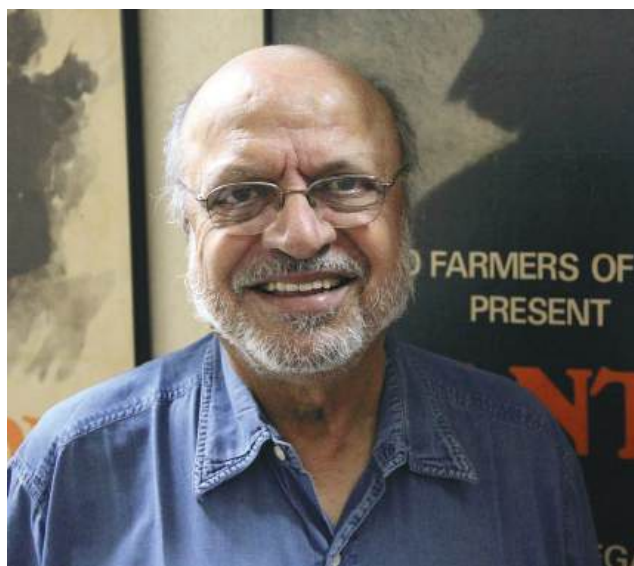
humilhação sobre os Pandavas os impostos e as rendas avultadas, as hostilidades comerciais, as greves, o impacto sobre os membros da família e o colapso material e moral que evoca o espectacular holocausto de Kurukshetra, até chegarmos a um ponto de não retorno, onde cabe aos filhos destes “Pandavas” darem-nos um futuro mais promissor. O facto de não existir nenhum *deus ex machina* que resolva o dilema no filme, que se resolve pelo assassinato e pelo suicídio, torna a narrativa ainda mais plausível e dramática do que no épico, agregando-se a isto a ideia de que o *kaliyuga* é, efectivamente, o nosso próprio e trágico tempo, onde, salvo raros ancoradouros, é um naufrágio total. De facto, o tio Kishen, ou Krishna, é simplesmente um parente afastado do qual vamos ouvindo a voz do outro lado do telefone, aqui não resolve nenhum dilema nem protege ninguém. Os únicos deuses presentes ao longo do filme são a imensa estatuária e alguma pintura religiosa que vai surgindo ao longo do filme, e duas procissões religiosas, sobretudo em momentos de tensão e presságio, mas que, limitando-se a preencher as paredes e as ruas das outrora harmoniosas habitações, são silenciados pela frágil condição moral humana. O estilo naturalista do *Kalyug*, com os seus locais reais, escassos episódios de música e dança, aproxima o estilo de Benegal àquele de Hollywood. No entanto, a escolha do *Mahābhārata* para o tema central, reflecte mais a influência do teatro Indiano do que de algum género cinematográfico Ocidental. Em termos sociais, o *kaliyuga* do *Mahābhārata* é aqui tratado como a decadência de todas as formas de autoridade, poder político e moral, e, tal como no teatro, decidiu dar voz a figuras que não a tinham no épico, como os anti-heróis, os órfãos, as mulheres e as vítimas da guerra, em especial, como já se referiu, Karna, em torno do tópico da futilidade da violência (e já não da sua legitimação) e a decadência dos modelos tradicionais e das famílias patriarcais. Em termos de mensagem política internacional, é uma abordagem comparável, e.g., àquela de Orson Welles no *Julius Caesar* (1937) sobre a ascensão do nazismo, ou das *Bacchae* (1969) de Schechner sobre a cultura hippie. O que ocorre com este tipo de «tradução radical» é proporcionar momentos de

verdadeiro êxtase às audiências conhecedoras dos épicos, ao mesmo tempo que as descontextualizam e lhes permitem infundáveis reinterpretações.

É um filme que procurou representar a corrupção, que se entranha tanto entre o patronato quanto entre os operários, os perigos iminentes da ambição pessoal, bem como a lealdade familiar e as tensões sexuais no seio da mesma, demonstrando que para além das forças divinas e ocultas que guiam o curso da humanidade, existem outras, mais visíveis, como a inveja entre familiares, geradora das mais atrozes rivalidades e desentendimentos, que parecem guiar, descontroladas, o mundo. Também tem muito a dizer sobre o feminino, ainda que este tema fosse merecedor de um artigo em separado, pois, como em quase todos os filmes Indianos, estes procuram reflectir a sociedade tal como ela é, portanto, os realizadores ora mantêm a mulher refém de um sistema patriarcal, ora as apresentam como críticas e desafiadoras deste mesmo sistema, como que num grito de esperança. Daí a importância de se retratarem as heroínas épicas no cinema, uma vez que o homem, no geral, mas em concreto, o Indiano, tem tendência a desrespeitar o feminino, considerando-o inferior, submisso, e tudo o resto que já conhecemos, e aqui, temos de o aplaudir, o cinema tem tido um papel exemplar ao apresentar estas mulheres poderosas e sábias da literatura épica, grandes inspiradoras das mulheres reais.

As décadas de 1970 e 1980 viram o tópico cinematográfico alterar-se do romance para as questões pessoais, sociais, políticas e espirituais. E ainda que Senegal considere que não se possa medir as alterações sociais com base nos radicalismos dos filmes, pode-se considerar, sim, que os filmes têm contribuído em muito para estas alterações sociais. Como tal, naquilo que diz respeito ao feminino, se a sociedade assume que a mulher é vítima, o cinema

pode ou não escolher propagar essa vitimização. O *Kalyug* acaba, por isto, por inaugurar subtilmente no cinema o tópico da violência contra o feminino, da mesma forma que o *Mahábhárata* a inaugurou antes de tudo o resto.



Shyam Benegal em seu escritório em Mumbai, Índia, em 2010.
Public Domain

Para finalizar, resta-nos dizer que Benegal é capaz de realizar algo verdadeiramente notável: de fazer com que sejamos capazes de comparar as nossas vidas pessoais com as vidas dos heróis épicos, permitindo uma mais prática vivência do mesmo. Respondendo, simultaneamente, ao facto de os Indianos venerarem o *Mahábhárata* mas não o tolerarem nas suas casas, com medo de que este venha a gerar algum conflito familiar. Pois, também nós nos maravilhámos com estas mulheres épicas e poderosas, mas não as toleramos nas nossas casas, não venham elas a fazer de nós algum tipo de herói, daqueles verdadeiros, que se vencem a si mesmos, daqueles que respeitando todas as formas de vida, sabem dar a vida por elas.



Relógio astronômico. Pixabay

Os Doze Signos do Zodíaco*

Por T. Subba Row

Tripligane, Madras, 14 de setembro de 1881 — Publicado no livro Cinco Anos de Teosofia, México, 2009

A divisão do Zodíaco em diferentes signos remonta a uma antiguidade imemorial e é mundialmente reconhecida como é encontrada nos sistemas astrológicos de várias nações. Vários estudiosos da antiguidade atribuem a diferentes nações a invenção do Zodíaco e dos seus signos. Alguns dizem que, no princípio, havia apenas dez signos, que um deles foi então dividido em dois signos separados, e que um novo signo foi adicionado a essa quantidade para aprofundar o significado estético dessa divisão e, ao mesmo tempo, ocultá-lo com mais perfeição ao vulgo não iniciado. É muito provável que o real conceito filosófico dessa divisão deva a sua origem a alguma nação em particular, e que os nomes dados aos diversos signos possam ter sido traduzidos para

as línguas de outras nações. No entanto, o principal objetivo deste artigo não é decidir que nação teve a honra de inventar os signos em questão, mas indicar, *até certo ponto*, o significado filosófico real que eles contêm e como descobrir o resto do significado que permanece não revelado. No entanto, pelo que se expressa aqui, pode-se inferir de forma justa que, como acontece com outros mitos e alegorias, a invenção do Zodíaco e dos seus signos têm origem na Índia antiga.

Então, qual é a origem real desses signos e do conceito filosófico que o Zodíaco e os seus signos pretendem representar? Os vários signos representam apenas a forma ou a configuração das diferentes constelações incluídas nas

* Em alguns dos termos sânscritos que nas várias edições de “Five Years of Theosophy” não foram complementados por uma breve explicação, nem adicionados ao glossário, tivemos a gentileza de incluir algumas citações do “Glossário Teosófico”, em letras menores. – E. T.

suas divisões, ou são simplesmente máscaras projetadas para obscurecer algum significado oculto? A primeira suposição é completamente insustentável por duas razões, a saber:

I. Os Hindus estavam familiarizados com a precisão dos equinócios, como pode ser facilmente observado nos seus trabalhos sobre astronomia e nos seus calendários astronômicos. Consequentemente, eles estavam plenamente cientes do facto de que as constelações das várias divisões do Zodíaco não eram fixas. Portanto, eles não teriam atribuído formas específicas a esses grupos móveis de estrelas fixas, em relação às divisões do Zodíaco. No entanto, os nomes que indicam os signos do zodíaco permanecem inalterados. Deve-se, portanto, inferir que os nomes dados aos vários signos não têm ligação com as configurações da constelação incluídas neles.

II. Os nomes e significados esotéricos ou exatos para esses signos, atribuídos pelos antigos escritores sânscritos, são os seguintes:

Nomes de Signos	Significados Exotéricos Exatos
1 Mesha	Carneiro ou <i>Áries</i>
2 Rishabha	Touro ou <i>Tauro</i>
3 Mithunam	Gêmeos ou <i>Geminis</i> (masculino e feminino)
4 Karkataka	Caranguejo ou <i>Câncer</i> .
5 Simha	Leão ou <i>Leo</i>
6 Kanya	Virgem ou <i>Virgo</i> *
7 Tulâ	Balança ou <i>Libra</i>
8 Vrischika	Escorpião ou <i>Escorpio</i>
9 Dhanus	Arqueiro ou <i>Sagitario</i>
10 Makara	Cabra ou Capricórnio (Crocodilo, em sânscrito)
11 Kumbha	Aguadeiro ou <i>Aquarius</i>
12 Meenam	Peixe ou <i>Piscis</i>

* Virgem-Escorpião, quando ninguém, exceto os Iniciados, sabia que havia 12 signos. Mais tarde, Virgem-Escorpião foi divulgado (aos leigos) como Sagitário.

As figuras das constelações incluídas nos signos, na época em que se efetuou a divisão pela primeira vez, não se pareciam em nada com as figuras de animais, répteis ou outros objetos que os nomes dados a essas constelações indicavam. A verdade desta afirmação pode ser confirmada através da análise das configurações das várias constelações. A menos que o observador conceba na sua imaginação a figura do

crocodilo¹ ou do caranguejo, há poucas possibilidades de que as próprias estrelas sugiram a ideia dessa figura na abóboda celeste do firmamento cravejado de estrelas.

Portanto, se as constelações nada têm a ver com a origem dos nomes com os quais se indicam as divisões do Zodíaco, temos que buscar alguma outra fonte que possa ter dado nascimento a estas denominações. O meu objetivo consiste em desenterrar uma parte do mistério relacionado com estes signos zodiacais, assim como, descobrir uma parte do conceito sublime da antiga filosofia hindu que lhe deu origem. Os signos do Zodíaco têm mais de um significado e, de um certo ponto de vista, representam as diferentes etapas da evolução até alcançar a existência material do universo atual com os seus cinco elementos. Como expressou a autora de «Ísis sem Véu», no segundo volume da sua admirável obra, «a chave deve dar a volta *sete vezes*» para compreender toda a filosofia oculta nestes signos. No entanto, só lhe darei uma volta e me descreverá o conteúdo do primeiro capítulo da História da Criação. É uma sorte que os nomes em sânscrito que os filósofos Âryos atribuíram às diversas divisões contêm a chave para a solução do problema. Os leitores que estudaram em certa medida os antigos «Mantra Shâstra» e o «Tantra Shâstra²» da Índia, terão comprovado que, frequentemente, as palavras em sânscrito tendem a transmitir algum significado oculto através de certos famosos métodos pré-estabelecidos de acordo comum, enquanto o seu significado literal é algo muito diferente do seu significado oculto.

A seguir estão algumas regras que podem ser úteis a algum investigador para que descubra o profundo significado da antiga nomenclatura em Sânscrito usada nos antigos mitos e alegorias dos Âryos:

1. Investigar quais são os sinónimos da palavra usada, que têm outros significados.
2. Investigar qual é o valor numérico das letras que compõem a palavra, de acordo com os métodos dados nas antigas obras tântricas.
3. Aprofundar nos antigos mitos e alegorias, se os houver, que tenham alguma ligação especial com a palavra em questão.

1 Essa constelação nunca foi chamada de Crocodilo pelos antigos astrónomos ocidentais, que a descreveram como um carneiro com chifres e a chamaram de Capricórnio. Ed. Teos
 2 Obras sobre encantamentos e magia.

4. Intercambiar as diferentes sílabas que compõem a palavra e analisar as novas combinações que assim se formam e os seus significados, etc., etc.



Brahma esculpido em Halebid, estado de Karnataka, Índia.
Wikipedia

Agora, aplicarei algumas das regras precedentes aos nomes dos doze signos do Zodíaco:

- I. *Mesha*. - Um dos sinónimos desta palavra é *Aja*. Contudo, *Aja* significa literalmente o que não tem nascimento e,

em determinadas partes dos *Upanishads*, aplica-se ao eterno *Brahmâ*. De modo que o primeiro signo propõe-se a representar *Parabrahma*, a própria existência eterna, a causa autossuficiente de tudo.

- II. *Rishabham*. - Esta palavra é usada em vários sítios dos *Upanishads* e dos *Vedas* para significar *Pranava* (AUM). Sankaracharya interpretou desta forma em várias partes do seu comentário³.

- III. *Mithuna*. - Como a palavra indica claramente, este signo propõe-se a representar o primeiro andrógino: o *Ardhanârîshvara*, o *Adam Kadmon* ou o Senhor bissexual da Sefhira cabalista.



Imagem da forma *Ardhanârîshvara* de Shakti e Shiva.
Creative Commons

³ Exemplo: «*Rishabhasya—Chandasam Rishabhasya Pradhanasya Pranavasya.*»

IV. *Karkataka*. - Convertendo as sílabas nos seus números correspondentes, de acordo com o método geral de conversão o qual é tão frequentemente referido no *Mantra Shâstra*, a palavra em questão é assim representada.



Portanto, este signo evidentemente se propõe a representar o seguinte: o Tetragrama sagrado; o *Parabrahmâ-dhâraka*; o *Pranava* (AUM) dividido em quatro entes separados, que correspondem aos seus quatro *Mâtras* (manifestação, breve tempo que dura um som); os quatro *Avasthâs* (estado de consciência em qualquer plano), que correspondem aos estados de *Jâgrat* (vigília), *Svapna Avasthâ* (sonho), *Sushupti Avasthâ* (sono profundo sem sonhos), e *Turiya Avasthâ* (*Nirvâna* no *Samâdhi*, ou seja, o último estado, o do *Nirvâna*, embora potencialmente); os quatro estados de *Brahmâ* chamado *Vaishvânara* (o aspeto mais objetivo da Vida Única, Eu), *Taijasa* (ou *Hiranyagarbha* [pensamento, os astros]), *Prajñâ* (mente, consciência, capacidade de percepção) e *Ishwara* (o «Senhor», o espírito divino no homem), que são representados por *Brahmâ* (Deus ou Principio Criador do universo, personificação temporal do poder criador), *Vishnu* (manifestação da energia solar, conhecimento, bondade), *Maheshvara* (Grande Deus ou Senhor) e *Sadâshiva* (eterna destruição para se regenerar num plano superior); os quatro aspetos de *Parabrahma* que são *Sthûla* (matéria densa), *Sûkchma* (o subtil, o pequeno), *Bija* (som com que se inicia um mantra, semente) e *Sakshi* (o observador); as quatro etapas ou condições da palavra sagrada denominada *Para* (Altíssimo, o eterno, o som), *Pashyan-tî* (a segunda das quatro divisões do som), *Mâdhya* (o eterno do som) e *Vaikharî* (a língua emitida); *Nâda* (a Voz do Silêncio), *Bindu* (som nasal), *Shakti* (força, poder, ênfase) e *Kala* (som surdo, zumbido). Este signo completa o primeiro quaternário.

V. *Simha*. - Esta palavra contém um mundo inteiro de significados ocultos, e talvez não seja sensato da minha parte revelar neste artigo tudo o que ela significa. Basta, para o propósito que agora nos ocupa, indicar o seu significado de uma maneira geral.

Dois dos seus sinónimos são *Panchasyam* e *Hari*, e o seu número de ordem nas divisões do Zodíaco (sendo o quinto signo) aponta claramente para o primeiro sinónimo - *Panchasyam* - que mostra que o signo propõe-se a

representar os cinco *Brahmâs*, a saber. *Ishanam*, *Aghoram*, *Tatpurusham*, *Vamadevam* e *Sadyojatam*: - os cinco *Buddhas*. O segundo sinónimo mostra que se trata de *Nârâyana*, o *Jivâtâmâ* ou *Pratyagâtâmâ*. (O *Sukharahasya Upanishad* mostrará que os antigos filósofos Âryos consideravam *Nârâyana* como o *Jivâtâmâ*⁴. * Os vaishnavitas talvez não admitam isso. Mas como advaitín, considerou que *Jivâtâmâ* é idêntico a *Paramâtâmâ* na sua essência real, quando é despojado dos seus atributos ilusórios criados por *Ajñâna* ou *Avidyâ* (ignorância). O *Jivâtâmâ* está localizado corretamente no quinto signo, contando a partir de *Mesham*, pois o quinto signo é *Putrasthanam*, ou a Casa do Filho, de acordo com as regras da astrologia Hindu. O signo em questão representa *Jivâtâmâ*, por assim dizer, o filho de *Paramâtâmâ*. (Também se pode acrescentar que ele representa o Cristo real, o espírito puro ungido, embora esta interpretação talvez não seja do agrado de muitos cristãos)⁵. Só acrescentarei aqui que, a menos que se compreenda a natureza plena deste signo, será impossível compreender a ordem real dos três signos seguintes e o seu significado completo. Os elementos ou entidades que neste signo possuem apenas uma existência teórica são, nos três signos seguintes, entidades diferenciadas e separadas. A sua união numa única entidade produz a destruição do universo fenoménico e o reconhecimento do espírito puro, e a sua separação tem o efeito oposto: provoca a existência material, amarrada à terra, e revela essa galeria de fotos ou imagens que são produto de *Avidyâ* (ignorância) ou *Mâyâ* (ilusão). Se se compreende corretamente a ortografia real do nome pelo se indica o signo em questão, observar-se-á facilmente que os três signos a seguir não são o que deveriam ser. *Kanya* (Virgem) e *Vrishchika* (Escorpião), deveriam formar um único signo, e *Tulâ* (Balança) deve seguir o designado signo, se for necessário ter um signo com esse nome à parte. Mas a separação entre *Kanya* e *Vrishchikam* foi efetuada colocando o signo de *Tulâ* entre os dois. O objeto desta separação será compreendido ao analisar o significado dos três signos.

4 No seu estado mais baixo ou mais material, como o princípio vital que anima os corpos materiais do mundo animal e vegetal, etc. - Ed. Teos.

5 No entanto, é uma interpretação verdadeira. O *Jivâtâmâ* no Microcosmo (o homem) é a mesma essência espiritual que anima o Macrocosmo (o universo); a diferenciação ou a diferença específica entre os dois *Jivâtâmâ* ocorre apenas nos dois estados ou condições da mesma Força única. Portanto, “este filho de *Paramâtâmâ*” é uma correlação eterna entre Pai e Causa. *Purusha* manifesta-se como o *Brahmân* do “ovo de ouro” e converte-se em *Viradja*, o universo. “Todos nascemos de *Aditi*, da água” (*Hinos dos Maruts*, X, 632) e “O ser nasceu do não ser” (*Rig Veda*, Mandala I, Sukta 166). - Ed. Teos.



Calendário hindu de tecido correspondente aos anos ocidentais de 1871-1872, Estado do Rajastão, na Índia. Public Domain

A coluna da esquerda mostra os dez avatares de Vishnu, a coluna do centro à direita mostra os doze signos do zodíaco hindu.

O painel superior central mostra Ganesha com dois consortes. O segundo painel mostra Krishna com duas consortes.

VI. *Kanya*. - Significa virgem e representa *Shakti* (Energia Universal) e *Mahâ Mâyâ* (Grande Ilusão). O sexto *râshi* ou signo em questão indica que na Natureza há seis forças principais, as quais têm diferentes conjuntos de nomes na filosofia Sânscrita. Segundo um sistema de nomenclatura, as suas denominações são as seguintes: 1) *Parashakti* (Poder Supremo); 2) *Jñânashakti* (poder do conhecimento); 3) *Itchashakti* (força de vontade); 4) *Kriyâshakti* (poder do pensamento); 5) *Kundalini-shakti* (poder de vida, ou «serpentino»); e 6) *Mantrikâ-shakti* (poder ou potência oculta dos sons, palavras, música ou números místicos dos mantras)⁶. As seis forças estão representadas, na sua unidade, pela Luz Astral⁷.

VII. *Tulâ*. - Esta palavra converte-se em 36 quando é representada com números, segundo o método mencionado anteriormente. Consequentemente, este signo tem o evidente propósito de representar os 36 *Tattvas* (essências, princípios, realidades ou elementos fundamentais das coisas). (O número de *Tattvas* difere de acordo com os critérios dos diferentes filósofos; no entanto, segundo os *Shaktyas* em geral, e também segundo vários *Rishis* da antiguidade, como Agastya, Durvasa, Parashurama e outros, afirmam que 36 é o número declarado de *Tattvas*. *Jivâtmâ* difere de

6 *Parashakti*: - Literalmente, a força ou grande poder ou supremo. Significa e inclui as forças da luz e do calor.

Jñânashakti: - Literalmente, o poder do intelecto ou o poder da sabedoria ou do real conhecimento. Tem dois aspetos:

I. A seguir são apresentadas algumas de suas manifestações, quando sob a influência ou o controle das condições materiais:

a) O poder da mente ao interpretar as nossas sensações, b) O seu poder ao recordar ideias passadas (memória) e suscitar expectativas sobre o futuro, c) A manifestação do seu poder no que os psicólogos modernos chamam de «as leis da associação»; este poder permite-lhe criar conexões permanentes entre diversos grupos de sensações e possibilidades de sensações, e gerar assim a noção ou ideia de um objeto externo, d) O seu poder ao interconectar as ideias mediante o misterioso vínculo da memória, gerando assim a noção de eu ou da individualidade.

7 Até mesmo o nome de *Kanya* (Virgem) mostra como todos os sistemas esotéricos da antiguidade coincidiam em todas as suas doutrinas fundamentais. Os filósofos cabalísticos e herméticos chamam à Luz Astral «a Virgem celestial». A Luz Astral é, na sua unidade, a sétima força. Daí os sete princípios dispersos em toda a unidade, ou o seis mais Um: os dois triângulos e uma coroa. – Ed. Teos.

Paramâtmâ, ou para dizer por outras palavras, *baddha* (ligado, o condicionado) difere de *mukta* (livre)⁸ ao estar encerrado, por exemplo, dentro destes 36 *Tattvas*, enquanto o outro está livre. Este signo prepara o caminho para o Adão terrestre: o *Nara* («Homem» original). Ao ser emblema deste último, a sua localização é adequada como sétimo signo.

VIII. *Vrishchika*. - Os antigos filósofos dizem que o Sol, quando está situado neste *râshi* ou signo, recebe o nome de *Vishnu* (veja o duodécimo *skandha* [atributo] de *Bhagavata*). O signo propõem-se a representar *Vishnu* que, literalmente significa o que está expandido - expandido como *Vishvam* ou o Universo. *Vishvam* é, propriamente dito, *Vishnu* (veja o comentário de Shankaracharya sobre *Vishnu-sahasranamam*). Já aprofundei que *Vishnu* representa o *Svapna Avasthâ* ou estado de sonho. O signo em questão significa pertinentemente o universo no pensamento ou o universo na conceção divina.

É adequadamente estabelecido como o signo oposto a *Rishabham* ou *Pranava*. Uma análise de *Pranava* sobre em direção ao inferior leva-nos ao pensamento no seu caráter universal, e uma síntese em direção ao superior leva-nos deste último até *Pranava* (AUM). Agora chegamos ao estado ideal do universo antes que adquira existência material. A expansão do *bija*, ou gérmen original, até se converter no universo é possível somente quando os 36 *Tattvas*⁹ se interpõem entre *Mâyâ* (ilusão) e *Jivâtmâ* (o Espírito individual encarnado num ser humano vivo). Estes *Tattvas* são os que induzem o estado de sonho. *Hamsa* (dualmente, o Espírito individual e o Espírito universal) passa a existir por estes *Tattvas*, e a eliminação destes assinala o começo da síntese de *Pranava* e *Brahmân*, e converte a *Hamsa* em *Soham* (a identidade do Eu individual com o Eu Único Universal). Segundo o seu propósito de representar as diferentes etapas da criação - desde *Brahmân* até abaixo até ao universo material, os três signos de *Kanya*, *Tulâ* e *Vrishchikam* (Virgem, Balança e Escorpião) localizam-se como três signos separados, na ordem em que estão atualmente.

⁸ Como o Infinito difere do Finito, e o Incondicionado do Condi-
 cionado – *Ed. Teos*.

⁹ 36 é três vezes 12, ou 9 *Tetraktis*, ou 12 Triades, o número mais
 sagrado entre as figuras cabalística e pitagórica. - *Ed. Teos*.

IX. *Dhanus*. (Sagitário). - Quando é representado numerica-
 camente, este nome equivale a 9, e a divisão em questão
 é a novena contando desde *Mesha* (Carneiro). Portanto,
 este signo indica claramente os *nove Brahmâs* - os *nove*
Prajâpatis que secundaram o Demiurgo na construção
 do universo material.



Brahma e Prajâpati, Government Museum Chennai, India.
 Creative Commons

X. *Makara*. - Existe uma certa dificuldade para interpretar esta palavra; não obstante, contem a chave para a sua interpretação correta. A letra *ma* equivale ao número 5 e *kara* significa «mão». Contudo, em sânscrito, *tribhijam* significa «triângulo», entendendo-se que *bhijam* ou *karam* (ambas as palavras são sinónimas) significam «lado». Portanto, *Makaram* ou *Panchakaram* significam «pentágono»¹⁰.

Contudo, *Makaram* é o décimo signo, e o termo *dashadisha* é aquele que os autores sânscritos usam para indicar os rostos ou lados do universo. O signo em questão propõe-se a representar os rostos do universo e indica que a figura do universo está limitada por pentágonos. Se aos pentágonos os considerarmos «regulares» (assumindo que o universo é de construção simétrica), a figura do universo material será, portanto, um Dodecaedro, o modelo geométrico que o Demiurgo imitou ao construir o universo material. Se então o signo de *Tulâ* foi inventado e, se em vez dos três signos, *Kanya*, *Tulâ* e *Vrishchikam* (Virgem, Balança e Escorpião), anteriormente apenas existira um signo que combinara em si mesmo *Kanya* e *Vrishchikam*, o signo que agora consideramos foi o oitavo segundo o antigo sistema, e é um feito significativo que os autores sânscritos em geral, também falem de *ashtadisha*, ou das oito caras que limitam o espaço. É muito possível que o número de *disha* pudesse ter sido alterado de oito para 10, enquanto o Virgem-Escorpião, existente anteriormente, foi dividido em três signos separados.

Além disso, pode considerar-se que *kara* representa os triângulos da estrela de cinco pontas projetadas. A esta figura também se pode chamar uma espécie de pentágono regular (ver «*Trigonometria Esférica*», de Isaac Todhunter, p. 143 da edição original em inglês). Se se aceita a interpretação, o *rashi* ou o signo em questão representa o «Microcosmos». Mas, o «microcosmo» ou o mundo do pensamento está representado por *Vrishchika*. Do ponto de vista objetivo, o «microcosmo» está representado pelo corpo humano. Pode considerar-se que *Makaram* representa simultaneamente o micro-

-cosmo e o macrocosmo, como objetos externos à percepção.

Em relação a este signo, apresentarei aqui alguns factos importantes que submeto à consideração daqueles que têm interesse em examinar as antigas ciências ocultas da Índia. Os filósofos antigos sustentam em geral que o macrocosmo é semelhante ao microcosmo, ao ter um *sthûla sharira* (corpo denso ou físico) e um *sûkkshma sharira* (corpo ilusório ou de sonho). O universo visível é o *sthûla sharira* do *Vishva* (Todo). Os antigos filósofos afirmavam que, como o substrato deste universo visível, existe outro universo - talvez possamos chama-lo de Universo da Luz Astral - o universo real dos Noúmenos: por assim dizer, a alma deste universo visível. Em determinadas passagens dos *Vedas* e dos *Upanishads* sugere-se obscuramente que este universo oculto da Luz Astral há-de ser representado por um Icosaedro. A ligação entre um Icosaedro e um Dodecaedro é algo muito peculiar e interessante, embora as figuras pareçam tão distintas entre si. Esta ligação pode compreender-se através da construção geométrica citada no último parágrafo. Desenhe-se uma Esfera ao redor de um Icosaedro, na qual as perpendiculares se estendem desde o centro da Esfera sobre os seus lados e avancem até se encontrarem com a superfície da Esfera. Contudo, se os pontos de interseção se juntam, dentro da Esfera forma-se um dodecaedro. Usando um procedimento semelhante, pode construir-se um Icosaedro a partir de um Dodecaedro. (Ver «*Trigonometria Esférica*», de Isaac Todhunter, pp. 141, art. 193.) A figura construída segundo a descrição anterior representará o universo da matéria e o universo da Luz Astral, como existem realmente. No entanto, agora não irei mostrar como o universo da Luz Astral pode ser considerado da perspectiva de um Icosaedro. Apenas direi aqui que este conceito dos filósofos Áryos não há-de ser considerado como mera «chachada teológica» ou resultado de uma fantasia louca. Creio que o significado real deste conceito pode explicar-se remetendo-nos para a psicologia e a física dos antigos. No entanto, devo deter-me aqui e seguir considerando o significado dos restantes signos.

¹⁰ Ver o artigo da edição de agosto de 1881, intitulado "A Estrela de Cinco Pontas", na qual expressamos que a estrela de cinco pontas ou pentagrama representava os "cinco" membros do homem. - Ed. Teos.

XI. *Kumbham* (ou Aquário). - A palavra equivale a 14, quando se representa com números. Então poderá perceber-se claramente que a divisão em questão tem como propósito representar os *caturdasha bhuvanam* ou quatorze *lokash* (lugares, regiões ou planos) de que se falam nos livros sânscritos.

XII. *Minam* (ou Peixes). - Esta palavra é representada por um 5, quando se escreve em números, o qual procura transmitir a ideia de *panchamahâbhutâm* ou os cinco elementos. O símbolo sugere também que a água (não a água comum, mas o solvente universal dos antigos alquimistas) é o mais importante dos cinco elementos.

Concluo a tarefa que me propus para este artigo. O meu propósito não é explicar a teoria da criação, mas antes mostrar a ligação entre essa teoria e as divisões zodiacais. Aqui trouxe à luz apenas uma pequeníssima parte da filosofia que estes signos envolvem. O véu que os filósofos antigos lançaram sobre determinadas partes do mistério ligado a estes signos nunca será levantado como um passatempo ou para instruir os não iniciados.

Contudo, para resumir todos os itens expostos neste artigo, eis o conteúdo do primeiro capítulo da história deste Universo:

1. *Brahmam* Auto existente y eterno.
2. *Pranava* (AUM).
3. *Brahmâ* andrógino, ou o *Sephirá* bissexual: *Adam Kadmon*.
4. O Tetragrama sagrado, os quatro *matras* de *Pranava*, os quatro *avasthâs*, os quatro estados de *Brahmâ*, os *Tarakam* Sagrados.
5. Os cinco *Brahmâs* - os cinco *Buddhas* - que na sua totalidade representam o *Jivâtâmâ*.
6. A Luz Astral, a Virgem Santa, as seis forças da natureza.
7. Os 36 *tattvas* nascidos da *Avidyâ* (ignorância).
8. O Universo no pensamento - o *Swapna Avâstha* - o microcosmos observado desde um ponto de vista subjetivo.
9. Os nove *Prajâpatis*, os assistentes do Demiurgo¹¹.
10. A figura do Universo material na mente do Demiurgo: o Dodecaedro.
11. Os 14 *lokash* (lugares, regiões ou planos).
12. Os cinco elementos.

A história da criação do mundo até à atualidade compõe-se de sete capítulos. O sétimo capítulo não está terminado, ainda.

¹¹ Os nove *Sephirot* cabalísticos que emanam de *Sephirá*; o décimo *Sephirot* e os superiores são idênticos. Três trindades ou triades, com o seu princípio que emana, formam a Década mística pitagórica, a soma de tudo, que representa todo o Cosmos. - *Ed. Teos*



Noite nos campos floridos do Parque Nacional das Sempre Vivas. Creative Commons

As Cinco Leis Cóslicas ou Inevitabilidades do Budismo

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

A inevitabilidade das estações e sementes, e a inevitabilidade de ações e dhammas; e a inevitabilidade dos pensamentos deve ser conhecida como as cinco inevitabilidades.¹

Quanto ao aparecimento de frutos e flores de uma só vez, em todas as árvores; esta é a inevitabilidade das estações.

Tal como seja a semente, esta torna-se no seu próprio fruto, o coqueiro cortado [não cresce], isso é o resultado da semente.²

Três causas, duas causas e nenhuma causa, dão o resultado adequado: esta é a inevitabilidade das ações.³

O nascimento de um bodhisattva acompanhado pelo tremor da terra, e os muitos universos, etc; esta é a inevitabilidade dos dhammas.

No entanto, atingido o órgão dos sentidos pelo campo dos sentidos, deter o produto, esta é a inevitabilidade do pensamento.



*O Buda pregando o Abhidhamma para sua ex-mãe, agora uma Deva e outras pessoas no Paraíso de Tavatimsa.
Creative Commons*

Em todas as civilizações, foram feitos esforços para determinar quais são as leis do universo, os elementos imutáveis, invariáveis e causais que determinam todo o resto. Também a nossa, obcecada com os domínios do material, acredita que tudo é efeito de quatro forças ou leis: a eletromagnética, a gravitacional, a forte - que mantém a coesão dos quarks nos núcleos atômicos - e a fraca responsável pela desintegração do neutrão e interações dos neutrinos.

Seguindo o hermetismo egípcio, nos textos de Kybalion também se estabelecem sete leis, que mais tarde foram amplamente comentadas no século XX por um livro anônimo - assinado sob o nome coletivo "Três Iniciados"- chamado assim, o Kybalion, e amplamente desenvolvido agora por Lúcia Helena Galvão num curso de 16 horas que despertou grande interesse (no canal de vídeo de Nova Acrópole Brasil com mais de meio milhão de visitas, no momento em que escrevo estas linhas).

Aqui são formuladas estas leis:

1. Princípio do Mentalismo: "Tudo é mente, o universo é mental"
2. Princípio da Correspondência: "Assim é acima como é abaixo, como é abaixo é acima"
3. Princípio de Vibração: "Nada é imóvel tudo se move, tudo vibra"
4. O Princípio da Polaridade: "Tudo é o dobro; tudo tem dois pólos; tudo é o seu par de opostos: os semelhantes e os antagônicos são o mesmo; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos tocam-se; todas as verdades são semi-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados"
5. O Princípio do Ritmo: "Tudo flui e reflui; tudo tem os seus períodos de avanço e retrocesso; tudo sobe e desce, tudo se move como um pêndulo: a medida do seu movimento para a direita, é a mesma do seu movimento para a esquerda, o ritmo é compensação."
6. O Princípio da Causa e do Efeito: "Toda a causa tem o seu efeito; cada efeito tem a sua causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o azar não é nada mais do que o nome se dá a uma lei

1 Ver fonte do texto "the Five-fold Niyama", em <http://www.jayarava.org/texts/the-five-Fold-niyama.pdf>. Segundo indicam estes versos pertencem a um resumo do Abhidhamma atribuído a Uddhadatta, contemporâneo do famoso Budaghosa, por volta do século V da nossa era.

2 No artigo mencionado explicam como o coqueiro, ao contrário das outras árvores, se o cortas não cresce, ou seja, cada semente gera uma árvore diferente que tem a sua própria natureza e características.

3 Aqui também, explicam que três causas são as causadas pela ausência do triplo veneno, o orgulho, a inveja e a ignorância (ou seja, humildade, bondade e sabedoria), e que fazem nascer nos reinos superiores (deuses e homens). A não-causa é não se opor a este triplo veneno e fazer renascer nos quatro reinos inferiores. Não se especifica o significado da causa dupla.

desconhecida; há muitos planos de causalidade, mas nada escapa à Lei”

7. O Princípio da Geração: “A geração existe em todos os lugares; tudo tem o seu princípio masculino e feminino; a geração manifesta-se em todos os planos”



Hermes Trismegistus. Public Domain

Em certos textos herméticos fala-se das 49 leis que regem o Sistema Solar, que seriam a base da astrologia esotérica; associa cada lei com um dos seus planos de consciência ou de vida.

O professor Jorge Angel Livraga (1930-1991), fundador da Nova Acrópole (em 1957), mencionou de outra forma, e magistral, as Sete Leis da Existência na sua pirâmide de formas e vidas, desde o Logos à matéria, que é o suporte aos seus poderes criadores.

1. Lei de Unidade
2. Lei de Iluminação
3. Lei de Diferenciação
4. Lei de Organização
5. Lei de Causalidade ou Psiquisidade
6. Lei de Vitalidade
7. Lei de Periodicidade

Em vários cursos e artigos ele explicou-as sob diferentes perspectivas, e o interessado pode ver o desenvolvimento na bela conferência “o universo como resposta”, que pode encontrar no link:

<https://biblioteca.acropolis.org/el-universo-como-respuesta/>

No budismo estas Leis do Universo também são mencionadas, e são chamadas de Cinco Niyamas e traduzidas como necessidade, ordenação, restrição e inevitabilidade. Também se traduz como “fixação”, ou “aquele que fixa”, ou “curso fixo”, que atribuímos às leis da natureza, embora no budismo tenha mais um sentido do inevitável trabalho de condicionalidade. Mais do que no sentido da ordem, que é como geralmente entendemos a lei, é o que necessariamente restringe, ou o que impulsiona a ação como causa (isto é, mais como força, potencial ou em ação), o que obriga a manifestar-se, numa sucessão de intemporalidades, num fluxo de impermanências que chamamos *samsara*.

O monge Theravada, mestre budista, Olande Ananda deu uma palestra na Sociedade Teosófica em 2012, certamente esclarecedora e que recomendo. Ele traduz Niyama diretamente como lei. As *Pancha Niyamas* seriam as 5 Leis, que noutras versões foram absorvidas pelo karma (4) e uma pelo dharma. Os cinco caminhos pelas quais as coisas acontecem.



O Bhavacakra ou Roda do Tornar-se é uma representação simbólica de processos de existência contínua na forma de um círculo, usado principalmente no Budismo Tibetano. *Public Domain*

Estes são, de acordo com a ordem que ele lhe dá:

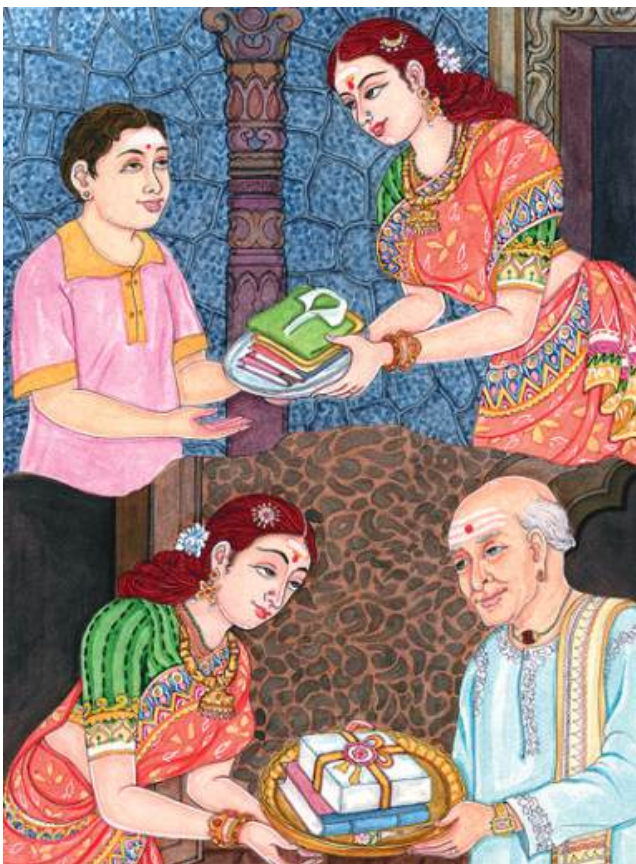
1 – **A Lei da Semente** (*Bija Niyama*): A semente de uma macieira dará uma maçã e não uma pêra, a de uma rosa uma rosa e a de uma sarça uma sarça. Fisicamente aqui poderíamos incluir tudo o que entendemos como determinação genética, a criança se parece com os pais ou os avós. Nascermos com certas tendências físicas e psicológicas, o sangue chama, exige, transmite, como no ditado, “de tal pau, tal lasca”, e isto não é apenas válido no físico, mas em tudo o que faz parte das condições inatas herdadas. A parte mantém as propriedades do todo a qual pertence, embora as genealogias

não sejam apenas de sangue físico e em todas as escolas uma linhagem espiritual é estabelecida, tal é “filho” ou discípulo de tal, que foi “filho” de tal, etc., o que, naturalmente se leva muito a sério

2 – **A Lei do Ambiente** (*Utu Niyama*): Também é chamada de lei natural da matéria não viva, no que hoje chamamos de “fenômenos inorgânicos”. Se estiver frio ou quente (no sentido físico e psicológico), a pressão a que estamos submetidos (*idem*), que elementos prevalecem, não é o mesmo estar na montanha como no mar, ou no ar, o que nos rodeia, não gera em nós o mesmo ordem e harmonia que desordem e ruído.

O ambiente familiar, económico, político, educativo, a língua que falamos e ouvimos que nos faz pensar de forma diferente, viver cercado de justiça ou interesses mesquinhos e criminosos, o ambiente mental, ou seja, as crenças que martelam as nossas mentes ou que nos seduzem incessantemente, a nobreza ou a vilania do ar que respiramos: a pureza ou não das águas que bebemos, dos alimentos que comemos, a ação das serpentes ou correntes telúricas ou eletromagnéticas ou endócrinas, ou cosmopsicológicas. Lembrando que ambiente é circunstância, é tudo o que te rodeia direta ou indiretamente.

3 – A **Lei do Karma** (*Kamma niyama*): Lei de Causa e Efeito, no nível ético. Formada pela energia inerente de nossos atos, palavras e pensamentos que gerarão em nós efeitos benéficos ou angústia e sofrimento, de acordo com as boas e sábias ou más e ignorantes intenções, respectivamente.



Karma como ação e reação: se mostrarmos bondade, colheremos bondade. Creative Commons

4 – **Lei da Mente** (*Citta niyama*): Da palavra sânscrita *Chitta*, que significa mente, consciência, coração. A mente é o rei dos sentidos (mais um sentido, no budismo) e, portanto, seus atos impelem à ação, geram consequências. Aqui também reside a nossa chamada “liberdade”, querendo e sendo capaz de fazer algo ou não, ou fazê-lo de uma forma ou de outra, as eleições, o poder da consciência que se torna a lei da vida. Pode haver uma série quase infinita de causas interligadas que nos empurrarão numa ou noutra direção, mas sempre o poder da mente e a vontade afirmará ou negará com uma certa liberdade interior.

E lembramos aqui que “mente é o nome dado a todos os estados de consciência incluídos nas denominações de pensamento, vontade e sentimento”⁴

5 – **Lei dos Dharmas** (*Dhamma niyama*): Embora em geral no budismo a palavra *dhamma* (em pali, do sânscrito “*dharma*”) signifique a palavra ou ensinamentos do Buda, aqui aplica-se no seu sentido antigo. Ou seja, “*dharma*” como verdadeira natureza, ideal, dever, condição, o caminho a ser percorrido.

Olande Ananda explica isto como o efeito de tudo o que existe na natureza, as influências estelares, astrológicas, as do Sol e da Lua, das manchas solares e a sua atividade. Mas, isto mais nos parece Lei do Ambiente. Poderíamos talvez vê-lo como a exigência da nossa própria condição, não apenas por ser “semente de”, mas a exigência da nossa natureza intrínseca, do *próprio ethos*. Lembremos que esta palavra grega originalmente significava a natureza distinta de algo.

Os nossos passos ao longo do caminho podem ser determinados por inúmeras causas (aquelas que nos tiram do caminho também), mas o “caminho” em si é uma causa fundamental. É o próprio caminho – “não podes percorrer o caminho até te converteres no próprio caminho”, que te encoraja, te chama, te exige, é a tua própria condição ideal, é a força do dever ser.

4 H.P.Blavatsky, em Doutrina Secreta I, Estância I.

Como diria Kant, não responder aos imperativos da própria consciência moral – que ele chama de Razão Prática – é violentar-nos a nós próprios.⁵

Olande Anande também inclui aqui catástrofes geológicas, ou acidentes por “estar na hora errada no lugar errado”, ou seja, ser arrastado pela força da natureza, a ação dos diferentes dharmas desta, no mesmo sentido que às vezes dizemos que o karma é a mesma ação do dharma que retorna à sua natureza perfeita e ideal, ou estar exposto às mesmas leis da natureza, que respondem à nossa presença, mais ou menos adequada.

Talvez este verso do comentário ao Abhidhamma que mencionamos anteriormente seja aquele que determina que o interprete desta forma:

O nascimento de um bodhisattva acompanhado pelo tremor da terra, e dos muitos universos, etc; esta é a inevitabilidade dos dhammas.

Mas o que eu li aqui é o surgimento da verdade no meio das circunstâncias, da jóia oculta no lótus, da verdadeira natureza da sua concha limitante, opressora e necessária antes, como o ovo do qual a serpente nasce, ou o recém-nascido da dor da mãe. Ou seja, essa lei seria da manifestação do interno que se torna externo no meio da luta e da limitação.

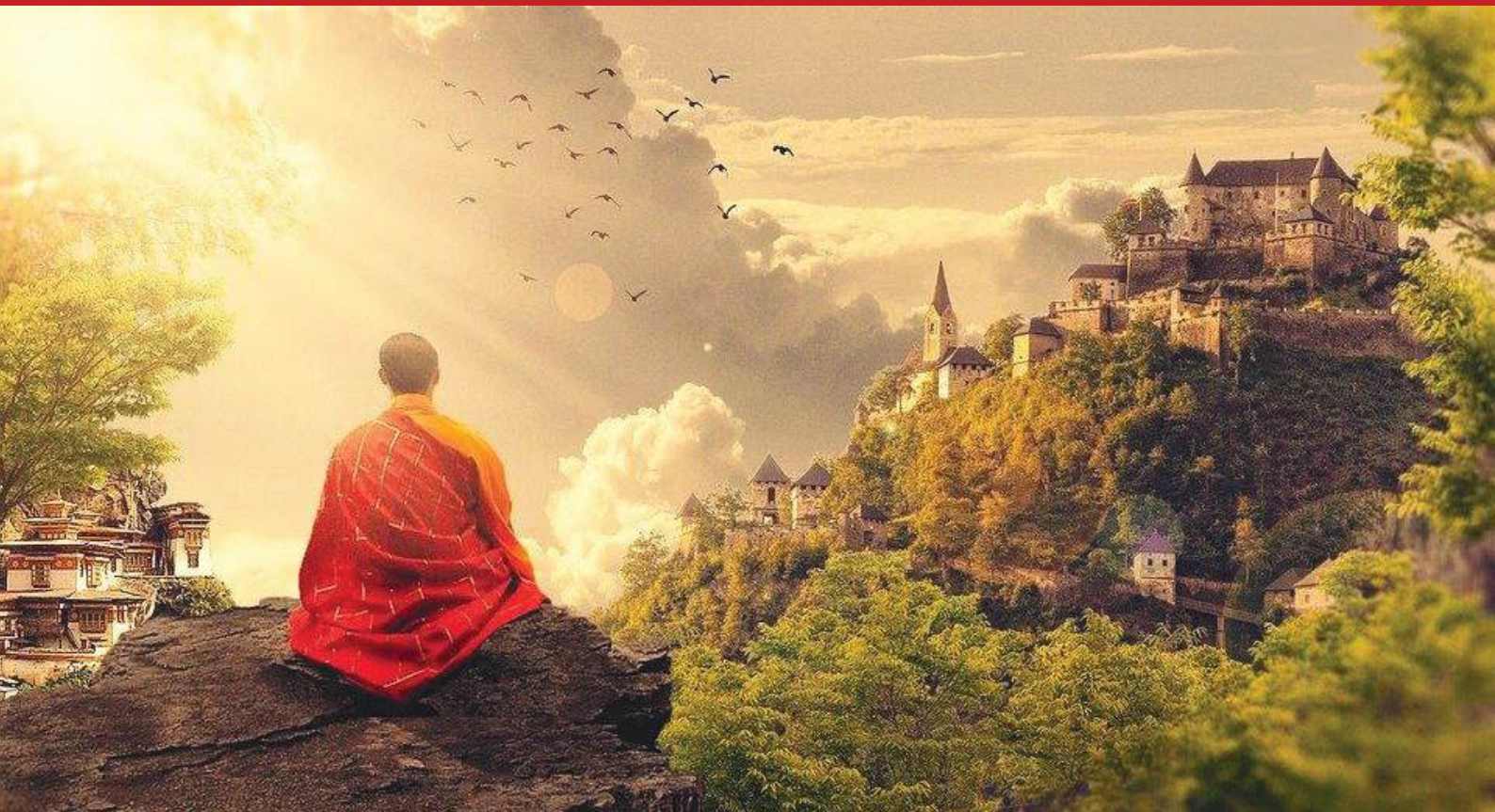
O caminho chama e empurra o caminhante, mas o rastro é de dor, de tudo o que não somos e deve ser abandonado, da guerra contra o que nos sustenta no meio do caminho, mas não nos deixa avançar. E antes, durante e depois, a verdade, e o dharma permanecem inalterados, puros, idênticos a si mesmos.

Como dizemos, Atma inserido na Mente Divina é como uma estrela no céu, é um Arquétipo em si mesmo, é o Eu Destino. Portanto, pelo menos desde onde estamos, Atma é igual ao Karma, pois a sua luz é e reflete-se neste.



Vinte e cinco Bodhisattvas Descendo do Céu, c. 1300, Japão, período Kamakura. Museu de Arte Kimbell. Public Domain

⁵ Como diz o livro místico Voz do Silêncio.



Meditação. Pixabay

Reencarnação e Concepções Budistas

– Terei sido Cleópatra?

Por Juan Martín

A maioria das obras e estudos sobre Reencarnação concentram-se numa série de ideias básicas mais ou menos comuns. No entanto, a maior diferença encontra-se nas atitudes apriorísticas com que se abordam. Ou tentam “convencer” ou provar a existência da reencarnação ou, ao contrário, a desaprovam. Múltiplas razões são aduzidas num sentido ou outro, com o objetivo final sendo, na verdade, a defesa das posições religiosas ou filosóficas particulares a partir das quais a análise é feita.

Portanto, não nos deteremos em explicações para “provar” a existência de tal fenómeno, porque afinal, a menos que se tenha consciência e memória dele - o que em qualquer caso só continuaria a ser válido para o próprio - seria inútil e uma forma de convencer os já convencidos. Há muita fé ou crença religiosa quase dogmática em muitos dos “crentes” da reencarnação, bem como nos detratores, além de manipulações do conceito para acomodar os próprios desejos, sonhos e vaidades pessoais: ninguém “se lembra” de ser a encarnação de um

pobre mendigo, quase todos se lembram de ter sido grandes reis, princesas ou sacerdotes sábios, o que geralmente é sinal bastante de infinita vaidade, já que não há assim tantas “cleópatras” ou “napoleões” ou grandes reis no passado para que todos fiquem satisfeitos.

Por tudo isto, uma das perguntas mais terríveis e difíceis de responder é: “Você acredita na reencarnação?” Mas antes de responder, seria necessário perguntar sobre as intenções do questionador, que em muitos casos apenas espera um sonoro sim ou não para, consciente ou inconscientemente, adicioná-lo à sua própria lista de pessoas aceitáveis ou pertencentes à mesma “confissão” (agora chamam de “likes” ou “dislikes”).

- Mas então, você acredita ou não na reencarnação?

- Para sua tranquilidade direi que sim, mas mais como uma necessidade e como uma daquelas chamadas pelos cientistas de “hipóteses férteis”. É uma necessidade porque é a peça que faltava que se encaixa com o resto das minhas concepções filosóficas - faço isso como todos os demais. É também uma hipótese fértil porque permite encontrar explicações para o mundo que me rodeia, embora às vezes nos perguntem se não é uma forma de acalmar e entorpecer a consciência com respostas que afinal não podem revelar o mistério último das coisas.

- Mas pelo menos são respostas razoáveis ...

- É exatamente isso que me põe de sobreaviso, elas são demasiado razoáveis. Digamos que a hipótese da reencarnação oferece respostas aceitáveis para o momento atual da evolução humana. Mesmo com tudo isso, não explicaria outra série de questões enigmáticas, nem daria plena satisfação, como é formulado, ao sentido último de justiça e verdade que um homem desperto sempre tenta encontrar. Mas antes de tudo, vamos tentar definir o fenômeno. Em primeiro lugar, temos que diferenciar entre Reencarnação e Renascimento.

Por Encarnação, teremos que entender a entrada de “algo” num corpo físico. Essa entrada pode corresponder a um ser inconsciente, consciente ou mesmo superconsciente. Em qualquer caso, corresponde, pelo menos por enquanto, à entrada ou expressão de algo num plano material denso. Será reencarnação quando esse algo vier de outra encarnação anterior.

Por Renascimento entendemos a mutação de um ser em algo diferente, mas mantendo uma certa continuidade de consciência com o anterior. Isso pode acontecer em qualquer plano vindo de qualquer outro.

Para o Budismo Theravadin ou Hinayana, tanto a reencarnação quanto o renascimento são considerados fenômenos pertencentes ao Samsara (“peregrinação perpétua”) e como causa de sofrimento, decadência, morte e recomeço.



A roda da vida. NU Free Documentation License

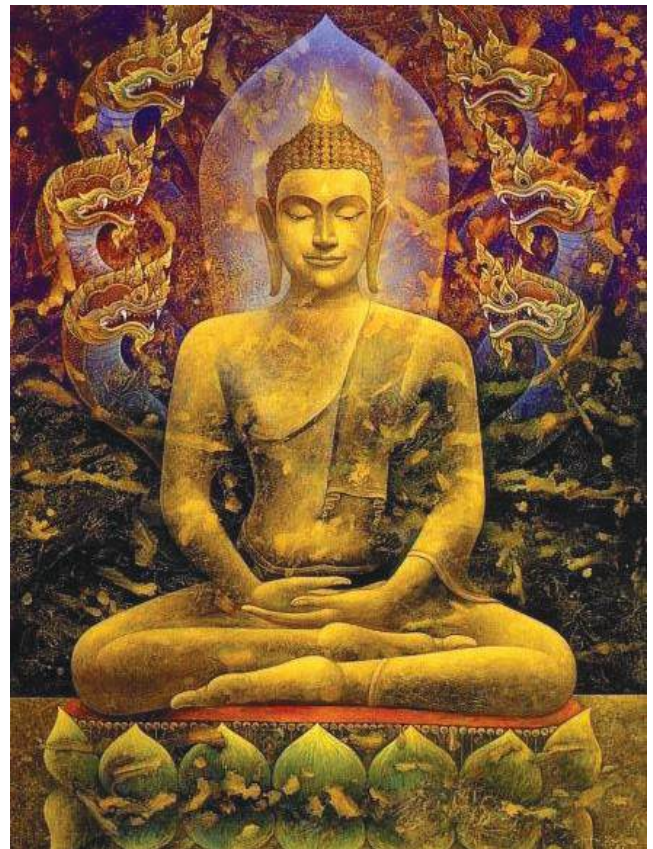
Inconcebível é o início deste Samsara; nunca descoberta a primeira origem dos seres, os quais, acorrentados pela ignorância e presos ao desejo, se precipitam e correm através desta ronda de renascimentos.

A reencarnação era uma crença partilhada pelos vedantinos, jainas, sikhs, xintoísmo japonês, taoísmo e cristãos primitivos. De acordo com as concepções budista e hindu, essa longa peregrinação tem um possível fim ou libertação, o Nirvana hindu ou Moksha, que é considerado uma aniquilação ou absorção do eu peregrino, uma união sublimada no divino. Agora, Nirvana é SER, a existência real, que não tem começo nem fim, porque está além do tempo e da manifestação. Como é possível que o que é irreal e temporário possa “chegar” ao Nirvana, ao que sempre É?

Se nada “chega”, “conquista”, “integra” ou “atinge” o Nirvana, qual a sua relação com essa peregrinação eterna? O que é que reencarna? Pois se o Nirvana sempre É, a entidade que reencarna não pode ser algo que “saiu” daquele plano e finalmente “chegou” ao Nirvana, extinguindo-se assim a corrente do Samsara.

Serão sombras ilusórias projectadas, como os raios do sol num espelho?

O budismo ortodoxo tropeça aqui num obstáculo: o da dupla verdade ou realidade, um conceito de que, outra reencarnação do Buda, segundo a tradição, Sankaracharya nos fala. Se, por um lado a inexistência de um “eu” real no homem é afirmada no budismo, por outro lado, ele afirma a existência interminável de uma cadeia de sofrimentos centrada num eu ilusório e prega a necessidade de escapar dela. Mas então o que ou quem tem que escapar? O que ou quem alcança a extinção do sofrimento?



Buda. Creative Commos

É por não entender, por não perceber quatro coisas, que eu, discípulos, assim como vocês, tive que vagar por tanto tempo nas rondas de renascimentos.

E quais são essas quatro coisas? Eles são a Nobre Verdade do Sofrimento, a Nobre Verdade da Origem do Sofrimento, a Nobre Verdade da Extinção do Sofrimento, a Nobre Verdade do Caminho que conduz à Extinção do Sofrimento.

O Buda disse: “Eu, discípulos, assim como vocês, tive que vagar...? Mas se não há “eu”?! Porquê todo esse esforço? Para se libertar do que não existe? Evidentemente aqui há um mistério...”



Os cinco irmãos pandavas com sua esposa Draupadi (à direita). No centro está Yudhishtira. Creative Commons

Yudhishtira e o Lago **Dharma**

Mahábhárata 3.295-298

Certa vez, enquanto os Pândavas cumpriam o seu exílio na floresta, um sacerdote veio implorar-lhes que recuperassem dois gravetos com que este pudesse realizar acender um fogo ritual no tempo devido, que haviam ficado presos nos chifres de um veado que se pôs em fuga. Estes, aceitando a tarefa, puseram-se a persegui-lo. Mas durante a perseguição, ficando cansados e com sede, Yudhishtira mandou o seu irmão Nakula subir a uma árvore para que avistasse um local com água. Coube também a Nakula, após identificar o local e a

direcção a tomar, ir até lá buscar água para os seus irmãos.

Quando Nakula chegou ao rio, uma voz alertou-o para que não bebesse ainda do lago, mas que lhe respondesse primeiro às suas perguntas. No entanto, Nakula não lhe deu atenção e bebeu, caindo morto. Como Nakula demorava em regressar, Yudhishtira enviou Sahadeva, que também caiu morto ao beber da água do rio, e assim sucessivamente com os seus dois outros irmãos, até só restar o próprio Yudhishtira, indo ele até ao rio.



Nakula, o irmão Pandava, por volta de 1725-1750.
Public Domain

Contudo, Yudhishtira, ao ver os seus irmãos mortos na margem do lago, foi mais ponderado e, apesar da sede, aceitou responder primeiro às questões da voz do lago, que tomara entretanto a forma de um Yaksha, ou espírito da natureza.

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que faz o sol nascer? E o que se move sobre ele? O que o faz descer? E qual a sua base?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“É Brahman quem faz o sol nascer. Os deuses movem-se sobre ele. A Lei fá-lo descer. A sua base é a verdade.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Como é que alguém se torna sábio? Como é que alguém alcança a grandeza? Como é que

alguém, ó rei, pode evoluir? Como pode alguém ser justo?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Aprendendo-se atinge-se a sabedoria. Pelo ascetismo atinge-se a grandeza. Pela coragem evolui-se. Servindo os mais velhos aprende-se a ser-se justo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a divindade dos sacerdotes? Qual é a sua Lei, típica dos bons? Qual é a sua natureza humana? Qual é o seu vício, típico dos maus?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O estudo dos *Vedas* é a sua divindade, o ascetismo é a sua Lei, típica dos bons; a mortalidade é a sua natureza humana, a difamação é o seu vício, típica dos maus.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a divindade dos guerreiros? Qual é a sua Lei, típica dos bons? Qual é a sua natureza humana? Qual é o seu vício, típico dos maus?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A flecha é a sua divindade, o sacrifício é a sua Lei, típico dos bons; o medo é a sua natureza humana, a deserção é o seu vício, típica dos imprecisos.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é o canto sacrificial? Qual é a fórmula sacrificial? O que é que corta o sacrifício? O que é que o sacrifício não excede?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A respiração é o canto sacrificial, a mente é a fórmula sacrificial. O discurso é o único que corta sacrifício e este é aquilo que o sacrifício não excede.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que será melhor para aqueles que cultivam? O que será melhor para aqueles que semeiam? O que será melhor para aqueles que pastoreiam? O que

será melhor para aqueles que habitam? O que será melhor para aqueles que produzem?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A chuva é o melhor para quem cultiva; a semente é o melhor para quem semeia. As vacas são o melhor para quem habita, um filho é o melhor para quem produz.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é que experimenta os objectos dos sentidos, que é inteligente, honrado no mundo, respeitado por todos os seres e que respira mas, ainda assim, não está vivo?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Aquele que não faz oferendas aos cinco – deuses, convidados, subordinados, antepassados e a si próprio – respira mas, ainda assim, não está vivo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é mais pesado do que a terra, maior do que o céu, mais rápido do que o vento, mais numeroso do que a erva?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A mãe é mais pesada que a terra e o pai maior do que o céu; a mente é mais rápida do que o vento e as preocupações são mais numerosas do que a erva.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é que não fecha os olhos quando dorme? O que é que não se agita quando nasce? O que é que não tem coração? O que é que cresce correndo?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Um peixe não fecha os olhos quando dorme. Um ovo não se agita quando nasce. Uma pedra não tem coração. Um rio cresce correndo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é o amigo do viajante? Quem é o amigo daquele que está em casa? Quem é o amigo do doente? Quem é o amigo daquele que está a morrer?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Uma caravana é a amiga do viajante. A esposa é a amiga daquele que está em casa. Um médico é o amigo daquele que está doente. A caridade é a amiga daquele que está a morrer.”



Yaksha. Creative Commons

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é o convidado de todos os seres? Qual é a Lei Eterna? Qual é o néctar da imortalidade, ó rei dos reis? O que é todo este universo?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O fogo é o convidado de todos os seres. A imortalidade é a Lei Eterna. O Soma é o néctar eterno. O vento é todo o universo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é que viaja sozinho? Quem é que nasce de novo? Qual é o remédio contra a neve? O que é o grande recipiente?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O sol viaja sozinho. A lua nasce de novo. O fogo é o remédio contra a neve. A terra é o grande recipiente.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é, numa palavra, virtuoso? O que é, numa palavra, a fama? O que leva, numa palavra, ao céu? O que é, numa palavra, a felicidade?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Numa palavra, o trabalho é virtuoso. Numa palavra, dar é ter fama. Numa palavra, a verdade leva ao céu. Numa palavra, ter-se carácter é a felicidade.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é o Eu do homem? Quem é o amigo feito pelo destino? Quem é que suporta a sua vida? Qual é o seu último refúgio?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Um filho é o Eu do homem. Uma esposa é a amiga feita pelo destino. Uma nuvem de chuva suporta a sua vida. A misericórdia é o seu último refúgio.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a maior das riquezas? Qual é a maior das posses? Qual é a mais lucrativa das coisas? Qual é a mais agradável das coisas?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A habilidade é a maior das riquezas. A sabedoria é a maior das posses. A saúde é a mais lucrativa das coisas. O contentamento é a mais agradável das coisas.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a maior Lei do mundo? Que Lei gera sempre frutos? O que é que não causa sofrimento

quando controlado? Que união é que não se quebra?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Rejeitar a crueldade é a maior Lei do mundo. A Lei Védica gera sempre frutos. A mente não causa sofrimento quando controlada. A união com a bondade não pode ser quebrada.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“A que renuncia aquele que se torna amigável? A que renuncia aquele que deixa de sofrer? A que renuncia aquele que se torna rico? A que renuncia aquele que se torna feliz?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Torna-se amigável quem renuncia ao orgulho. Deixa de sofrer quem renuncia à raiva. Torna-se rico quem renuncia ao desejo. Torna-se feliz quem renuncia à ganância.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é o propósito de dar-se esmola aos sacerdotes? Aos dançarinos e actores? Aos servos? E aos reis?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

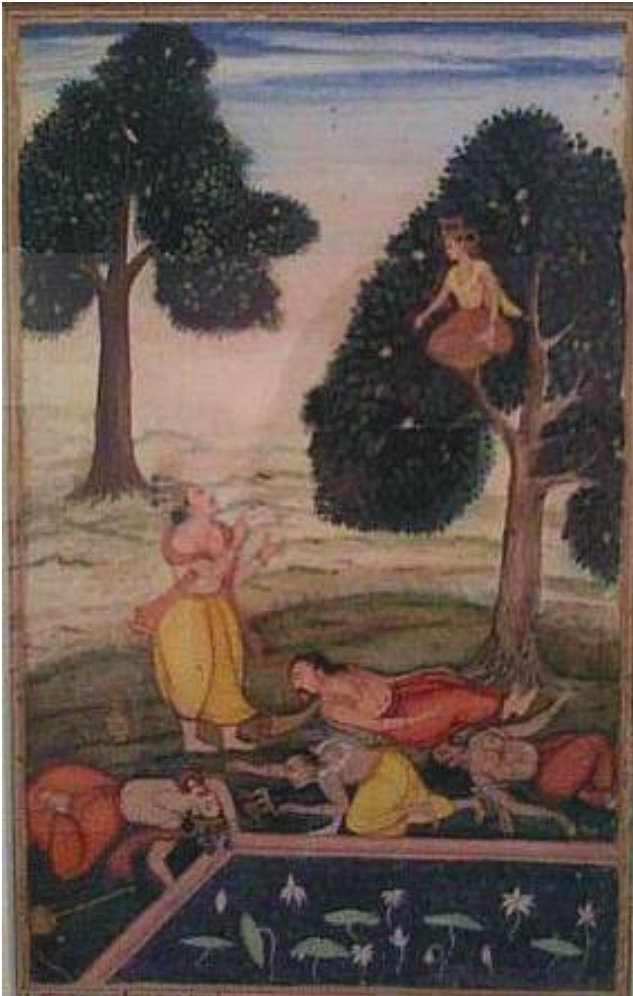
“Dá-se esmola aos sacerdotes em nome do mérito religioso; aos dançarinos e actores em nome da fama; aos servos para os apoiar; e aos reis por medo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Porque é que o mundo está escondido? Porque é que não se torna visível? Porque é que os amigos são abandonados? Porque é que alguns não vão para o céu?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Devido à ignorância, o mundo está escondido. Devido às trevas, o mundo não se torna visível. Devido à ganância, os amigos são abandonados. Devido ao apego mundano, alguns não vão para o céu.”



Yudhishtira responde às perguntas de Yaksha. *Public Domain*

O Yaksha perguntou-lhe:

“Como pode um homem estar morto? Como pode um reino estar morto? Como pode um rito fúnebre estar morto? Como pode um sacrifício estar morto?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Um homem pobre está morto. Um reino sem rei está morto. Um rito fúnebre sem um sacerdote sábio está morto. Um sacrifício sem recompensas para os sacerdotes está morto.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a direcção certa? O que é a água? A comida e o veneno? Diz-me qual é o tempo apropriado para o rito fúnebre. E então poderás beber e partir.”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O bem é a direcção certa. O espaço é a água, a vaca é a comida, mendigar é o veneno. Um sacerdote é o tempo apropriado para o rito fúnebre. Ou não é assim, ó Yaksha?”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Qual é a característica distintiva do ascetismo? O que é o auto-domínio? Qual é o mais alto grau de resistência? O que é a vergonha?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Viver de acordo com o seu dever pessoal é ascetismo. Controlar a mente é auto-domínio. Resistência é a capacidade de suportar dificuldades. Vergonha é dar-se impropriamente.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é o conhecido, ó rei? O que é a paz? Qual é o maior acto de piedade? O que é a rectidão?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O conhecido é compreender-se a natureza da realidade. A paz é uma mente calma. A piedade é desejar-se o bem em todas as direcções? A rectidão é uma mente moderada.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Que inimigo é invencível? E o que é uma doença eterna para o homem? Que tipo de pessoa é vista como honesta? E como desonesta?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O ódio é o mais invencível dos inimigos, a ganância é uma doença eterna. Uma pessoa bem intencionada para com todos os seres é vista como honesta e uma pessoa cruel é vista como desonesta.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é a ilusão, ó rei? E o que é o orgulho? O que é a inércia? E o que é o sofrimento?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A ilusão é não se compreender a Lei. O orgulho é ser-se vaidoso; a inércia é negligenciarem-se os deveres. O sofrimento é a ignorância.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Ao que é que os profetas chamam de estabilidade?
O que é a fortaleza? O que é a extrema purificação?
O que é a generosidade?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A estabilidade é ser-se firme no dever pessoal, fortaleza é controlar os sentidos, a extrema purificação é limpar as impurezas mentais e a generosidade é proteger as criaturas.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Que Homem é sábio? Quem é que é chamado ateu?
Quem é que é chamado estúpido? O que causa o desejo? O que é a inveja?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Aquele que conhece a Lei é sábio. Um estúpido é chamado de ateu e um ateu é chamado de estúpido. O desejo é provocado pelo ciclo dos renascimentos e a dor no coração é a inveja.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que é o egoísmo? O que é a hipocrisia? O que de melhor vem dos deuses? O que é a calúnia?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“O egoísmo é a grande ignorância. A hipocrisia é defender-se uma bandeira religiosa. O fruto da doação é o que de melhor vem dos deuses. A calúnia é rebaixarem-se os outros.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“A Lei, o benefício e o desejo são opostos entre si. Como podem estas eternas oposições reunirem-se num único local?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Quando a Lei e a esposa são submissas uma à outra, então surgem unidos pela tríade da Lei, do benefício e do desejo.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O mais táureo dos Bháratas, quem é que vai para o inferno imortal? Responde-me de imediato!”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Aquele que chama a um sacerdote de pobre pedindo-lhe um dom, mas que não lhe dá nada como recompensa, esse é lançado no inferno imortal. Aquele que age de forma imprópria para com os Vedas e os Manuais da Lei, para com os sábios, os deuses e os rituais para os antepassados, esse é lançado no inferno imortal. Aquele que é rico, mas que devido à ganância, não dá riqueza nem a aproveita, e que depois diz não ter posses, esse é lançado no inferno imortal.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Mas o que é que faz, ó rei, alguém tornar-se num sacerdote, será o nascimento, a conduta, o estudo ou a sabedoria? Responde-me acertadamente.”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Então ouve-me, querido Yaksha! Nem o nascimento, nem o estudo, nem a sabedoria fazem de alguém um sacerdote. É apenas a conduta, sem dúvida! Um sacerdote tem o dever de se sacrificar por manter a sua conduta. O homem cuja conduta não falha não é corruptível, mas outro que não o faça pode perder-se uma e outra vez na sua conduta pessoal. Professores, sábios e outros que estudam os textos, estudam muito, mas apenas para se tornarem mais estúpidos; pois é aquele Homem que cumpre



com o rito quem é, na verdade, uma autoridade na sabedoria. Até um Homem que conheça os quatro Vedas é inferior a um escravo, se a sua conduta for má. É o homem controlado, que se concentra nas oferendas ao fogo, quem é distinguido como um sacerdote.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“O que ganha aquele cujo discurso é encantador? O que ganha aquele que age depois de pensar? O que ganha aquele que fez muitos amigos? O que ganha o Homem devoto à Lei? Diz-me!”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Aquele cujo discurso é encantador, torna-se popular; Aquele que pensa antes de agir, ganha prosperidade; Aquele que faz muitos amigos, vive feliz; E aquele que é devoto à Lei, terá um bom renascimento.”

O Yaksha perguntou-lhe:

“Quem é feliz? O que é extraordinário? Qual é o caminho? Quais são as notícias? Responde às minhas quatro questões para que os teus irmãos mortos possam viver!”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“Ó habitante da água, aquele Homem que no quinto ou sexto dia, cozinha vegetais na sua própria casa, que não tem dívidas nem está exilado, esse é verdadeiramente feliz. Todos os dias as criaturas vão para o reino de Yama (a morte); contudo, as que ficam cá continuam a procurar algo permanente. O que poderá ser mais extraordinário do que isto? O raciocínio não tem fundamento, os textos revelados contradizem-se uns aos outros, não existe um único sábio cuja opinião seja autoritária, a verdade sobre a Lei está escondida numa gruta. O caminho que os grandes Homens têm seguido – esse é o caminho. A ilusão é a caldeira, o sol é o seu lume, os dias e as noites as suas acendalhas, os meses e as estações a colher que remexe, o tempo cozinha os seres – estas são as notícias!”

O Yaksha disse-lhe:

“Tu respondeste às minhas questões correctamente, ó destruidor de inimigos. Diz-me agora, o que é um Homem e que Homem possui todas as riquezas?”

Yudhishtira respondeu-lhe:

“A fama das boas acções toca a terra e o céu. Enquanto a sua fama perdurar ele é chamado de Homem. O Homem para quem o prazer e o sofrimento, a felicidade e a miséria, assim como o passado e o futuro são iguais, possui todas as riquezas.”



O Imperador Yudhishtira e a Imperatriz Draupadi sentados no trono cercados por outros Pandavas. [Wikimedia Commons](#)

Com isto, o Yaksha ressuscita, um a um, os seus irmãos, revela-se a si mesmo como seu pai e concede-lhe três desejos. Yudhishtira pede para que sejam recuperados os gravetos, que ele e os seus irmãos possam viver de forma incógnita o décimo terceiro ano de exílio, e que ele seja detentor de um elevado carácter moral.



Estátua do Grande Buda (ou Daibutsu), Kamakura, Japão. Creative Commons

Sutta Pitaka: Soluções **Espirituais que ainda estão vigentes**

De onde emergem as experiências dolorosas da vida, o que podemos considerar como a fonte de tudo quanto acontece? - pergunta o Buda aos seus discípulos monges (*bikkhus*). Em nada se sustentam, não há nada que, em definitivo, exista, responde o mesmo; apenas a nossa ignorância da verdade essencial. Apenas uma mente que, não iluminada, tece uma rede de causas e efeitos (os doze *Nidanas*), uma mente que se sente perturbada pelas sombras do seu próprio movimento, que não percebe o eterno AGORA onde se imobilizam todas as existências. Onde a luz da verdade-una (o ontos de Parmênides, o sat da filosofia védica) brilha com glória infinita. São a nossa ignorância, a ausência de plenitude no Eu, e a sede de vida e sensação as forças que fazem girar a Roda da Existência, a Roda da Dor, a viva morte em que vivem, morrem e renascem todos os seres que nadam, aturdidos, nas águas de *samsara*.

Este é um dos tesouros, um dos ensinamentos de Buda no Discurso sobre a «Raiz-Sequência» (*Mula Pariyaya Sutta*) que aparece como o primeiro dos chamados Discursos Médios (*Majjhima Nikaya*), dentro do *Sutta Pitaka*, esta última, obra que compendia todos os discursos de Buda, de acordo com a versão do budismo *Theravada* do Sri Lanka.

Narra a tradição budista que, logo após a morte de Buda, um dos monges, indolente e preguiçoso, vendo tristes os seus companheiros, disse que não se lastimassem, porque antes «cansava-nos dizendo-nos “Isto vos convém. Isto não vos convém”; mas agora podemos fazer o que nos apetece e não fazermos o que não queremos».

E o grande *Kashyapa*, sucessor de Buda na direção do *Sangha* (a comunidade dos monges budistas), ouvindo isso, percebeu a necessidade de fixar os ensinamentos do Bendito e convocou o primeiro Concílio da Ordem, realizado na cidade de *Rajagriha*, onde participaram quinhentos *Arhats*. Durante sete meses, debateram e recordaram, um por um, os discursos, ensinamentos, regras e recomendações do *Tathagata*, estabelecendo assim a disciplina que deveria reger a vida dos monges (*Vinaya*) e a doutrina (*Dhamma*) de Buda.

A língua em que foi compilado foi o páli, uma língua vernácula e de uso popular e que, ao contrário do sânscrito, todos podiam entender, uma vez que a mensagem de Buda era dirigida a reis e a mendigos, a brâmanes e a párias, a todos, sem distinção de casta, raça, sexo ou condição social. Pouco depois, o tesouro das palavras de Buda seria traduzido para sânscrito, e dessa língua para o chinês, à medida que a religião e a filosofia de Buda se expandia para o Oriente. É paradoxal que muitos dos discursos e histórias relacionados a Buda tenham sido recuperados desta última língua e novamente traduzidos para o sânscrito, como é o caso do chamado *Evangelho de Asvagosha*, uma obra importante na literatura budista.

Um segundo concílio reuniu-se cem anos depois em *Vaisali*, a fim de combater dez práticas heréticas que alteravam a disciplina e o espírito das palavras de Buda.

Um terceiro foi convocado pelo imperador *Asoka* em 389 a. C. (décimo oitavo ano do seu reinado em *Pataliputra*), para esclarecer alguns pontos doutrinários em disputa, reforçar as regras da disciplina monástica e defender a fé contra os ataques da heresia. Este imperador, que, após a batalha de *Kalinga*, se converteu ao budismo e que, pelos seus atos fortes, justos e bondosos, incarnou o ideal do *Chakravartin*, Rei do Mundo, expandiu a luz desta nova e divina doutrina, não apenas por toda a Índia, mas pelos confins da terra conhecida. Spolo no Ocidente sabemos que enviou mestres do *Dharma* budista a *Antíoco II* da Síria, a *Ptolomeu II* do Egito, a *Magas de Cirene*, a *Antígono Gonatas da Macedónia* e a *Alexandre II de Epiro*. Os *gimnosofistas* que se referem aos textos clássicos, assim como os *essênios* e *terapeutas*, receberam, sem dúvida, uma importante herança deste ideal ascético e de toda a psicologia budista. *Asoka* ergueu colunas monumentais por todo o império e mandou gravar nelas decretos que são um paradigma de tolerância, ecletismo e bondade para com todos os seres vivos.

Mahendra, irmão mais novo (ou talvez filho) deste rei e a princesa *Sanghamitta*, também filha de *Asoka*,

levaram até ao Sri Lanka não apenas a doutrina de Sakyamuni, mas também um ramo da árvore sagrada Bo, sob a qual Buda alcançou a iluminação, árvore que simboliza a sabedoria e também as doutrinas do Bendito. Este ramo, ao ser plantado, cresceu e hoje é um testemunho vivo, uma árvore de dois mil anos em Anuradhapura que peregrinos de todo o mundo visitam com devoção.



Árvore sagrada em Anuradhapura, Sri Lanka.
Creative Commons

No primeiro século a. C., as palavras do Buda foram compiladas e escritas em folhas de palmeira; no que os budistas Theravada chamaram de Quarto Concílio. Foi nessa mesma ilha no Sri Lanka, no mosteiro de Alu Vihara. Os monges que pregaram o *Dharma* ao longo do ano e se entregaram a exercícios ascéticos de autocontrolo, em bosques e florestas solitárias, durante a estação das chuvas,

ensinavam e compilavam os ensinamentos do Mestre. Como esses discursos e máximas (*Sutras* em sânscrito, *Sutta* em páli) foram reunidos em três grandes cestos (*Pitaka*), a primeira compilação conhecida dos ensinamentos de Buda recebe o nome de *Tripitaka* (Três Cestos) ou *Canon Páli*. Como a transmissão durante quatro séculos foi por via oral, é difícil saber se são ou não as palavras do Buda. Já no primeiro conselho, como dissemos, três meses após a morte de Buda, um famoso monge chamado Purana («o Antigo») recusou-se a aderir às resoluções dos *Arhats* e retirou-se com quinhentos dos seus companheiros. Segundo escreveu o Cullavagga, disse educadamente: «A doutrina e a regra disciplinar foram muito bem formuladas pelos anciãos, mas vou mantê-la na minha memória da maneira que a ouvi e as recebi dos lábios do próprio Bem-aventurado.» E de acordo com a mesma citação, nem os anciãos, nem ninguém que esteve presente neste episódio proferiu uma única palavra de repúdio contra essa manifestação de independência.

Estes três cestos ou divisões da *Canon Páli* são:

- O *Sutta Pitaka*, que contém os discursos do Buda. É o livro do Ensino.
- O *Vinaya Pitaka*, onde estão escritas as regras de disciplina do *Sangha*, assim como uma grande variedade de textos que explicam porquê e em que circunstâncias essas regras foram instituídas, assim como um esclarecimento da doutrina.
- O *Abidhamma Pitaka*, que aprofunda de um modo sistemático na filosofia e ensinamentos de Buda; e inclui uma análise detalhada da psicologia budista, de uma precisão e complexidade que não fica atrás de outro sistema psicológico conhecido na história, pelo menos no que diz respeito ao conhecimento das muitas armadilhas diferentes que tece a mente para nos enganar sobre a vida. Nesta obra, os mesmos ensinamentos do *Sutta Pitaka* são usados como uma ferramenta para investigar e penetrar na natureza da mente e da matéria.

A estrutura desta obra magna, o *Tipitaka*, é:

SUTTA PITAKA

Digha Nikaya: Coleção de 34 (discursos) longos.

Majjhima Nikaya: Coleção de 152 (discursos) médios.

Samyutta Nikaya: Coleção de 7762 (discursos) relacionados - agrupados por assunto em 56 seções (*samyuttas*).

Anguttara Nikaya: Coleção de 9950 (discursos) sobre um único tema em ordem ascendente.

Khuddaka Nikaya: Coleção variada - 15 textos pequenos em 20 vols.

Khuddaka-patha: Leituras breves.

Dhammapada.: Versos sobre o *Dhamma*.

Udana.

Itivuttaka: Tal como se disse.

Sutta-nipata: Conjunto de discursos.

Vimana-vatthu: História sobre as Mansões.

Peta-vatthu: História de defuntos.

Thera-gatha: Versos dos anciãos.

Theri-gatha: Versos das anciãs.

Jataka: Histórias sobre nascimentos.

Niddesa: Comentário.

Patisambhida-magga.

Apadana: Relatos.

Buddhavamsa: Crónica dos Budas.

Cariya-pitaka: Cesto da conduta.

Nettipakarana.

Petakopadesa.

Milindapañha: Questões do Rei Milinda

VINAYA PITAKA

Sutta-vibhanga: Classe das regras.

Maha-vibhanga: Regras para monges.

Bhikkhuni-vibhanga: Regras para monjas.

Khandhaka: Seções.

Mahavagga.

Cullavagga.

Parivara: Acessórios.

ABIDHAMMA PITAKA

Dhamma-sangani: Enumeração de *Dhammas*.

Vibhanga: Livro de análises.

Dhatu-katha: Discurso sobre os elementos.

Puggala-paññatti: Conceito de pessoas.

Katha-vatthu: Pontos de controvérsia.

Yamaka: Pares.

Patthana: Relações condicionais.



Tipitaka em lâminas de madeira, Tailândia.
Creative Commons

Uma síntese e um estudo detalhado de cada um dos livros de *Sutta Pitaka* exigiriam um volume inteiro. Pensemos, senão, nas profundezas do *Dhammapada*, talvez a obra-prima do budismo antigo. É importante perceber o sentido prático e a atualidade dos seus ensinamentos. Como em todas as grandes obras, e penetrando um pouco no modo de expressão (também no simbolismo, que abre as portas para uma reta interpretação), a mensagem é sempre atemporal. É válido para a alma, e a alma o proclama como válida ao longo de séculos e milénios. Como exemplo, podemos listar, com breves comentários, alguns dos discursos mais importantes dos dois primeiros livros, o *Digha Nikaya* (Discursos Longos) e o *Majjhima Nikaya* (Discursos Médios), que iremos representar como DN e MN, respetivamente.

Samañaphala Sutta (DN 2). - Resposta à pergunta: quais são os frutos da vida contemplativa, aqui e

agora? Ilustra com exemplos vívidos as diferentes etapas do caminho budista.

Kevatta Sutta (DN 11). - A natureza dos milagres e dos seres celestes e como, de todos os milagres, o da instrução é o mais necessário, uma vez que o domínio da mente é o caminho que conduz à libertação.

Lohicca Sutta (DN 12). - Por que são necessários um professor e um guia no Caminho.

Mahanidana Sutta (DN 15). - Discurso das grandes causas. Um extenso tratado sobre os fatores dependentes que emergem e tecem a ilusão e a dor na nossa mente e, portanto, na nossa vida. Sobre o não-ser, o não-eu ou o eu irreal e egoísta - o eu inferior - que surge como foco e núcleo das sombras desta ignorância.

Mahaparinibbana Sutta (DN 16). - Descreve os últimos dias de Buda, o tesouro das últimas instruções e ensinamentos do Bem-aventurado, antes de dissolver a sua consciência na plenitude ilimitada do *Paranirvana*. É também um retrato do drama e da tristeza que viveram os monges budistas com a morte do seu amado Mestre.

Mahasamaya Sutta (DN 20). - O Grande Encontro. Todo um séquito de deuses vem com júbilo para se apresentar e cumprimentar o Buda. Este tratado é um «Quem é Quem» no mundo celestial e serve para se iniciar na cosmologia dos primeiros tempos do budismo.

Sakka-paha Sutta. Assuntos do rei Sakka (DN 21). - Este rei-Deva questiona o Bendito sobre quais as fontes de conflito e hostilidade, e o caminho que leva à sua cesseção. Um ensinamento muito útil para quem quer ou deve, pela sua natureza, ser reis entre os homens. É interessante lembrar, a esse respeito, que no *Canon Páli* o próprio Buda recorda as centenas ou milhares de vezes em que nasceu como um rei bondoso; e como, se recusou a ser rei de Kapilavastú, porque considerava toda a humanidade e todos os seres vivos como a sua família, e de todos eles deveria ser rei e guia nas trevas.

Mahasatipatthana Sutta, os Grandes Marcos de Referência (DN 22). - O Discurso das Quatro Elevações da Atenção, a chave para conquistar o estado de contínua plenitude da mente. Este tratado é a base da meditação no budismo Hinayana. Ensina como o estudo e a consideração de tudo o que diz respeito ao corpo, aos sentimentos, à mente e a todos os fenómenos de consciência derivados dos anteriores, permite encontrar o caminho que leva à liberdade e à iluminação.

Sabbasava Sutta. Todas as fermentações (MN 2). - Como é que a alquimia pode purificar a nossa mente e nos libertar da dor, como alcançar a felicidade de uma mente iluminada. Sobre as fermentações putrefactas que se originam na nossa mente e como superá-las, depois de identificar a natureza de cada uma delas. O problema de como perpetuamos a noção do «eu» do passado e nos apegamos a ele. O poder do agora para combater as nebulosidades da mente.

Bhaya-bherava Sutta. Medo e Terror (MN 4). - Como superar o medo à solidão e à vida no meio dos perigos.

Vatthupama Sutta. A comparação do vestido (MN 7). - A diferença entre uma mente iluminada e uma mente impura.

Sallekha Sutta (MN 8). - Como a meditação pode despojar-nos da torpeza e da negligência, de fazer mal as coisas.

Sammaditthi Sutta. Discurso sobre a Reta Visão (MN 9). - Exposição detalhada da doutrina das Quatro Nobres Verdades (em relação à natureza plena da mente e vazia da realidade; com o «alimento» - ou seja, tudo aquilo que fazemos nosso - e com as 12 *Nidanas* ou Causas Últimas da Existência).

Satipatthana Sutta. Os marcos de referência e os fundamentos da plenitude da mente (MN 10). Instruções práticas sobre a meditação para conquistar a plenitude da mente.

Mahasihananda Sutta, o Grande Discurso sobre o Rugido do Leão (MN 12). - Os 10 poderes do

Tathagata, os seus quatro tipos de intrepidez e outras qualidades superiores que nos permitem afirmar que a sua voz é, em todos os tipos de assembleias, como o rugido do leão na selva.

Madhupindika Sutta O discurso da Bola de Mel (MN 18). - Um discurso que produziu grande estupefação entre os seus discípulos. Nele repreende as reflexões ociosas e a mente sem rumo.

Dvedhavitaka Sutta, os dois tipos de pensamento (MN 20). - Educação mental: métodos práticos para responder a pensamentos negligentes.

Kakacupama Sutta, a comparação da Serra (MN 21). - Ensinações para desenvolver a paciência.

Mahasaccaka Sutta (MN 36). - O Buda relata as práticas e austeridades que o levaram a encontrar o caminho do Despertar.

Saleyaka Sutta (MN 41). - Como as nossas ações, palavras e pensamentos determinam o nosso futuro, isto é, como trabalha o *Karma*.

Cula-Dhammasamadana Sutta (MN 45). - Está bem algo só por parecer?

Kukkuravatiha Sutta (MN 57). - Se agirmos como um cão, num cão nos transformaremos. Necessidade de escolher melhor e com mais cuidado as nossas ações.

Abhaya Sutta (MN 58). - Sobre se algo deve ou não ser dito. O quê e como devemos falar, lembrando que não apenas as nossas palavras falam, mas também as nossas ações.

Ambalatthiharahulovada Sutta (MN 61). - O Buda repreende o seu filho, o noviço Rahula, sobre os perigos da mentira, e enfatiza a importância de refletir constantemente sobre os motivos que nos impulsionam a agir.

Cula-Malunkyovada Sutta (MN 63). - Com a parábola do ferido pela flecha, Buda evita perguntas

metafísicas que não fazem sentido que nos preocupam, e que não valem a pena responder.

Aggi-Vacchagotta Sutta (MN 72). - Idem. Por que o Buda não possui nenhuma concepção especulativa, mas simplesmente aponta o caminho da Libertação, como uma tocha no meio da escuridão. Metáfora da chama extinta, como símbolo do Nirvana.

Magandiya Sutta (MN 75). - Qual é a natureza do verdadeiro prazer e da verdadeira saúde.

Piyajatika Sutta (MN 87). - Como o rei Pasenadi de Kosala, discípulo fervoroso de Buda, se tornou favorável a ele, graças a um ardil da sua esposa.

Canki Sutta (MN 95). - O critério para escolher um mestre adequado e como aprender melhor com essa pessoa.

Sunakkhatta Sutta (MN 105). - Surge o problema daqueles que sobrestimam o seu progresso no caminho da meditação. Aquele que procura o desenvolvimento e a iluminação da mente como uma licença para um comportamento sem restrições é como quem não obedece, após uma operação cirúrgica, às instruções do médico; ou aquele que conscientemente bebe um copo de veneno, ou aquele que deliberadamente estende a mão à cobra venenosa.

Gopaka-Moggallana Sutta (MN 108). - Como viviam, qual era a disciplina budista nos primeiros tempos, imediatamente após a morte de Buda.

Cula-Punnama Sutta. Discurso breve sobre a Lua Cheia (MN 110). - Como reconhecer e tornar-se uma pessoa íntegra.

Anapanasati Sutta. Plenitude mental da respiração (MN 118). - Aulas de meditação prática, usando a respiração como suporte.

Dantabhumi Sutta (MN 125). - O Buda expõe como educa os seus discípulos, usando a comparação com a domesticação de um elefante.



Buda do Templo Todaiji, Nara, Japão. Creative Commons

Baddhekaratta Sutta. Um Dia Auspicioso (MN 131). - Sobre a necessidade de fazer um reto esforço agora, para alcançar a visão interior. O agora é tudo o que possuímos, porque quem sabe se viveremos até amanhã?

Mahakamma vibhanga Sutta (MN 136). - Sobre as complexidades subtis de como trabalha o *Karma*, a lei da ação e reação, na Natureza e no moral.

Dhatu-vibhanga (MN 140). - Uma análise das propriedades. Discurso sobre as quatro determinações e as seis propriedades da experiência. Ele afirma que quem vê o *Dharma* o vê a Ele. Isto é, que Ele é uma encarnação da Lei, um arquétipo da mente divina, um Raio de Luz Primordial.

Chachakka (MN 148). - Como a contemplação dos seis sentidos (os cinco sentidos mais a mente) conduz à compreensão do não-ser e, finalmente, ao Despertar.

Mahasalayatanika (MN 149). - Como uma clara compreensão dos seis sentidos leva ao desenvolvimento das Asas do Despertar e à libertação final.

Indriya Bhavana Sutta (MN 152). - Sobre o desenvolvimento das faculdades latentes.

Aqueles que viveram no tempo de Buda e foram seus discípulos viveram tempos de oportunidade. O *Karma* abre e fecha as portas guiado pelo nosso próprio esforço e inteligência, ou purificando-nos da nossa própria preguiça e ignorância. Como expresso no tratado *Mahayana - Os dois caminhos*, a roda do *Karma*, tritura de noite e tritura de dia; e estamos condenados a beber, até à última gota, amarga ou doce, cada uma das consequências dos nossos atos passados. Mas no meio dessa roda, tão implacável como justa, e cujo eixo imóvel repousa sobre o nosso egoísmo, numa mente contaminada pelo desejo, a palavra dos Budas é uma voz que não descansa, é uma mensagem que não desfalece, é uma música e uma sabedoria que se ouve cada vez mais e mais à medida que nos afastamos dos tumultos do mundo, à medida em que o olhar da alma penetra nas profundezas da verdadeira vida interior, isto é, nas profundezas de si mesma. Textos como o *Pitaka Sutta*, decorridos mais de dois milénios e escritos para uma psicologia e uma mentalidade diferentes, ainda fazem soar sua verdade como sinos na noite, e nos convocam para um destino melhor, para uma felicidade mais humana. O *Dhammapada* significa «o Caminho da Lei»; Quem pode rejeitar os seus ensinamentos?



Inspiração. Pixabay

Beethoven e os *Upanishads*

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

É conhecido o interesse de Beethoven, nos seus últimos anos de vida, pelos *Upanishads*, pelo *Bhagavad Gita*, e pela filosofia da Índia, em geral.

Como em Schopenhauer e muitos outros filósofos e artistas, as primeiras traduções alemãs desses textos sagrados tiveram um grande impacto num público já habituado às especulações metafísicas e abstratas de um Kant, um Hegel ou um Schelling.

Segundo lemos no artigo “Beethoven and Indian Philosophy”¹, um texto escrito, e realmente copiado por Beethoven, e que é mencionado, incluído e comentado no livro *Beethoven’s Letters with explanatory notes by Dr. A.C. Kalischer* (trans. J.S. Shedlock), 1926, mostra dois textos da filosofia da

¹ <https://theoryofmusic.wordpress.com/2008/08/21/beethoven-and-indian-philosophy/>

Índia, que embora não especifique de onde são, é quase evidente que são dos *Upanishads* e dum hino védico, respetivamente, não identificados nesta obra.

As várias traduções a que foi submetido (às quais acrescentamos agora a minha de inglês para espanhol²) fazem com que não seja fácil de identificar, e claro, agradeço qualquer ajuda.

O autor desse artigo diz que poderá ter sido copiado dos *Upanishads* ou de um livro de filosofia hindu, ou que talvez Beethoven, diz, estivesse a procurar inspiração, já que o Barão Hammer-Purstall lhe havia pedido para musicar um poema que expressava as crenças religiosas da Índia.

Ou talvez seja um texto escrito pelo próprio Beethoven, inspirando-se noutros hindus, mas este surgiu da sua própria mente e coração. De facto, há afirmações como «não tens um ser triplo», e que «atuas pela tua própria vontade e tua própria honra» que parecem mais ocidentais, especialmente a primeira, como que negando a natureza tripla de Deus, própria do cristianismo.

Os textos manuscritos de Beethoven são os seguintes:

«Deus é imaterial; visto que é invisível, não tem forma. Mas pelo que podemos ver nas Suas Obras, deduzimos que é eterno, todo-poderoso, onisciente e onnipresente. Somente o poderoso está livre de todo o desejo e paixão. Não há ninguém e nada maior do que Ele, Brahm³: a sua mente é autoexistente. Ele, o Todo-Poderoso, está presente em todas as partes do espaço. A Omnisciência é o maior de todos os seus atributos, que abarca tudo. Oh, Deus! - tu não tens um ser triplo e és independente de tudo, tu és a verdadeira, eterna, bendita e imutável luz de todo o tempo e espaço. Tua sabedoria apreende milhares de leis, mas sempre atuas por tua própria vontade e por tua própria honra. Tu és anterior a tudo aquilo que

adoramos. Devemos-te louvores e adoração. Só tu és o verdadeiro Bendito, a melhor de todas as leis, a imagem de toda a sabedoria. Tu estás presente em todo o mundo inteiro e sustentas todas as coisas. Sol, Ether, Brahma.»

O segundo texto, também manuscrito de Beethoven, diz:

*«Espírito de espíritos
Estendido por todo o espaço e tempo
Elevando-se acima dos limites do pensamento
Tu criaste a ordem a partir do caos.
Antes que o mundo existisse, tu eras
Antes dos céus no alto e a terra em baixo
Tu existias sozinho
Através do amor tu criaste todos os que te
rendem culto
Por que não manifestas o teu poder
e bondade sem limites?
Que luz brilhante direcionou o teu poder?
Como foi exposta primeiro a tua sabedoria
infinita?
Dirige a minha mente e eleve-a das
profundezas»*



Retrato de Beethoven com a partitura da Missa Solemnis, 1820.
Public Domain

² Nota do tradutor - o texto original deste artigo foi escrito em espanhol.

³ Deixámos o nome tal como está no original.

Beethoven, além de filósofo nato, ou talvez por isso, era profundamente religioso. Mas de uma religiosidade natural, sem intercessões sacerdotais. Frente a Deus no íntimo do coração, em sagrada comunhão com a alma da natureza, imperativamente imbuído dos seus deveres para com o próximo e sobretudo para com a humanidade, ardentemente idealista da fraternidade de todos os homens.

Não sabemos, ainda que seja provável que tenha sido maçom, com os ideais da revolução francesa, como Haydn, Mozart ou Goethe, embora a sua mística não seja tão cerimoniosa, é natural, é o diálogo com Deus, a exigência moral perante este, a necessidade de realizar uma obra para os séculos.

Na sua juventude e maturidade irmanava-se muito facilmente, e dada a sua cultura, com os mitos gregos e os seus significados, e com o panteísmo de todas as vozes da natureza. Disse que Sócrates e Cristo eram os seus modelos e não devia ser alheio à harmonia de tudo o que existe, a música viva de tudo o que percorre o caminho da evolução e dá assim a sua nota fundamental, conjugada com as de todos os outros.

Disse que escreveu o Quarteto em Mi menor, opus 59, nº 2, pensando na harmonia das esferas, ante o céu estrelado, e claro que a emoção que desperta em nós é sagrada, embora sejamos incapazes de compreender o que está mais além, que sustém tudo.

Escreveu em letras grandes, para ter sempre presente a famosa máxima de Kant: «A lei moral dentro de nós e o céu estrelado acima», e também a da Deusa Atenas egípcia no seu Templo de Sais quando diz: «Eu sou aquela que foi, é e sempre será. Nunca nenhum ser humano levantou o véu que me cobre», máxima que daria o título ao livro mais surpreendente talvez de todo o século XIX, «Ísis sem Véu», escrito por H. P. Blavatsky.

Na sua época os músicos eram, em grande parte, por ofício, e não tinham fama de serem especialmente cultos, e ele esforçava-se por se demarcar desse preconceito. Como disse um dos seus biógrafos, não lia os livros da moda, mas os clássicos: Aristóteles,

Platão, Tácito, Cícero, Plutarco, Ossian e Goethe nunca saíam de sua mesinha de cabeceira. Disse a um editor que o questionava sobre a sua cultura: «Nenhuma tese é demasiado erudita para mim. Sem ter a pretensão de ser um erudito, sempre procurei, desde a minha infância, compreender as palavras dos sábios e os génios de todas as épocas.»

Com este panteísmo eletrizando a sua alma, e com a sua natural elevação metafísica e amor ao conhecimento, é lógico que a leitura dos *Upanishads* o deixasse estupefacto. Há estudiosos que dizem que estes tiveram uma grande influência na concepção da sua *Missa Solemnis*, e a matemática e a música das ideias, com ensinamentos tão vitais e abstratos desses textos védicos é muito fácil compará-la aos dos Últimos Quartetos, já que é nesta época que Beethoven meditaria mais sobre esta religião-matemática-filosofia-música que são os diferentes *Upanishads*, e onde além de um Deus Pessoal, um simples foco de irradiação na Luz Divina, respira-se Eternidade, Lei, Ordem Perfeita (*Dharma*) e responsabilidade, e pugna do homem contra o destino e a morte (*Karma*).

Essa religiosidade natural, irmã dos Vedas, panteísta e idealista ao mesmo tempo, fazia-o extasiar-se com as estrelas e as árvores, e dizia «Ah! Se eu pudesse ir de estrela em estrela como vou de flor em flor», e sublinha um único verso em Homero «A caminho das Plêiades e da Boécia». Escrevia recostado a uma árvore e disse numa nota: «Tenho a impressão de que cada uma destas árvores me diz: Santidade! Santidade! A delícia dos bosques, o que poderá expressá-la plenamente. Se tudo desaparece, fica a terra, mesmo no inverno.»

Noutra ocasião sublinhou⁴ repetidamente a seguinte passagem do livro *Fisiologia da Natureza* de Sturm:

«Gostaria parecer-me em tudo a uma árvore. Desejaria crescer em virtude, de acordo com a posição e as capacidades que Deus me deu, com frutos no alto, enterrando as raízes até ao fundo com firmeza de

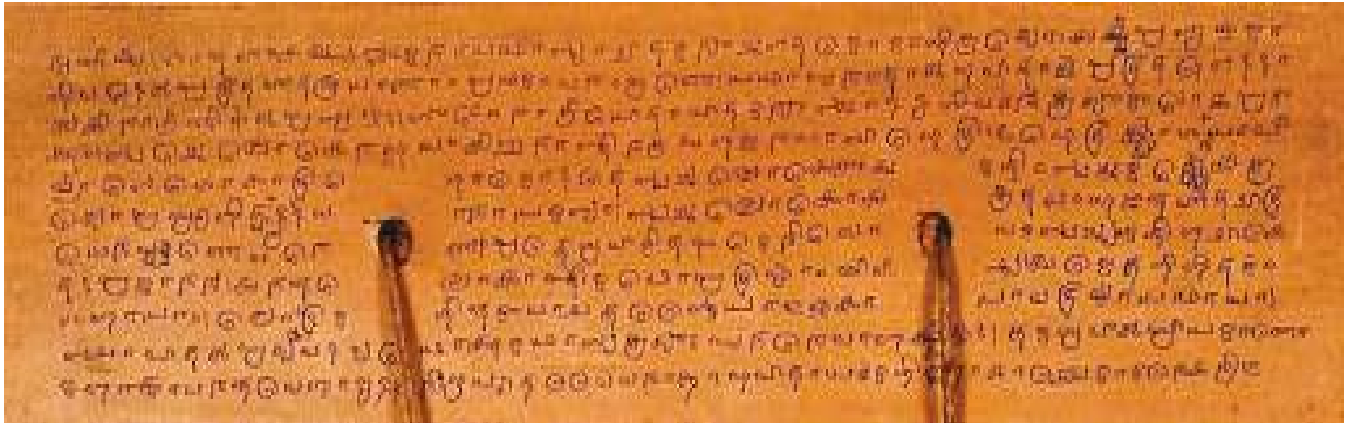
⁴ Estas citações foram retiradas do livro de Emil Ludwig "Vida de Beethoven".

alma, para dar à minha vida prática direção e força. Tenho pressa em me parecer com essas árvores, cada vez mais ligado à terra pelas raízes.»

Assim, Beethoven, transcendendo a sua alma horizontes e séculos, era filho da mesma mística

que diziam os sábios rishis, por exemplo, no *Katha Upanishad*:

«Há uma árvore muito antiga cujas raízes crescem para cima e os seus ramos para baixo; que de facto se chama o Radiante, Brahma, pois só ele é imortal.»



Katha Upanishad, sânscrito. Creative Commons



Ghandi. Public Domain

Gandhi, o Homem que não quis Reinar

Por Francisco Capacete

Publicado na revista Esfinge, outubro de 2019

Parafrazeando o título da novela de Kipling, podemos ter uma ideia do que representou a figura de Mohandas Karamchand Gandhi para o mundo contemporâneo. No pequeno e tímido aluno que, ao acabar as aulas da escola, saía a correr para casa com medo de que os seus colegas gozassem com

ele, era difícil vislumbrar a personagem que viria a ser. No subconsciente de milhões de pessoas, permanece Gandhi como revolucionário e sábio. Ninguém o relaciona com a classe política nem com o governo. Certamente, nunca quis presidir, governar nem reinar.

As coisas não aparecem do nada. O homem que enfrentou o império britânico herdou do pai, Karamchand, uma inteligência prática. Este chegou a ser primeiro-ministro da sua cidade, apesar de ser praticamente analfabeto. Com a mãe, Putlibai, aprendeu a desenvolver a força de vontade. Inteligência prática e força de vontade foram os dois pilares na luta pessoal de Mohandas.

Aos dezanove anos viajou para Londres para estudar Direito. Em 1888, encontramos com um Gandhi a estudar leis, vestido como um *gentleman*, assistindo a cursos de oratória, violino, danças de salão. Pensava que a Inglaterra era o país modelo para o resto do mundo pois defendia uma força ativa e, nesses anos, queria viver como um aristocrata inglês. Interessou-se pela filosofia oriental, que a maioria dos jovens indianos rejeitava por completo. Um amigo deu-lhe a conhecer o *Bhagavad Gita*, e ficou tão impressionado que o teve como livro de consulta toda a sua vida. Esta descoberta foi o início da vida do Gandhi que conhecemos. Aprendeu que, se nos apegamos de maneira doentia a algo, um estatuto social, um trabalho, o reconhecimento, o dinheiro, o prazer, viveremos infelizes. Aprendeu que o apego nos leva ao esquecimento do fundamental: na vida, o importante não é ter, mas ser. No *Bhagavad Gita* encontrou as bases da sua luta pela paz. E retirou a inspiração para as suas campanhas da “Satyagraha”, termo que significa “conduta verdadeira”, e também “esforço em prol da verdade”. Gandhi declarou em dada ocasião que “uma nação de 320 milhões de habitantes não necessita da pistola de um assassino, não necessita de lanças nem punhais, necessita simplesmente de ter vontade própria, essa é a força da *Satyagraha*”.

Outra grande ideia que Gandhi recolheu da sabedoria oriental é *Ahimsa*. Literalmente significa “não violência”. Gandhi considerava que havia que lutar ativamente, todos os dias, sem descanso, mas com métodos éticos, não usando ódio nem violência. Não tem, pois, nada que ver com a “resistência passiva”, uma tradução infeliz que ele sempre rejeitou, pois defendia uma força ativa e provocatória. Gandhi ensinava que o poder não

reside nas armas. O poder residia em não ceder diante da maldade e, simultaneamente, em não cooperar com o Governo britânico. Comprovou que, quando se tem um sonho, quando se tem um ideal, se tem uma força enorme para o realizar. A não-violência não é a arma dos débeis, é a arma dos corações fortes, dos que são capazes de lutar por aquilo em que acreditam. E essa luta não tem por que ir acompanhada de violência. A não-violência é luta espiritual. Significa aguentar, responder ao ódio com amor, como disse Buda.



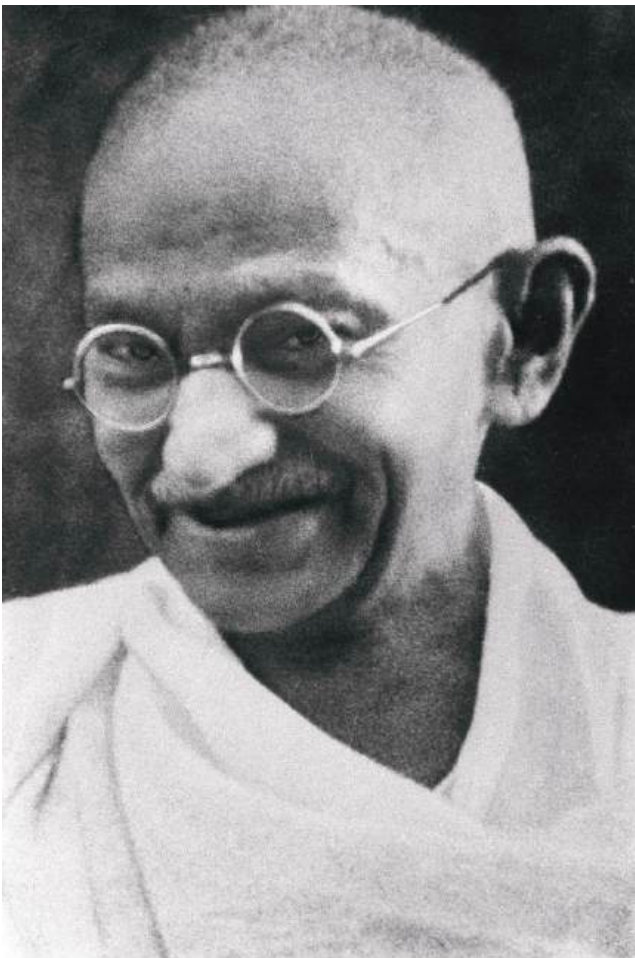
Krishna e Arjuna, *Bhagavad Guita*

A independência política não era o fim que Gandhi perseguia, mas um meio. A finalidade da sua luta era libertar a Índia da pobreza e da ignorância. Criou a Associação Educativa Indiana. Deu-se conta de que, se não se educavam as pessoas, não serviria de nada a independência política. Ainda que se mudassem as leis, sem educação ética sempre haveria exploradores e explorados, amos e escravos.

Gandhi passou toda a vida a defender os direitos dos sem casta, pondo em evidência a injustiça do sistema das castas. Custou-lhe muito, venceu séculos de preconceitos religiosos e conseguiu-o no *ashram* e em milhares de povoações na Índia. Dizia: “Se é possível a justiça, a fraternidade, neste grupo, por que não será possível no mundo inteiro? Sim, é possível, mas muitos não querem”.

Teve que sofrer as divisões internas entre os próprios indianos. Por um lado estava Neru, partidário de uma independência rápida, custasse o que custasse; por outro, Jiná, líder dos muçulmanos, que fazia pressão por um Estado novo só para os muçulmanos,

que mais tarde foi o Paquistão. Gandhi rogava-lhes que não se precipitassem e se preparassem para governar. Instituições, ministérios, rede de comunicações, quem poria tudo isso a funcionar? Ao visitar os hospitais, viajando nos comboios, apercebia-se da situação péssima em que se encontrava a Índia. Muitos faziam as necessidades nos passeios; que aconteceria se conseguissem de imediato a independência?



Ghandi. *Public Domain*

Teve que sofrer as divisões internas entre os próprios indianos. Por um lado estava Neru, partidário de uma independência rápida, custasse o que custasse; por outro, Jiná, líder dos muçulmanos, que fazia pressão por um Estado novo só para os muçulmanos, que mais tarde foi o Paquistão. Gandhi rogava-lhes que não se precipitassem e se preparassem para governar. Instituições, ministérios, rede de

comunicações, quem poria tudo isso a funcionar? Ao visitar os hospitais, viajando nos comboios, apercebia-se da situação péssima em que se encontrava a Índia. Muitos faziam as necessidades nos passeios; que aconteceria se conseguissem de imediato a independência?

Em 1947, a Índia conseguiu a sua tão ansiada independência, mas a Gandhi não agradou. Enquanto se alçavam triunfantes as bandeiras da Índia e do Paquistão, ele permaneceu em casa, silencioso, triste, temendo o pior. Traçou-se um plano esperpéntico. Deslocaram-se milhões de famílias segundo a sua religião, os muçulmanos para o Paquistão (que estava em duas partes extremas da Índia!) e os hindus para a Índia. A comunidade sique ficou entre dois bandos, sem que se lhes reconhecesse a sua própria identidade nacional. As povoações, instigadas por líderes mesquinhos, continuaram a debater-se entre si. Houve dezenas de milhares de mortos e uma guerra fratricida que ainda não terminou.

Gandhi retirou-se da política. Mas não deteve a sua marcha, continuou a caminhar, falando de paz e de simplicidade. No dia 30 de Janeiro de 1948 saiu ao átrio como todas as tardes, para orar e falar com as pessoas que vinham ouvi-lo. Um homem interpôs-se e ofereceu-lhe uma reverência, mas ao levantar-se disparou três balas que o mataram instantaneamente. Gandhi apenas teve tempo de dizer “Oh, Rama” e o seu corpo caiu no chão.

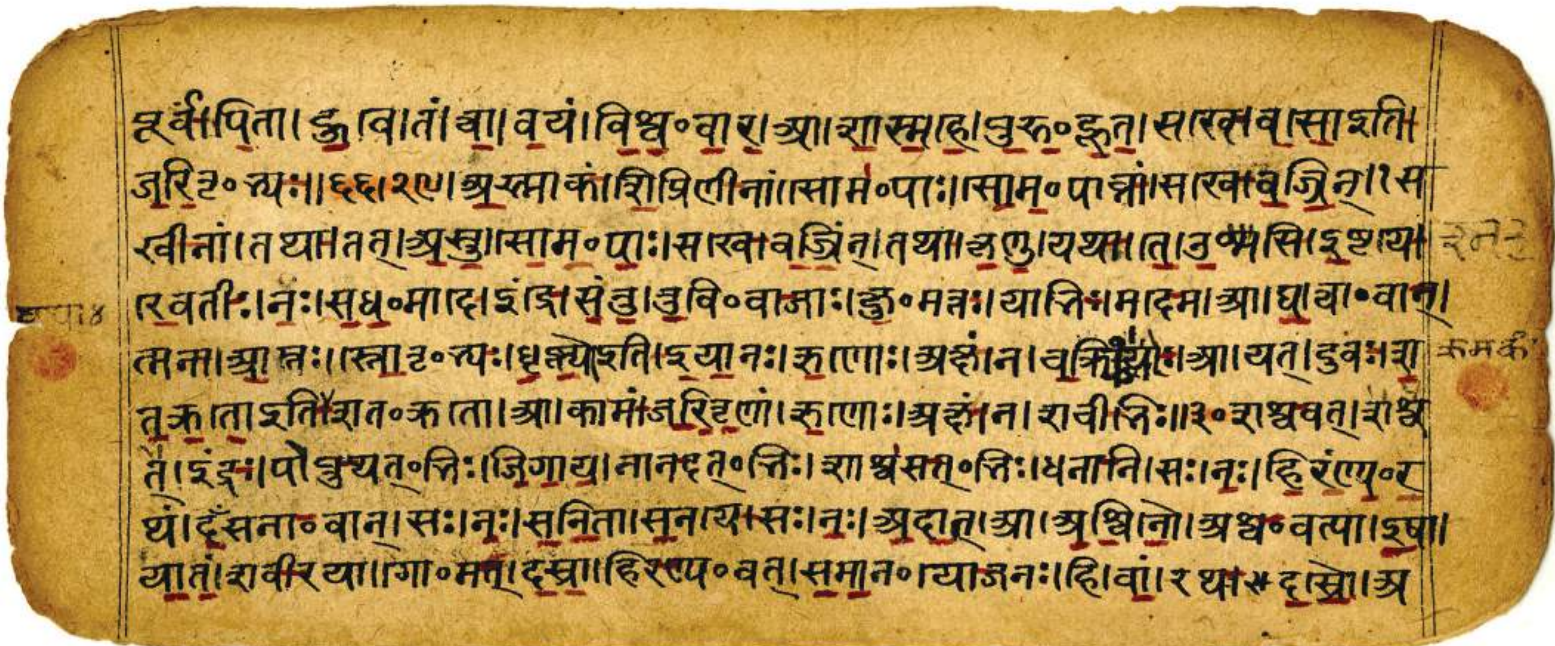
Todo o planeta se comoveu quando soube que o profeta da paz tinha caído. A Índia paralisou-se. Uma infinita multidão silenciosa congregou-se nas margens do Ganges para se despedir desse homem, a quem chamavam “Bapu”, “pai”. Até o vice-rei de Inglaterra se sentou choroso na areia junto à fogueira daquele homem que nunca teve posses, títulos nem talentos especiais. Simplesmente, era um homem que se atreveu a defender a paz num mundo em guerra. Um coração aberto aos ricos, aos pobres, aos brâmanes e aos proscritos, aos europeus, aos hindus e aos muçulmanos.



*"Apenas a verdade
perdurará, e tudo o resto
será varrido pela maré
do tempo."*

GANDHI





MS Indic 37, Isa upanishad. Creative Commons

Bahvricha Upanishad

Traduzido da versão inglesa do Dr. A. G. Krishna Warriar

Om! O meu discurso está enraizado
 na minha mente e a minha mente está
 enraizada no meu discurso.
 Manifesta-te, sê evidente, para mim;
 sejam os dois, para mim, o que me atém
 aos Vedas.
 Que a sabedoria védica não me abandone.
 Com a mestria desta sabedoria, uno o dia
 à noite.
 É meu dever falar o que é correcto. É meu
 dever falar a verdade.
 Que Ele me proteja; que Ele proteja o
 orador.
 Que Ele me proteja.
 Que Ele proteja o orador, proteja o orador!
 Om! Paz! Paz! Paz!



Om. Public Domain

1. Om! A Deusa era realmente uma no início. Sozinha deu à luz o Ovo-Mundo. (Ela) É conhecida como Parte do Amor (Eu Sou). (Ela) É conhecida como o instante de meia sílaba após o OM.
2. Dela nasceu Brahma; nasceu Vishnu; nasceu Rudra. Todos os Deuses do Vento, trovadores celestes, ninfas, seres semi-humanos a tocar instrumentos, dela nasceram, tudo ao redor. O que é apreciado nasceu; tudo nasceu (Dela). Tudo nasceu do Poder (Dela). O nascido do ovo, o nascido do suor, o nascido da semente, o nascido do útero, tudo o que respira, tanto o que é imóvel como o que se move, e o homem, Dela nasceram.
3. Ela, aqui, é o Poder supremo. Ela, aqui, é a ciência de Sambhu, conhecida também como a ciência que começa com ka, ou como a ciência que começa com ha, ou como a ciência que começa com sa. Este é o Om secreto guardado na palavra Om.
4. Permeando as três cidades, os três corpos, iluminando por dentro e por fora, Ela, a Consciência interior, torna-se Maha-Tripura-Sundari, associada ao espaço, tempo e objectos.
5. Por Si mesma é Atman. Outro que não Ela é não-verdade, não-eu. Então ela é Brahman-Consciência, (mesmo) livre de todo o ser ou não-ser. Ela é o Conhecimento da Consciência, Consciência não dual de Brahman, uma onda de Ser-Consciência-Bem Aventurança. A Beleza das três-grandes-cidades, penetradas por dentro e por fora, é resplandecente, não-dual, auto-subsistente. O que é, é puro Ser; o que brilha é pura Consciência; o que é prezado é Bem-Aventurança. Então aqui está Maha-Tripura-Sundari que assume todas as formas. Tu e eu e todos no mundo, todas as divindades e tudo à volta somos Maha-Tripura-Sundari. A única Verdade é o que é chamado “o Belo”. É o não-dual, integral, supremo Brahman.



Tripura Sundari. *Creative Commons*

6. Abandonada a forma quántupla,
 Transcendendo efeitos como o espaço,
 Permanece o um, o grande ser,
 A região suprema, a única Verdade.
7. Tanto é chamado de “Brahman é Consciência” como “Eu sou Brahman”. No diálogo é dito: “Tu és Aquilo”, ou “Este Atman é Brahman”; ou “Eu sou Brahman”; ou “Eu sou unicamente Brahman”.
8. Ela, que é contemplada como “Aquilo que Eu sou” ou “Eu sou Ele” ou “O que Ele é que Eu sou”, é o Sodasi, a Ciência do Sri, a de quinze sílabas, sagrada Maha-Tripura-Sundari, a Virgem, a Mãe, Bagala, a Matangi, a auspiciosa que escolhe o seu próprio Parceiro, a Senhora do Mundo, Chamunda, Chanda, o Poder do Javali, Ela que vela, a Matangi Real, negra como um corvo, luz escura, montada num cavalo; oposta a Angiras; estandarte de fumo; Poder de Savitur, Sarasvati, Gayatri, parte da bem-aventurança de Brahman.



Bagalamukhi Matrika. Public Domain

9. Os cânticos de louvor habitam na mais elevada esfera
 Onde habitam os Deuses;
 Que farão com a riqueza os que não conhecem isto?
 Os que conhecem bem isto, viverão bem;
 Esta é a ciência secreta.
 Om! O meu discurso está enraizado na minha mente e a minha mente está enraizada no meu discurso.
 Manifesta-te, sê evidente, para mim; sejam os dois, para mim, o que me atém aos Vedas.
 Que a sabedoria védica não me abandone.
 Com a mestria desta sabedoria, uno o dia à noite.
 É meu dever falar o que é correcto. É meu dever falar a verdade.
 Que Ele me proteja; que Ele proteja o orador.
 Que Ele me proteja.
 Que Ele proteja o orador, proteja o orador!
 Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina o Bahvrichopanishad, incluído no Rig-Veda.

Referência

Dr. A. G. Krishna Warriar. The Theosophical Publishing House, Chennai. "Bahvricha Upanishad."

Citado em: YouSigma. "Bahvricha Upanishad." 2008.



Ritual Yajna. Public Domain

O Cordão Bramânico

Por A. Sarman

Tradução do artigo correspondente publicado no livro: CINCO ANOS DE TEOSOFIA. Seleccionados de "The Theosophist". México, 2009

- I. O nome que geralmente se dá à investidura deste cordão é *Upanayana*; e o investido é chamado *Upanita*, o que significa dirigido ou conduzido próximo (do próprio Guru), o cordão é um símbolo do grau do que o leva colocado.
- II. Um dos nomes deste cordão é o *Vajna Sutra*. *Vajna* significa Brahma, ou Espírito Supremo, e *Sutra* cordão, ou união. Juntas, as duas palavras significam algo que une ou liga um homem ao seu espírito ou deus. Consiste em três fios

entrelaçados que revestem um único cordão, e três desses laços formam um núcleo em círculo. Qualquer Teósofo sabe o que significa um círculo, é claro que não é necessário repeti-lo aqui. Exatamente entenderá o resto e a relação que eles têm com a iniciação mística. Os fios significam o grande princípio de “três em um, e um em três”, assim: - A primeira trindade consiste em *Átma*, que compreende os três atributos de *Manas*, *Buddhi* e *Ahankara* (a mente, a inteligência e o egoísmo). O *Manas*, por sua vez, tem as três qualidades de *Sattwa*, *Rajas* e *Tamas* (bondade, impureza e ignorância). *Buddhi* tem três atributos de *Pratyaksha*, *Upaniti* e *Anumiti* (conhecimento, analogia e dedução). *Ahankara* também tem três atributos, a saber, *Jnata*, *Jneya* e *Jnan* (o conhecedor, o conhecido, e o conhecimento).

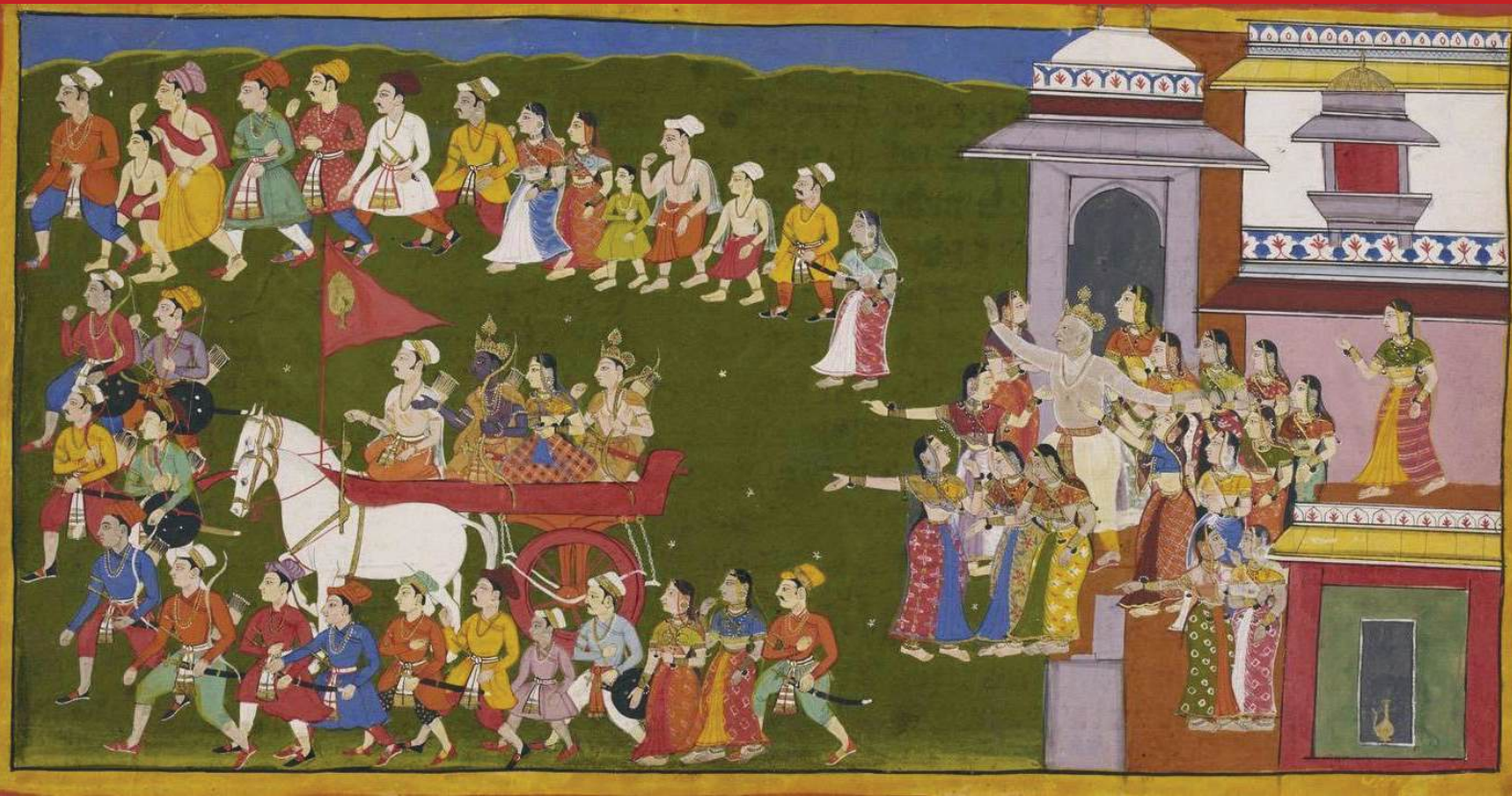
III. Outro nome do cordão sagrado é *Trindandi*. *Tri* significa três, e *Danda*, punição, correção ou conquista. Isso lembra ao seu titular, as três grandes “correções” ou conquistas que ele tem que alcançar. Estes são: (1) o *Vakya Sanyama*¹; (2) o *Manas Sanyama*; e (3) o *Indryia* (o *Deha*) *Sanyama*. *Vakya* é discurso, *Manas*, mente e *Deha* (literalmente, corpo) ou *Indryia*, os sentidos. Portanto, as três conquistas significam o domínio das coisas que dizemos, pensamos e fazemos.

Este cordão também é uma lembrança para o homem dos seus deveres seculares, e o seu material varia, naturalmente, de acordo com a ocupação

do usuário. Nesse caso, enquanto o cordão dos *Brâmanes* é feito de algodão puro, o dos *Kshatriyas* (guerreiros) é feito com o mesmo material que a corda de um arco; e o dos *Vaishyas* (comerciantes e agricultores), de lã. Disto não se deve concluir que a casta estava originalmente destinada a ser herdada. Nos tempos antigos, dependia das qualidades do homem. Independentemente da casta dos seus pais, um homem podia, de acordo com os seus méritos ou pelo contrário, subir ou baixar de uma casta a outra; e não são raros os casos em que um homem se tenha elevado à posição de *Brahman* mais alto (como *Vishvamitra Rishi*, *Parasara*, *Vyasa*, *Satyakam*, e outros) desde a mais baixa das quatro castas. Os aforismos de *Yudhishtira* sobre este tema, em resposta às perguntas da grande serpente, no *Arannya Parva* do *Maha-Bharata* e do *Manu*, sobre o mesmo assunto, são bem conhecidos e não necessitam melhor referência. Ambos, *Manu* e *Maha-Bharata* - os pilares do Hinduísmo - afirmam claramente que um homem pode mudar-se de uma casta para a outra pelos seus méritos, independentemente da sua linhagem.

O dia aproxima-se rapidamente em que o chamado *Brahman* terá que revelar a causa, perante o tribunal de *Rishis Aryos*, pelo qual não devem despojar-se do cordão que, na verdade, não merecem, pois, estão a desprestigiá-lo devido ao mau uso que lhe dão. Só então apreciarão o privilégio de o levar. Há muitos exemplos de como a mais alta insígnia tem sido desonrada por indignos. A aristocracia da Europa e Ásia, está repleta de gente assim.

¹ *Darda* e *Sanyaina* são palavras sinónimas.



Rama partindo de Ayodhya por 14 anos em exílio. Public Domain

Discurso sobre o Reino

Ramayana 2.94.1-59

Bharata, ao saber da morte do seu pai e que o seu irmão, Rama, a encarnação de Indra, havia sido exilado para a floresta, por um período de catorze anos, vai ao seu encontro a fim de o convencer a regressar a Ayodhya. Contudo, Rama, antes ainda de conhecer os motivos da vinda de Bharata, assume que este já se estabeleceu como príncipe reinante, dando-lhe preciosos conselhos sobre o bom governo:

«Rama encostou Bharata ao seu peito e, abraçando-o, beijou-lhe a testa. Depois, discretamente, questionou-o: “O que aconteceu ao nosso pai, querido irmão, para que tenhas vindo para este lugar selvagem? Enquanto ele viver tu não deverás vir à floresta. Há muito tempo, Bharata, que não via ninguém

viajar de tão longe até esta floresta. Porque vieste tu à floresta, querido irmão, e qual o motivo dessa expressão tão sombria? O rei Dasharatha está de boa saúde, espero, e continua a honrar a sua palavra, assim como a realizar consagrações régias, sacrifícios de cavalos e a decidir sobre a legislação. Acredito que as honras devidas continuam a ser prestadas ao sábio e brilhante sacerdote, querido irmão, o preceptor dos Ikshvakus, que é constante na sua rectidão. Querido irmão, Kaushalya está feliz, espero, e Sumitra, a mãe de tão bom filho. Acredito que a nobre rainha Kaikeyi vive feliz, também. Acredito que tu honras o sacerdote da família, um homem de nobre casta, sábio e disciplinado, que dá instrução sem nada esconder. Espero que tenhas escolhido um homem sábio e justo, que conheça os preceitos

rituais, para cuidar do teu fogo sagrado. Acredito que ele te informa sempre, em tempo útil, antes e depois de serem realizadas as oferendas. Acredito que ainda estimarás o preceptor Sudhanvan, querido irmão. Ele é perito nas mais formidáveis flechas e mísseis, e mestre na ciência política. Acredito que terás escolhido homens bravos para conselheiros, querido irmão, homens em quem confias como em ti próprio – homens sábios, auto-controlados e de nobre linhagem, e aptos a ler os pensamentos de alguém através da expressão facial. O conselho é a base do sucesso real, ó Raghava – quando bem mantido por conselheiros e ministros aptos na ciência. Acredito que não sejas governado pelo sono, mas que sempre acordes cedo, passando a noite a reflectir sobre como aplicar uma política prudente. Eu acredito que não tomas o conselho todo para ti, nem todo para o povo. E, estando assim determinado, o teu conselho não se precipita a falar fora do conselho sobre os assuntos do reino. Acredito que és tu quem decide ter poucas despesas e gerar um grande retorno, e que tomas essas decisões rapidamente, sem adiamentos. Acredito que os outros reis conhecem as tuas decisões no momento em que tu as tomas, ou pouco depois, e não antes de tempo. Acredito que os teus conselheiros, querido irmão, ou os teus ministros, mesmo aqueles que ainda não foram traídos, não serão descobertos, através do seu raciocínio ou ideias. Tu preferirás, espero eu, um único homem sábio, do que mil tolos. Em tempos de crise política um homem sábio consegue alcançar grandes resultados. Um rei pode confiar em milhares de tolos, para dezenas de milhares, mas eles não lhe proporcionarão a mínima assistência. Contudo, um único ministro que seja inteligente, bravo, capaz e conhecedor, pode assegurar a grande fortuna real para o seu rei ou oficial. Acredito que tenhas dado aos servos os trabalhos apropriados para eles, aos melhores servos as melhores tarefas, aos medianos as medianas, aos piores as piores. Acredito que tenhas dado aos teus melhores ministros as mais importantes tarefas, homens que ocupam posições hereditárias, que são honestos e que passaram nos testes de lealdade. Espero que as pessoas não tenham motivos para te criticar, como um sacerdote sacrificial critica um sem-casta, ou uma mulher ao amante que a trata com violência.

Lembra-te também, que um homem perspicaz, com projectos ambiciosos, um servo dado à corrupção, ou um homem que está preso e esfomeado pelo poder, irá derrubar-te se não atacares primeiro. Acredito que tenhas escolhido para teu general um homem valente e corajoso, alguém que seja firme, sagaz, honesto, de boa linhagem, leal e capaz. Mostrarás honra e estima pelos teus melhores soldados, acredito, aos corajosos e poderosos homens que são hábeis na batalha e que demonstraram já o seu heroísmo. Acredito que pagas, quando o pagamento é merecido, os salários apropriados e a alimentação ao teu exército, e que não fazes distinção entre eles. Se o tempo para os seus salários e alimentos for esquecido, os servos ficam furiosos com os seus amos e tornam-se facilmente corruptos – e isto, tal como está estabelecido nos textos, pode levar a uma grande desgraça. Espero que todos se mantenham leais a ti, especialmente os homens de boas famílias, e que dêem de forma irrepreensível a vida por ti. Acredito que escolhes sempre um homem das províncias como teu emissário, ó Bharata, um homem sábio, um diplomata, compreensivo e entendedor, que repita exactamente o que lhe foi dito. Espero que já conheças a mente dos dezoito chefes oficiais de cada estado estrangeiro, e os quinze do teu, através de espiões indetectáveis, três para cada oficial. Espero, ó destruidor de inimigos, que não tomes erradamente como pacífico, qualquer homem hostil, que uma vez expulso tenha regressado. Não te associarás, espero eu, com sacerdotes que são materialistas, querido irmão. A sua única capacidade é a de trazer o infortúnio; eles são tolos que se acham sábios. Ainda que possuam sempre os textos sagrados sobre a recta conduta nas suas mãos, esses ignorantes constroem o seu pensamento apenas a partir da lógica e assim espalham os seus disparates. Acredito que manténs Ayodhya alegre e próspera, querido irmão, a cidade onde viveram os nossos antepassados desde a antiguidade. Acredito que a cidade de portas robustas continua fiel ao seu nome, a “Invencível”, cheia de elefantes, cavalos e bigas, preenchida por nobres aos milhares – Brahmanas, Kshatriyas e Vaishyas – cada um deles mantendo-se sempre fiel à sua tarefa, auto-controlados e energéticos. Acredito que a cidade continua a ter muitas mansões de vários estilos e muitas

pessoas entendidas. Acredito que os campos conti-
 nuem a prosperar, ó Raghava, e que lá a vida conti-
 nue a ser confortável, com milhares de santuários,
 poços e tanques adornados. Acredito que estas pes-
 soas estão bem instaladas, os homens e as mulheres
 felizes; as feiras e os festivais bem ornamentados e
 que as linhas de fronteira estejam bem demarcadas.
 Acredito que a terra continua rica em gado e livre
 de desastres, bem alimentada pelo deus da chuva,
 amável e protegida dos animais selvagens. Acredito
 que estimas todos os homens que fazem da sua vida
 a agricultura e o pastoreio; porque fundado sobre
 uma economia bem mantida, querido irmão, o mun-
 do ganha felicidade. Acredito também, que os favo-
 reces com medidas de protecção e de defesa. Um
 rei deve, de acordo com a via da rectidão, proteger
 todos os que vivem no seu reino. Acredito que agra-
 das às tuas mulheres e as manténs protegidas, mas
 não confies demasiado nelas a ponto de lhes conta-
 res segredos. Tu proteges as florestas dos elefantes,
 acredito que sim, e que estás atento às necessida-
 des dos elefantes. Acredito que te levantas cedo,
 príncipe, e que te diriges ao povo bem trajado e da
 forma mais correcta. Acredito que todos os fortes
 estão cheios de dinheiro, cereais, armas e água,
 com máquinas de guerra, artífices e arqueiros. Os
 teus rendimentos ultrapassam em muito as tuas dí-
 vidas, espero, e o teu tesouro não está em mãos
 corruptas, ó Raghava. Acredito que os teus rendi-
 mentos vão para os deuses e os anciãos, para os sa-
 cerdotes e os convidados, soldados e aliados. Ne-
 nhum nobre ou homem honesto é alguma vez
 culpado de roubar, espero, sem ser interrogado por
 homens conhecedores dos textos sagrados; e, se
 inocente, nunca é dado como culpado devido à cor-
 rupção. E quando um ladrão, quer seja apanhado no
 acto ou descoberto com a propriedade roubada, é
 apanhado e interrogado, eu espero, nunca é liberta-
 do, ó touro entre os homens, devido à corrupção
 através do dinheiro. Eu acredito que os teus sábios
 ministros, ó Raghava, fazem um julgamento impar-
 cial entre um homem rico e um homem pobre. Por-
 que as pessoas que derramam lágrimas quando fal-
 samente acusadas, regressam para roubar o gado e
 os filhos do rei que gere os seus rendimentos. Acre-

dito que manténs os três meios, Raghava – afeição,
 palavras agradáveis e presentes – mostrando estima
 pelas crianças, pelos idosos e pelos muito sábios sa-
 cerdotes. Prestas homenagem aos teus mestres,
 acredito, aos idosos, aos ascetas, convidados e deu-
 ses, aos altares e aos excelentes sacerdotes. Tu
 nunca esqueces a justiça em nome dos assuntos de
 estado, acredito, nem os assuntos de estado em
 nome da justiça, nem sequer te esqueces deles –
 devido ao desejo pelo prazer – em nome do prazer
 pessoal. Nobre guerreiro, acredito que tens uma
 boa capacidade de divisão – e que conheces o tem-
 po próprio para cada uma, Bharata – e que cumpres
 as três, os assuntos da justiça, do estado e do prazer
 pessoal. Espero que os sacerdotes que compreen-
 dem o significado de todos os textos sagrados, e as
 pessoas da cidade e das províncias, te desejem feli-
 cidade, meu sábio irmão. Acredito que evitas os ca-
 torze erros dos reis: ateísmo; mentira; ira; distrac-
 ção; lentidão; afastar os sábios; indolência; ceder à
 sensualidade; decisão egoísta de assuntos de esta-
 do; tomar conselho com os ignorantes; falhar na
 execução de planos; não manter o conselho no se-
 cretismo; não cumprir ritos sagrados; e esquecer a
 cortesia. Acredito que não guardas toda a comida
 apetitosa só para ti, ó Raghava, e que prestas auxílio
 aos teus aliados quando eles te o pedem.»



Escultura em ouro com a representação da lendária cidade de
 Ayodhya no templo de Ajmer Jain situado em Ajmer, estado
 do Rajastão, Índia. *Public Domain*



Darth Vader. Flickr

Star Wars e Ramayana: relação simbólica

Por Cleto Saldanha

“A Guerra das Estrelas” (Star Wars) é uma das sagas cinematográficas que mais impacto tem tido entre os fãs de cinema de aventura e ficção-científica.

Desde que o primeiro filme, “Uma Nova Esperança”, estreou em 1977, uma legião de pessoas ficou agarrada à história e, ao longo destes 43 anos, nunca mais deixou de acompanhar a saga.

Analisando à distância, ficamos com a ideia de que George Lucas, o criador desta história, tinha noção da fórmula ganhadora que se encontrava nas suas mãos. Porém, não era assim. No ano de estreia de “Uma Nova Esperança”, o realizador Steven Spielberg, grande amigo de Lucas, ia estrear

“Encontros Imediatos do Terceiro Grau”, um filme de ficção-científica.

Perante esta concorrência, Lucas estava inseguro quanto ao sucesso da sua película. Curiosamente, Spielberg encontrava-se no polo oposto, pois tinha mais confiança no sucesso do filme do amigo e, por isso, aceitou um acordo que este lhe propôs: cada um deles receberia 2,5% dos lucros do filme do outro.

Não restam dúvidas sobre quem foi o grande ganhador. “Uma Nova Esperança” foi um retumbante sucesso e ainda hoje Spielberg ganha dinheiro à custa do acordo feito.

O que faz com que esta saga tenha tanto impacto nas pessoas ao ponto de ter sido criada toda uma panóplia de *merchandising*, *spin-offs* e centenas de livros e BDs ao longo de mais de quatro décadas? A resposta talvez esteja no facto da saga tocar em questões que desde sempre estiveram presentes no inconsciente humano. Se analisarmos a história poderemos ver elementos como a superação da dúvida e do medo, a oposição entre a ganância e a compaixão, a ação heroica ou a importância da lealdade.

Todas estas questões foram expressas ao longo da história humana através dos mitos das diversas civilizações. E foi através da leitura dos estudos sobre mitologia comparada de Joseph Campbell que George Lucas, como ele próprio confessa, tomou contacto com os mitos universais, retirando daí vários elementos para a construção dos seus personagens.

Uma das fontes de inspiração foi, certamente, a milenar saga da Índia Antiga: o *Ramayana*¹. Existem vários pontos em comum entre as duas narrativas, que serão analisados de seguida.

O *Ramayana* é um dos épicos mais importantes da tradição oriental e narra a história do príncipe Rama, de Ayodhya, um personagem que tinha nascido com um propósito bem definido: pôr termo ao reinado despótico do malvado rei de Lanka, Ravana. Rama era apresentado como um guerreiro destemido, puro, valoroso e com um grande sentimento de compaixão.

Na moderna saga *Star Wars*, Luke Skywalker também era alguém especial, filho de um Jedi que deveria ser o responsável por restabelecer o equilíbrio na Força, uma energia que percorria todo o universo e todos os seres, fonte de vida de toda a manifestação e que os Cavaleiros Jedi conseguiam canalizar. No entanto, esse Jedi não cumpriu com

aquilo a que parecia predestinado, pois terminou por se deixar dominar pelo medo e pela raiva e escolher o caminho do mal.



Rama. Creative Commons

Desconhecedor do seu passado, Luke é representado como um jovem sonhador e ávido de aventura. Ao contrário de Rama que fora educado dentro da tradição guerreira, Luke tinha que ser iniciado nessa via, mas nele existia a possibilidade de terminar com a maldade de Darth Vader, a face visível do tirânico Império Galáctico. Também era puro e valoroso, características que se vão cimentando à medida que a aventura se desenrola e o herói vai erradicando de si a insegurança e os medos.

¹ Para saber mais sobre o *Ramayana* remeto para meu artigo «*Ramayana*: a lenda do príncipe Rama», em <https://revistapandava.pt/ramayana>.



Luke Skywalker. Flickr

Porém, tal como aparece em muitas narrativas mitológicas, antes de iniciarem as suas respetivas missões, ambos personagens tiveram que ser instruídos por Mestres, que lhes iriam facultar o conhecimento sobre as suas capacidades mais ocultas, conceder-lhes armas mágicas para os ajudar no combate contra o Mal e ensinar-lhes como as manejar convenientemente.

Rama recebeu instrução do sábio Vishwamitra, que o ensinou a utilizar as forças que iam além das suas capacidades físicas. Através da recitação de *mantras* Rama aprendeu a potenciar o poder letal das suas flechas. Foi deste sábio que o herói recebeu o armamento que poderia utilizar no combate contra o pérfido Ravana e os seus aliados.

Luke recebeu a sua primeira formação com Obi-Wan Kenobi (mais tarde teria a instrução de Yoda),

um dos últimos Mestres Jedi sobreviventes após o extermínio promovido pelo Imperador Palpatine, líder máximo do malvado Império Galáctico. Obi-Wan ensinou o jovem herói a utilizar o sabre de luz, a arma por excelência de um Cavaleiro Jedi, e a tomar contacto com a misteriosa Força. Tal como ocorria com Rama, Luke não devia confiar somente nas suas capacidades físicas e técnicas mas aprender a controlar o seu mundo psíquico (sede das emoções e da razão) de modo a que a sua consciência pudesse entrar na sua dimensão mais subtil e extrair a sua força daí.

Afigurado Mestre é extremamente importante porque é quem ajuda o herói a perceber a sua verdadeira natureza. Tal como um jardineiro vai cortando as ervas daninhas e trata convenientemente da terra para que as plantas tenham o ambiente adequado para o seu desenvolvimento, também o Mestre vai

ajudando o seu discípulo a ir identificando não só as suas debilidades, para as poder erradicar, mas também as suas forças, para que as possa potenciar. Este é o primeiro impulso que o herói necessita, a constituição da sua identidade.

Outro ponto comum é o da aventura de ambos os personagens ter como elemento de ignição o rapto de duas princesas: o de Sita, no *Ramayana*; e o de Leia, em *Star Wars*.

No primeiro caso, Sita, esposa de Rama, é raptada por Ravana, que tinha ficado encantado com a sua beleza e quis tomá-la como esposa. Com a princesa nos seus braços, o pérfido governante parte no seu carro alado rumo aos seus domínios, na ilha de Lanka. Os gritos de Sita são ouvidos por Jatayu, uma enorme ave divina, que tenta impedir o rapto. Porém, os seus esforços são infrutíferos, pois Ravana consegue fugir após lhe ter cortado as asas. Agonizando, Jatayu é encontrado por Rama e relata-lhe o rapto.



Sita. Public Domain

No segundo caso, a princesa Leia, encontrando-se em viagem, vê a sua nave abordada pela de Darth Vader e é feita prisioneira por este. Porém, antes de ser aprisionada, Leia consegue enviar o simpático robot R2-D2 com uma mensagem de ajuda para Obi-Wan Kenobi, um antigo Jedi. A cápsula onde o robot parte, na companhia de outro, C3PO, aterra no planeta Tatooine, onde ambos acabam por ser comprados pelo tio de Luke Skywalker. Ao estar a verificar a condição dos androides, Luke depara-se com a gravação feita por Leia. Após algumas peripécias, Luke e os dois androides acabam por encontrar-se com Obi-Wan, que ouve o pedido de ajuda.

Os raptos das princesas obrigam os heróis a saírem do seu lar, do seu mundo conhecido, obrigando-os a dar o salto para o desconhecido. É o abandono da zona de conforto, onde todos sabemos como as coisas são e sabemos como lidar com as circunstâncias. Sair desta zona é difícil, como se pode ver pela reação de Luke Skywalker quando é convidado por Obi-Wan para vir com ele resgatar a princesa. O jovem afirma que não pode, que tem trabalhos na quinta e não podia abandonar os seus tios, que o tinham criado desde criança. Esta cena demonstra a resistência que existe em cortar os vínculos estabelecidos. O lar, a família, a ocupação laboral são elementos que parecem justificar a sua existência e embora ele sonhasse em ser piloto da Academia, o que lhe iria permitir viajar por muitas galáxias e estar no centro de muitos episódios aventureiros, no momento em que a oportunidade se apresenta, ele hesita. Somente quando retorna à quinta do seu tio e constata que os seus familiares foram mortos pelas tropas imperiais é que se decide a agir, porém, movido pela raiva originada pela dor da perda dos seus familiares e não pelo sentido de missão ou por um súbito arrebatamento de coragem.

Embora a presença do Mestre seja importante, os heróis também necessitam de um apoio próximo, de alguém em quem possam depositar parte do seu fardo e auxiliá-los nos momentos de maior dificuldade. Assim, todo o herói tem companheiros de jornada com quem partilharão as alegrias e tristezas do caminho que têm de seguir.

No caso de Rama ele conta com o apoio do seu irmão Lakshman e de Hanuman, da tribo dos vanaras, o povo-macaco. Ambos são fiéis seguidores de Rama, mostrando uma total dedicação à causa do seu príncipe.

Lakshman é o protótipo do irmão, leal e sempre presente. Isto pode-se constatar no episódio da condenação de Rama ao exílio. Lakshman não quis permanecer no palácio e imediatamente se disponibilizou para acompanhar o seu irmão para a floresta onde este iria cumprir a pena. Lakshman é, também, o conselheiro e neste caso simboliza a inteligência, a capacidade de discernir, ajudando o herói em diversas situações a tomar a decisão mais acertada. O seu papel de protetor também é relevante, pois não só protege Rama mas, também, a esposa deste, Sita. Foi por não ter respeitado as indicações de Laskhman de não ultrapassar o sulco de proteção que ele tinha traçado em volta da casa onde viviam que Sita foi raptada por Ravana.

Hanuman é o símbolo do perfeito devoto, daquele que tendo encontrado o seu Mestre, lhe dedica o seu Amor incondicional. Está sempre disponível para as mais diversas necessidades, quer seja o combate como a busca de uma erva que cura e, apesar das suas elevadas qualidades guerreiras, é muito humilde.

É com estes valorosos companheiros que Rama parte para resgatar Sita.

Por seu lado, Luke Skywalker contará com o apoio de um contrabandista, Han Solo, e do seu companheiro wookie, o peludo Chewbacca. O primeiro é similar a Lakshman na inteligência que possui, o que lhe possibilita encontrar a melhor solução mesmo nas situações mais complicadas. No início, Han somente se disponibiliza a ajudar o herói por dinheiro, mas ao longo da aventura o seu egoísmo vai-se diluindo para dar passagem à sua parte mais generosa e altruísta,

terminando por fazer com que se junte à causa de combater o Império e impor a Justiça na galáxia. De um contrabandista que pensava somente em dinheiro, acaba por torna-se um companheiro leal com o qual se pode contar em qualquer momento.



Hanuman mostrando Rama e Sita no Seu coração.
 Public Domain

Chewbacca é o exemplo de parceiro leal, com uma dedicação incondicional e um enorme coração, sempre pronto a proteger aqueles que considera seus amigos. Foi ele que, juntamente com um amigo seu, tinha salvado o Mestre Yoda, décadas atrás, quando foi dada a Ordem 66 de extermínio de todos os Jedi, durante a Guerra dos Clones. É tenaz e corajoso, não se furtando a qualquer combate.



Chewbacca. Pixabay

Os vilões são ambos poderosos e temíveis. Ravana era tão maléfico e o seu poder tão grande que causava instabilidade no mundo dos deuses e no mundo dos humanos. A própria natureza curvava-se perante a sua vontade. Ninguém ousava confrontar a sua cruel e tirânica governação. Ravana é o símbolo das pessoas que mesmo tendo conhecimento e, conseqüentemente, o poder, se deixam corromper pela ganância, pelo egoísmo e pelo desejo. Ele caiu na rede de *Tamas*², a inércia, a não-ação. Quem segue o caminho do conhecimento deve continuamente procurar eliminar as suas impurezas, de modo a que elas não contaminem a mente e esta possa livremente elevar-se em busca da compreensão da natureza humana, das leis da Natureza e da própria Vida que percorre todo o Universo. Quando esse combate não é travado, tal como a erva daninha que vai crescendo num jardim, também os defeitos e vícios vão ganhando espaço no interior do ser humano. Manchado pelas impurezas Ravana torna-se um ser destrutivo, deixando-se inebriar pelos seus desejos, e fazendo tudo aquilo que estes lhe ordenarem. O que ele quisesse, simplesmente tomava.

² Uma das três qualidades da matéria no Hinduísmo, juntamente com *Rajas* (ação impulsiva) e *Sattva* (harmonia).



Ravana. Rei de Lanka. Creative Commons

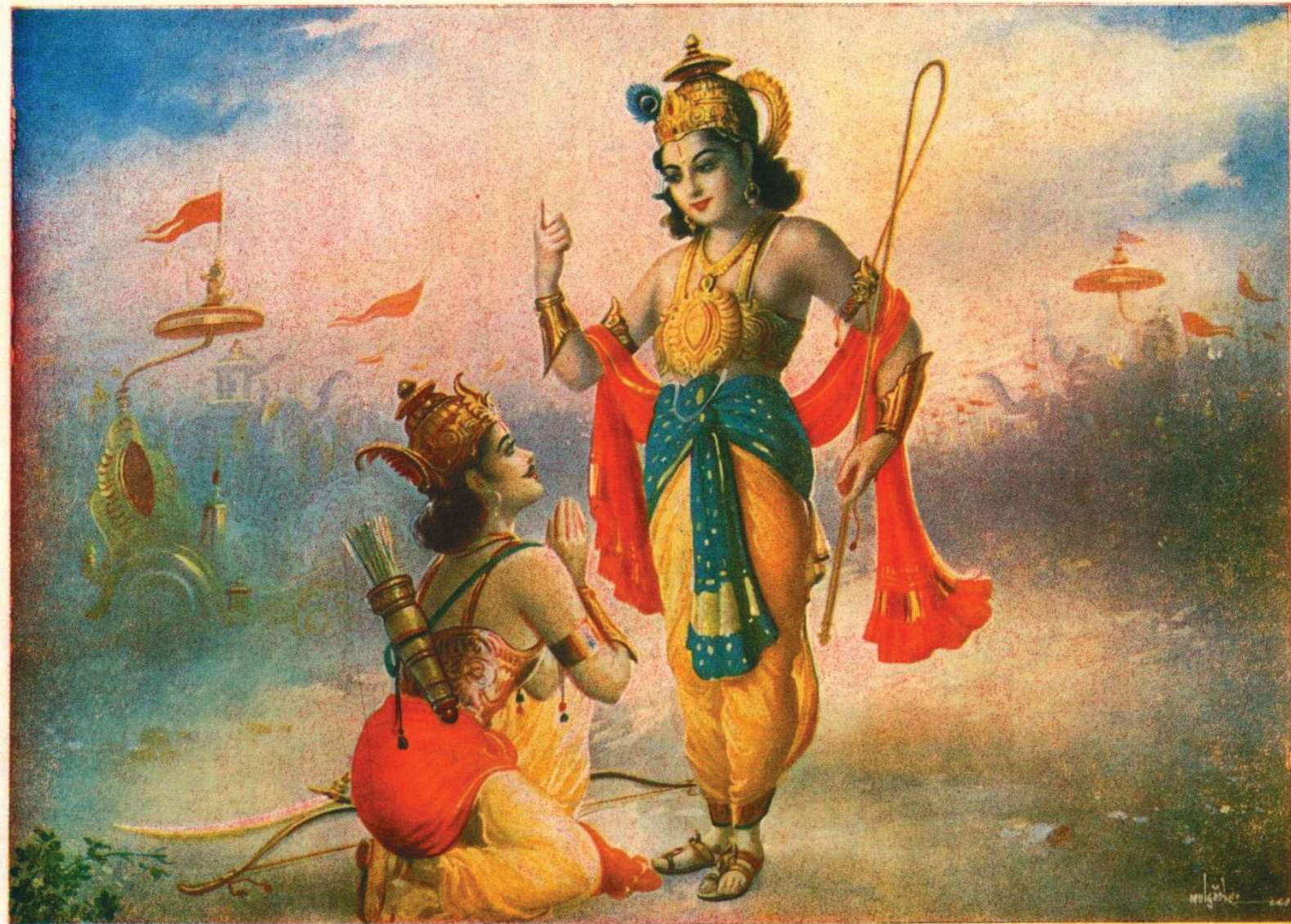
Este desejo de posse foi aquilo que formou o maléfico Darth Vader, de *Star Wars*. Tal como Ravana, também ele tinha conhecimento e poder, mas movido pelo medo de perder a sua amada, deixou-se seduzir pelo lado negro da Força, com a promessa de que iria conhecer os segredos da imortalidade e que ambos poderiam viver juntos para sempre. O desejo de posse (ter a pessoa amada sempre a seu lado) fez surgir o medo da perda; do medo surgiu a raiva e, conseqüentemente, a queda para o lado do Mal. Tendo perdido a esperança e a capacidade de amar, Vader torna-se um ser tirânico ao serviço do Império Galáctico, não se coibindo de matar ou torturar utilizando os seus conhecimentos da Força. Ele torna-se um lord Sith, a contraparte negativa dos cavaleiros Jedi.

A jornada do herói, o rapto da princesa, a educação do Mestre, os leais companheiros e o tirânico vilão, são elementos comuns entre estas duas histórias épicas.

Lucas mergulhou nas mitologias clássicas e com os dados ali recolhidos desenvolveu os seus personagens. Ele próprio afirmou que a mitologia ajudava a compreender os motores internos das ações humanas e considerava-a, por isso, como uma espécie de arqueologia psicológica³.

Talvez tenha sido devido a todo este enquadramento que a primeira trilogia de *Star Wars*, (“Episódio IV – Uma Nova Esperança”, “Episódio V – O Império Contra-ataca” e “Episódio VI – O Regresso de Jedi”) tenha tido um impacto tão forte nas pessoas, pois toda a história foi assente em ensinamentos milenares, passados de geração em geração, e que perpetuavam verdades sobre a humanidade: a importância da vivência das virtudes, a superação dos defeitos, o cultivo da parte mais nobre do ser humano, as tentações constantes que procuram mergulhar a consciência humana no lado mais obscuro de si próprio, o esforço necessário para que a dimensão superior humana possa ser mantida. Estas são lições que se mantêm a sua essência mas que se vão transformando externamente assumindo a forma de mitos tão diferentes como o *Ramayana*, a *Iliada*, o *Mito de Gilgamesh* ou, na nossa época, *Star Wars*.

³ Entrevista a Bill Bradley no dia 7 de Março de 2012, na SiriusXM Radio.



A revelação do Bhagavad-Gita. Public Domain.

A Filosofia da Índia e os Oito Tipos de Riquezas

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

Quanto mais reflectimos sobre os ensinamentos filosóficos da Índia, mais nos apercebemos do seu alcance. Os clássicos, sejam do Egipto, Grécia e Roma, Índia, China, Japão, etc, etc, são sempre de grande actualidade, e não poucos se apropriam subrepticamente das suas vestes douradas.

Quando nos falta a imaginação, há os clássicos; quando nos sentimos pobres, há as suas riquezas, que devemos honrar e não simplesmente roubar; quando atravessamos o deserto, há as suas águas puras, que devemos beber mas não encher com a nossa imundície moral e egoísmo.

E se falamos de riquezas, é uma tarefa árdua definir o que é realmente a riqueza! É o que necessitamos? Sim, claro, e muito mais do que isso. É aquilo que podemos trocar por honra, ou respeito e consideração, ou por aquilo que podemos comprar, adquirir, usar e gastar, como ouro ou riqueza de cartão de crédito? Sim, talvez, mas esta riqueza de dinheiro ou de propriedades é uma visão muito limitada de todo o significado desta palavra. Aristóteles disse que o perigo dos ricos é que eles começam por comprar coisas e acabam por querer comprar almas.

E Sêneca, no seu “Tratado de Benefícios”, diz que a única verdadeira riqueza é a vontade, uma vez que o valor de um presente reside unicamente na vontade que está por detrás desse acto. E se as outras riquezas recebem esse nome, é apenas como uma cristalização da nossa vontade.

De facto, é bem conhecido que o valor que colocamos em algo está associado à nossa vontade, ao nosso esforço para o adquirir ou conquistar ou merecê-lo. Os atletas adoram as suas capacidades adquiridas, suportando todo o tipo de fadiga, e os culturistas, como um político espanhol cujo nome não quero recordar, a tábua do seus abdominais, depois de tere entregue o seu país à infâmia e de nos terem feito cúmplices do genocídio legal de uma guerra imoral. Mas também consideramos as riquezas da Fortuna, quer as tenhamos merecido ou não, ou os dons que vêm do Céu como um orvalho.

A riqueza é a luz, o ar, as águas puras, as florestas amigas, a música e o silêncio, a paz, ou o entusiasmo dos combates e os desafios, porque a riqueza é a madeira para o fogo, e talvez também o fogo para a madeira. A riqueza é a claridade do céu e o sorriso da estrela, a palavra amiga, o remédio que cura, etc, etc. E talvez a maior riqueza seja uma consciência desperta para todas elas, por que aquele que conhece a suas riqueza é rico e pode invocá-las e usá-las. Riqueza é independência e a liberdade, e também o serviço, a fidelidade e o dever. As riquezas são os sonhos da alma, a inspiração, a filosofia como música mental, as cintilações da intuição que depois

se tornam certezas, as memórias que afirmam a verticalidade do que somos, porque riqueza é a memória, na qual o passado não se perde, mas está vivo. Riqueza é a atenção que nos dão e, mais ainda, a atenção que damos. Riqueza é a flor que se abre e a mão que dá, a raiz que sustenta e o caule que eleva, e a seiva que alimenta, a riqueza é o fruto desejado. Riqueza é o benefício concedido e o benefício recebido. Riqueza é honestidade e pureza, ainda mais do que juventude e beleza, e é também maturidade e experiência.

A verdadeira riqueza não é prisão, nem medo, nem domínio cruel, nem subjugação, nem o que compramos mas não nos pertence, nem o que não está unido à nossa vontade, por mais que o chamemos de nosso, como aquele que compra hectares em Marte ou crateras de Plutão, ou estrelas, como no Pequeno Príncipe. Como diria Demóstenes, não sabemos se é ou não riqueza, a sombra do burro, pois a árvore pode ser nossa, mas e a sombra que projeta?

Riqueza não deve ser aquilo que amaldiçoa o que tocamos, e o que é adquirido por roubo, ou injustiça ou violência é assim.

Riqueza devem ser as virtudes, verdadeiras jóias espirituais na alma humana, cristalizando alquimicamente a luz das estrelas dum firmamento moral. Riquezas são as oportunidades e a pobreza perdê-las. E acima de tudo riqueza é o tempo, permanente da nossa vida, e a mais lamentável pobreza o que se dissipa no banal e infrutífero. A alma da riqueza é a bondade, assim como a luz é a da cor.

E se disséssemos que a maior riqueza é a consciência, é por isso que na Filosofia da Índia, a deusa das riquezas, Lakshmi, é também a deusa do Amor e a estrela Vénus, a mente desperta, e recebe epítetos, por exemplo no Skanda Purana: “aquela que guarda as estrelas no seu coração” ou “números” (porque a mente é a alma dos números, e sem consciência a mente não existe). O epíteto que sempre acompanha a ela, Sri, significa esplendor, brilho, beleza.



Deusa Lakshmi emergindo de um lótus. *Public Domain*

A figura geométrica associada a esta deusa é a Estrela de Oito Pontas e refere-se, então, a oito formas de riqueza. Numerar as formas da riqueza, ou tentar entender a sua natureza é algo que raramente fazemos, até esse ponto associamos o conceito de riqueza ao dinheiro ou ao estado da conta bancária. E, no entanto, a filosofia hindu as vincula às oito direções do espaço, como a Rosa dos Ventos.

Se as vestes de Lakshmi são amarelas e vermelhas, o ouro e o sangue, a luz e a vida, estes filósofos definem estas oito riquezas como:

As monetárias, sinal de abundância, ouro e jóias, e na sua principal festa o Diwali, Festival das Luzes, Ano Novo na Índia, compram e dão, são oferecidos presentes, e à Deusa, incenso, flores, moedas, que são depositadas nos rios sagrados em barcos de papel.

Riquezas de continuidade: filhos, discípulos ou obras realizadas. A riqueza de uma mãe são os seus filhos, a do professor os seus discípulos e a do artista ou o criador, ou do homem, em geral, as obras realizadas. São riquezas que superam o tempo, são a irradiação ou esplendor que rodeia os seus criadores, justificam a passagem pela vida, sintetizam a marca deixada nela pela alma.

Valentia: Desde logo que aquele que ultrapassa as dificuldades e tem a coragem de enfrentar a adversidade é rico. Como diz Henrique V na peça de Shakespeare, “tudo está pronto se o nosso espírito estiver pronto”, nada mais é necessário, então somos ricos. Pois a riqueza não é apenas ter muito, mas mais ainda não precisar de nada, aí reside a verdadeira riqueza interior, a “ausência de paixão” dos estóicos.

Riqueza de fertilidade: como os financeiros sabem, o anúncio ou promessa de riqueza já é riqueza. Expressa também a riqueza dos Sonhos da Alma, dos Ideais e do cálice de ouro do coração que é capaz de recebê-los no seu seio, ou as de uma mente que, embora ainda não tenha aprendido nada, está aberta a tudo, como a terra arejada e rica disposta a receber as sementes. Também, o discípulo é rico por estar com o mestre e com o seu coração e a mente abertos.

Riqueza de educação e conhecimentos: É rico, quem tem uma boa educação embora não possua mais nada, rica é a alma nobre desperta para valores atemporais. Rico também é o de conhecimentos abundantes, com vestígios luminosos dos mesmos na sua memória e intimidade. Rico é o que tem recordações, e todos querem imitar a riqueza de quem leu muitos livros (e às vezes leem-se resumos deles, ou simplesmente títulos, para se gabar de tê-los lido, o que embora mentindo e mentindo-se, significa que se considera uma riqueza, a riqueza da cultura). Se inclui aqui riqueza em habilidades e em contatos, em amizades, riqueza potencial que se pode transformar em poder, em ação. Sêneca associa a riqueza de um Estado com a da amizade e laços amorosos entre os seus cidadãos, a força emana da união, então, aí reside a riqueza.

Riqueza de vitórias: As fraquezas vencidas, as provas superadas, os inimigos conquistados, as experiências como vitórias ao longo do tempo (pois arrancamos as suas riquezas, ainda que com dor), vitórias sobre ignorâncias e fantasias, sobre as tentações que te afastam do Caminho da Vida, que os hindus chamam de Dharma.

Riqueza de sementes: Símbolo das riquezas que nos levam mais além das portas da morte e são sementes de existências e benefícios futuros. Riqueza de futuro, ainda nesta vida, porque a flor se insinua na planta e a árvore no rebento que nasce da semente. É também uma riqueza de experiências e experiências para sempre, como antes, mas de outra perspectiva. Todas as riquezas acima podem não ser de facto, mas já são como sementes: valentia, vitórias, obras, discípulos e filhos, abundância, etc.

O Amor, chamado Adi Lakshmi, onde Adi significa “primeiro”, pois é o mais importante, o alfa e o ómega

da riqueza. Na trilogia “amor, saúde, dinheiro”, esta ordem é a sua importância, a primeira é o Amor. De nada serve o dinheiro sem saúde e sem amor. De nada a saúde sem amor. E o Amor encontra em si a sua plenitude, o seu princípio e o seu fim (outro dos nomes que a Deusa recebe é precisamente, “sem princípio nem fim”). Esta Deusa, Lakshmi, é acima de tudo a Deusa do Amor, a Boa Vontade, a grande riqueza. Todas as outras, como na parábola bíblica, nos serão dadas por adição.

Examinando a realidade desta forma, quem se considera pobre pode ver que é rico, muito rico, e quem se vangloria banalmente saberá que ainda tem um longo caminho a percorrer, ou pior, que àquilo que acreditava ser a sua circunferência faltava o centro... e assim é fácil perder tudo e é preciso renovar-se no cálice de ouro de Lakshmi para voltar a viver, voltar a sorrir, voltar a amar.



Os exércitos Pandava e Kaurava se enfrentam. Public Domain

curso



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.

pandava
व इवतेवैरवेरवे वेव नवेवैव

**PANDAVA É UMA REVISTA
INTEIRAMENTE REALIZADA
POR VOLUNTÁRIOS DA
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT